

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

KAREN SAMPAIO BRAGA ALONSO

CONSTRUÇÕES BINOMINAIS QUANTITATIVAS E CONSTRUÇÃO DE
MODIFICAÇÃO DE GRAU: uma abordagem baseada no uso

Rio de Janeiro

Janeiro de 2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

CONSTRUÇÕES BINOMINAIS QUANTITATIVAS E CONSTRUÇÃO DE
MODIFICAÇÃO DE GRAU: uma abordagem baseada no uso

Karen Sampaio Braga Alonso

Tese de Doutorado submetida ao Programa de
Pós-Graduação em Linguística da
Universidade Federal do Rio de Janeiro –
UFRJ, como parte dos requisitos necessários
para a obtenção do título de Doutor em
Linguística.

Orientador: Prof. Doutor Mário Eduardo Toscano
Martelotta

Co-orientadora: Lílian Vieira Ferrari

Rio de Janeiro
Janeiro de 2010

ALONSO, KAREN SA MPAIO BRAGA

Construções binominais quantitativas e construção de modificação de grau: uma abordagem baseada no uso [Rio de Janeiro] 2010.

152f. 29,7 cm (Faculdade de Letras/UFRJ, Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2010.

Tese – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras.

1. Construção Nominal Quantitativa. 2. Grau. 3. Quantidade. 4. Linguística Baseada no Uso - Teses. I. Martelotta, Mário Eduardo Toscano (Orient.). II. Ferrari, Lílian Vieira (Co-orient.) III. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Linguística. IV. Título.

Construções binominais quantitativas e construção de modificação de grau: uma
abordagem baseada no uso

Karen Sampaio Braga Alonso

Orientador: Professor Doutor Mário Eduardo Toscano Martelotta

Co-orientadora: Professora Doutora Lílian Vieira Ferrari

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Examinada por:

Presidente, Prof. Mário Eduardo Toscano Martelotta

Profa. Doutora Lílian Vieira Ferrari (Co-orientadora) – PPG Linguística, UFRJ

Profa. Doutora Mariângela Rios de Oliveira – UFF

Profa. Doutora Maria Maura da Conceição Cezario – PPG Linguística, UFRJ

Profa. Doutora Ana Flávia Lopes Magela Gerhardt – PPG Letras Vernáculas – UFRJ

Profa. Doutora Roza Maria Palomanes Ribeiro – UNIGRANRIO

Profa. Doutora Deize Vieira dos Santos – Faculdade de Letras – UFRJ, Suplente

Profa. Doutora Maria Lúcia Leitão de Almeida – PPG Letras vernáculas – UFRJ, Suplente

Rio de Janeiro
Janeiro de 2010

Dedico este trabalho ao Mário e ao Alexandre,
por estarem presentes em todos os momentos.

Dedico este trabalho à Roberta (in memoriam).
Que Deus esteja com você.

Dizemos que entendemos seu significado quando conhecemos seu uso mas também dissemos que a palavra “conhecer” não denota um estado de consciência. Isto é: a gramática da palavra “conhecer” não é a gramática de um “estado de consciência”, mas algo diferente. E há apenas uma maneira de aprendê-lo: ver como a palavra é usada na prática.

Wittgenstein

ALONSO, Karen Sampaio Braga. **Construções binominais quantitativas e construção de modificação de grau: uma abordagem baseada no uso**. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

Este trabalho pretende descrever as construções binominais quantitativas do tipo *um N1 de N2* (ex: *um litro de leite, uma cambada de crianças, um pouco de pão* etc.) em termos de suas propriedades como pareamento de forma e sentido. A pesquisa se baseia da perspectiva da Linguística Baseada no Uso, em que a gramática é vista como moldada pelo discurso, sendo a análise linguística realizada sob um ponto de vista cognitivo-funcional. Sendo assim, a partir da análise de exemplos retirados dos *corpora* do Grupo de estudos *Discurso & Gramática* (referente aos informantes do Rio de Janeiro) e de 6 inquéritos entre dois informantes retirados do site do Projeto *NURC*, foram encontradas quatro construções relativas a *um N1 de N2*, a saber: a) uma construção relacionada ao processo de extração de unidade ou porção – *Num N1 de Nsing2* –, em que *um* é numeral, *N1* exprime quantidade específica e *N2*, tomado como incontável ou contínuo, tende a aparecer no singular; b) uma construção relacionada ao processo de multiplexização – *Num N1 de Npl2* – em que *um* é numeral, *N1* exprime quantidade específica e *N2*, tomado como contável ou discreto, tende a aparecer no plural; c) uma construção relacionada ao processo de extração de unidade ou porção associado à avaliação subjetiva do falante a respeito da quantidade referida por *N2* – *Art Indef N1 de Nsing2* – em que *um* é artigo indefinido, *N1* exprime quantidade indeterminada e *N2*, tomado como incontável ou contínuo, tende a aparecer no singular; d) uma construção relacionada ao processo de multiplexização associado à avaliação subjetiva do falante a respeito da quantidade referida por *N2* – *Art Indef N1 de Npl2* – em que *um* é artigo indefinido (que pode ser substituído por *uma*), *N1* exprime quantidade indeterminada e

*N*2, tomado como contável ou discreto, tende a ser pluralizado. Considerando isso, a pesquisa pretende avaliar como esses quatro padrões vão se gramaticalizando ao longo do tempo, procurando estabelecer relação de herança entre eles, uma vez entendido que o licenciamento de um se deve à pré-existência de outro. Pretende-se, além disso, apresentar uma proposta de descrição da relação entre construções binominais quantitativas e construções de modificação de grau do tipo *um N Adj* (a exemplo de *um pouco cansada, um bocado triste*, etc.).

Palavras-chave: Construção Nominal Quantitativa. Grau. Quantidade. Linguística Baseada no Uso.

ALONSO, Karen Sampaio Braga. **Construções binominais quantitativas e construção de modificação de grau: uma abordagem baseada no uso**. Thesis (Doctorate in Linguistics) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

The aim of this work is to describe binominal quantitative constructions related to the expression *um NI de N2* (e.g. *um litro de leite, uma cambada de crianças, um pouco de pão* etc.) in terms of their properties as a form-function pairings. The research is based on the perspective from the Used-based Linguistics, where the grammar is seen is modeled in discourse, and the linguistic analysis made by a cognitive-functional point of view. Considering that, from examples found on *corpora* of Discourse and Grammar Research Group (related to speakers from Rio de Janeiro) and on 6 dialogues between two speakers found on website of NURC, four constructions were found: a) a construction related to the unit-excerpting process – *Num NI of Nsing2* –, where *um* is numeral, *NI* indicates specific quantity and *N2*, interpreted as uncountable or continuous, tend to appear in a singular form; b) a construction related to the multiplexization process – *Num NI of Npl2* - where *um* is numeral, *NI* indicates specific quantity and *N2*, interpreted as countable or discrete, tend to appear in a plural form; c) a construction related to the unit-excerpting process associated to a subjective perspective in respected to the quantity referred by *N2* – *Indef Art NI of Nsing2* –, where *um* is a indefinite article, *NI* indicates non-specific quantity and *N2*, interpreted as uncountable or continuous, tend to appear in a singular form; d) a construction related to the multiplexization process associated to a subjective perspective in respected to the quantity referred by *N2* – *Indef Art NI of Npl2* –, where *um* is a indefinite article, *NI* indicates non-specific quantity and *N2*, interpreted as countable or discrete, tend to appear in a plural form. Considering that, the research intent to analyze how this four patterns will be grammaticalized throw the time, trying to establish inheritance relations between them, if it is understood that

one pattern licenses another one. Another aim of this work is to describe the relation between binominal quantitative constructions and degree modifier constructions, like *um N Adj* (e.g. *um pouco cansada, um bocado triste, etc.*).

Key words: Binominal Quantitative Constructions. Degree. Quantity. Used-Based Linguistics.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 REVISÃO DA LITERATURA.....	22
3 POR UMA GRAMÁTICA BASEADA NO USO.....	37
4 A GRAMATICALIZAÇÃO NA BASE DA MUDANÇA LINGUÍSTICA.....	46
5 A URGÊNCIA DE UMA GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES.....	54
6 UM NI DE N2: CONSTRUÇÕES EM FOCO.....	61
6.1 O PADRÃO <i>NUM NI DE NSING2</i>	62
6.2 O PADRÃO <i>UM NI DE NPL2</i>	78
6.3 O PADRÃO <i>ART INDEF NI DE NSING2</i>	86
6.4 O PADRÃO <i>ART INDEF NI DE NPL2</i>	95
7. A REDE CONSTRUCIONAL.....	109
7.1 CONFIGURAÇÃO DA REDE.....	110
7.2 A RELAÇÃO ENTRE <i>NUM NI DE NSING2</i> E <i>NUM NI DE N2</i>	112
7.2.1 O que dizem os dados.....	114
7.3 A RELAÇÃO ENTRE <i>NUM NI DE NSING2</i> E <i>ART INDEF NI DE NSING2</i>	120
7.3.1 O que dizem os dados.....	124
7.4 A RELAÇÃO ENTRE <i>ART INDEF NI DE NSING2</i> E <i>ART INDEF NI DE NPL2</i>	131
7.4.1. O que dizem os dados.....	132
7.5 A RELAÇÃO ENTRE <i>NUM NI DE N2</i> E <i>ART INDEF NI DE N2</i>	135
7.5.1 O que dizem os dados.....	136
7.6 SÍNTESE DO QUE FOI VISTO.....	138
8 AMPLIAÇÃO DA REDE DE CONSTRUÇÕES.....	141
8.1. O QUE DIZEM OS DADOS.....	143
9 CONCLUSÃO.....	147
REFERÊNCIAS.....	150

1 INTRODUÇÃO

Uma das primeiras questões que provocaram o desenvolvimento desta pesquisa (sobre as construções¹ binominais quantitativas) coloca-se em torno do fato de que, quando se ouve a sentença *Chegou uma dúzia de crianças*, é possível depreender daí pelo menos dois sentidos diferentes (considerando certas especificidades de contexto):

S₁: Chegaram doze crianças.

S₂: Chegou uma quantidade indeterminada de crianças.

A partir daquela sentença e dos dois sentidos dela derivados, surgiu a seguinte pergunta: esses significados distintos exigiriam igualmente codificações sintáticas distintas ou a sintaxe se mantém a mesma para ambas as leituras? Em outras palavras, há diferença na interpretação sintática de *uma dúzia de crianças* significando doze crianças e de *uma dúzia de crianças* expressando quantidade indeterminada de crianças?

Para começar a buscar possíveis respostas a esses questionamentos, pode-se pensar em como a ideia de quantidade é codificada na linguagem. Desde pequenos, os seres humanos lidam com a noção de quantidade e, por conseguinte, com a de quantificação. Ao longo de toda a sua vida, são-lhes requeridos conhecimentos em torno de mecanismos como somar elementos, compará-los em termos de sua dimensão, tamanho, dividi-los em grupos, identificá-los como partes de um todo, etc. Esses diferentes meios de quantificação podem ser expressos na língua em pelo menos três níveis gramaticais distintos, a saber:

- Morfológicamente, por meio de morfema de número, como em *casa*∅ e *casas*.
- Lexicalmente: por meio de quantificadores, como *muito* e *pouco*.
- Sintaticamente, por meio de construção do tipo Modif N (ex: *pouco(s) livro(s)*; *quatro crianças*; por meio de construções binominais do tipo um(a) N1 de N2 (ex: *um monte de coisas*, *uma dúzia de crianças*); por meio de modificação por SP (ex: *gente à beca*); por meio de construções comparativas (ex: *mais X que*, *menos X que*, *tanto/tão X que*).

Nesse sentido, o presente trabalho tem por objetivo descrever as construções gramaticais atreladas restritamente à estrutura binominal quantitativa do tipo *um N1 de N2*, a

¹ O termo construção está sendo tomado tal como descrito em Goldberg (1995). A teoria da gramática das construções proposta pela autora será tratada mais adiante, em capítulo específico.

exemplo de *uma dúzia de crianças, um litro de leite, um pouco de arroz, uma cambada de gente*, etc., como já mencionado acima. Em outros termos, a pesquisa parte da proposta de que há diferentes construções que poderiam ser postuladas a partir da junção de *um + nome1 + de + nome2* (estrutura por vezes referida, de forma mais geral, durante a pesquisa, como *um N1 de N2*), entendendo que *um quilo de farinha*, por exemplo, poderia instanciar uma construção distinta daquela que é instanciada por *um bocado de gente*, e assim por diante. Dessa forma, a pesquisa procurará responder questões acerca do grau em que essas construções se diferenciam em termos formais (verificando se elas assumem sintaxes distintas ou mantendo uma mesma contra-parte formal) e em termos da função discursiva que assumem na língua.

Com base em análise qualitativa de dados², foram encontradas quatro construções distintas para *um N1 de N2*, as quais serão descritas nesta pesquisa através das propriedades mais tipicamente envolvidas nas respectivas instâncias catalogadas. Tais características envolvem, de maneira geral, os seguintes tópicos:

i) A categoria gramatical em que *um* se enquadra

Um pode ser tomado como artigo indefinido (Art Indef) ou como numeral (Num), dependendo do contexto de uso. Essa distinção categorial implicou diferentes funções discursivas, o que levou à postulação de, pelo menos, dois padrões construcionais: o primeiro, em que o item *um* é tomado como um artigo indefinido; o segundo, em que o item *um* é interpretado como pertencente à classe dos numerais – *Art Indef N1 de N2* e *Num N1 de N2*. É que se pode ver na comparação dos exemplos³ *um pouco de comida* (em que *um* é artigo indefinido) e (*um pedaço de pão*, em que *um* é numeral).

ii) As propriedades semânticas de *N1*

1. *N1* pode indicar quantidade determinada ou indeterminada. Sendo assim, entende-se que construções com numeral se formam com *N1* mais determinado, delimitado, e construções com artigo indefinido se formam com *N1* indeterminado. Para ilustrar essa proposta, tomem-se os exemplos *um litro de leite*

² A análise foi feita com base em dados reais, e a apreciação dos exemplos será realizada no Capítulo 6.

³ Os exemplos foram tomados fora de contexto, de modo meramente ilustrativo, entendendo que ambos são instâncias típicas dessas construções. Interpretados dentro de um contexto, eles poderiam vir a ser considerados de outro modo, no que tange especialmente a identificação do status categorial de *um*.

e *um bocado de leite*. A partir deles, pode-se verificar que, enquanto *litro* apresenta uma quantidade determinada, *bocado* refere-se a uma quantidade indeterminada.

2. *NI* pode se relacionar à noção de extração de unidade porção (de *parte de algo*) ou de multiplexização⁴ (de *um conjunto de algo* ou ainda de *várias unidades de algo*) – ambos os *NI*s entendidos como referentes discretos. Sobre isso, encontrou-se uma construção em que *NI* tem uma referência determinada e se relaciona à ideia de parte, como, por exemplo, em *um quilo de farinha*, em que quilo é tomado como parte, unidade determinada de farinha; e outra, em que *NI* veicula sentido de todo, conjunto determinado de algo, como o que se vê em *um grupo de pessoas*, em que *grupo* indica o conjunto fechado de pessoas. Essa é uma propriedade fortemente vinculada, como os exemplos mostram, às construções com numeral (*Num NI de N2*).
3. *NI* pode representar uma quantidade indeterminada, associada a uma avaliação mais subjetiva do falante. Por exemplo, em *um pouco de leite* ou *um monte de canetas*, *pouco* e *monte* não são quantidades determinadas, mas revelam uma avaliação, em termos de *muito* e *pouco*, do falante em relação à quantidade de *N2* (nos exemplos, *leite* e *canetas*). Em outras palavras, *um pouco de leite* seria avaliado como uma quantidade pequena de leite, enquanto que *um monte de canetas* seria avaliado como uma quantidade grande de canetas. As duas construções parecem também funcionar, respectivamente, como formas ligadas aos processos de extração de unidade ou porção e de multiplexização, entendido de modo mais subjetivo – isso porque quando se trata de uma pequena quantidade de algo, se está extraíndo parte desse algo e, quando de fala de grande quantidade de algo, esse algo está sendo multiplicado. Essa é uma característica comum às construções com *artigo indefinido* (*Art Indef NI de N2*), conforme ilustram os exemplos.

iii) O grau de gramaticalização das estruturas analisadas

A respeito do grau de gramaticalização das estruturas analisadas na presente tese, observa-se que construções com numeral, *Num NI de N2* (por ex: *um pedaço de carne*), são menos gramaticalizadas do que construções com artigo indefinido, *Art Indef NI de N2* (por ex: *um*

⁴As noções de extração de unidade ou porção e de multiplexização encontram-se descritas em Talmy (2006) e serão apresentadas em mais detalhes, em momento posterior do texto.

bocadinho de coisa). Um argumento para essa proposta reside no fato de que *um* pode aparecer sozinho como resposta a uma pergunta acerca da quantidade apenas como forma curta de uma construção com numeral, mostrando que essas construções apresentam menor entrincheiramento de seus elementos componentes. Ex: *Eu bebi um litro de leite/ Eu bebi um Ø ; Eu bebi um pouco de leite/ *Eu bebi um Ø*.

iv) As propriedades semânticas de N2

N2 pode ser um conceptualizado como nome contável, delimitado ou incontável, tomado como massa, não delimitado bem como contínuo ou discreto. Assim, é possível compreender que, em *um grão de arroz*, *grão* é um referente delimitado, contável que funciona na língua para quantificar ou extrair uma unidade ou porção de *arroz*, que é não-delimitado, incontável; de forma análoga, em *um copo de água*, *copo* é um referente discreto que serve para quantificar *água*, que é contínuo.

Assim, tendo em vista as propriedades anteriormente mencionadas e procurando detalhar de forma mais específica os padrões encontrados, foram selecionadas para análise de quatro instâncias relacionadas, individualmente, a cada uma das quatro construções (ou padrões construcionais) vistas. Antes de analisá-las, entretanto, vale dizer que são de caráter apenas ilustrativo, por representarem instâncias típicas de cada construção, o que não significa dizer que esses mesmos itens não poderiam instanciar mais de um padrão construcional, dependendo do contexto de uso. Dito isso, seguem-se os exemplos⁵ para análise:

um quilo de feijão;
 um grupo de pessoas;
 um pouco de manteiga;
 um monte de crianças.

Observando as instâncias anteriores, foram encontrados quatro possíveis padrões construcionais envolvendo *um N1 de N2*. As propriedades de cada padrão, considerando o pareamento forma e sentido que as estruturas representam, apresentam-se da seguinte forma:

a) *um quilo de feijão*: essa construção, atrelada ao processo de extração de

⁵ Exemplos formulados pela autora.

unidade ou porção, pode ser entendida como aquela em que *um* pertence à classe dos numerais – sendo N1 um quantificador mais determinado – e em que N2 aparece preferencialmente no singular, por conta de normalmente ser instanciado por nome não-delimitado ou contínuo. Sendo assim, entende-se que esse padrão pode ser mais especificamente descrito por *Num N1 de Nsing2*;

b`) *um grupo de pessoas*: essa construção, relacionada ao processo de multiplexização, caracteriza-se pelo fato de que *um* pertence à classe dos numerais – novamente, portanto, N1 sendo um quantificador mais determinado – e de que N2 aparece preferencialmente no plural, porque em geral é instanciado por um referente discreto, delimitado que está sendo conceptualizado de modo multiplicado. A essas propriedades, liga-se o padrão *Num N1 de Npl2*.

c`) *um pouco de manteiga*: a construção se caracteriza pelo fato de associar o processo de extração de unidade ou porção a uma perspectiva mais subjetiva do falante acerca da quantidade descrita. Nesse caso, *um* pertence à classe dos artigos indefinidos – e, com isso, exprime quantidade indeterminada – e N2 aparece preferencialmente no singular pelo fato de ser, normalmente, instanciado por nome não-delimitado ou contínuo – *Art Indef N1 de Nsing2*.

d`) *um monte de crianças*: por fim, essa construção é definida pelo fato de associar o processo de multiplexização a uma perspectiva mais subjetiva do falante perante a quantidade expressa. Novamente, *um* pertence à classe dos artigos indefinidos e indica quantidade imprecisa. Além disso, N2 aparece preferencialmente no plural, por ser instanciado por nome contável, discreto, o qual é multiplicado em termos da sua existência. Esse quarto padrão se fixa como *Art Indef N1 de Npl2*.

Considerando as observações feitas nos itens anteriores, foi possível associar cada uma das instâncias mostradas com um padrão das construções binominais quantitativas, como se vê nos seguintes exemplos:

a`) um quilo de feijão – *Num N1 de Nsing2*

b`) um grupo de pessoas – *Num N1 de Npl2*

c`) um pouco de manteiga – *Art Indef N1 de Nsing2*

d'') um monte de crianças – Art Indef N1 de Npl2

A partir da descrição dos quatro padrões, acredita-se que todos mantenham uma sintaxe básica mais geral – a saber, *um N1 de N2* – sendo lexicalmente especificados, por razão da sua função expressiva na língua portuguesa. Embora essa proposta seja mais detalhadamente descrita nos capítulos referentes à análise de dados, pode-se entender que a resposta àquela primeira questão sobre a possível dupla codificação sintática de *uma dúzia de crianças* está provisoriamente respondida – *uma dúzia de crianças* indicando doze crianças mantém a mesma sintaxe de uma dúzia de crianças significando muitas crianças, sendo que a primeira pertence ao padrão *Num N1 de Npl2* e a segunda, ao padrão *Art Indef N1 de Npl2*.

Avançando sobre a questão da distribuição dessas construções sintaticamente semelhantes na gramática do português, entende-se que as quatro estruturas encontram-se inter-relacionadas, estando distribuídas em uma rede⁶ de construções em que se estabelecem laços de herança entre as estruturas encontradas. Por conta disso, o trabalho também coloca como objetivo a descrição da rede referida, entendendo que essa pode ser mais bem compreendida com base em dados linguísticos de séculos mais remotos do português – uma vez que qualquer descrição de relações de herança entre construções parte de análise diacrônica, em alguma medida.

Tendo isso em vista, interessa, nesta pesquisa, tratar também do modo como tais construções (ou padrões/ estruturas morfossintáticas equivalentes a subtipos de uma mesma construção) se fixam na língua, levando em conta, entre outros fatores, o processo de gramaticalização⁷ como mecanismo de criação de novas configurações sintático-semânticas (TOMASELLO, 2003).

Foi feita também a descrição das propriedades mais típicas de cada construção encontrada e realizou-se uma análise diacrônica, a qual foi importante para o entendimento de como as construções com numeral e com artigo indefinido se relacionam, no sentido de verificar que laços de herança poderiam ser considerados quando comparados dados de diferentes sincronias do português. As respostas encontradas, como se verá ao longo do trabalho, forneceram pistas para o estabelecimento desses laços. Entendendo-os, compreende-se melhor a própria formação dos padrões construcionais descritos.

Por fim, além de tratar do inventário de construções ou subtipos construcionais das

⁶ Novamente, a noção de rede construcional e todo o embasamento teórico que ela implica serão tratados em detalhes, adiante.

⁷ Para a discussão pretendida, optou-se por tomar o conceito de gramaticalização descrito em Tomasello (2003), em vez de seu arranjo mais clássico (HOPPER; TRAUGOTT, 2003).

estruturas binominais quantitativas (*um litro de leite, um pouco de manteiga, uma colher de sal* etc.) bem como de suas relações de herança, procurar-se-á estabelecer uma relação entre construções binominais quantitativas e construções de modificação de grau (intensificadoras), do tipo *um N ADJ* (*um pouco triste, um bocado cansado*, por exemplo), procurando mostrar que construções binominais quantitativas licenciariam as demais, de modificação de grau.

Nesse sentido, defende-se que a noção de quantidade se apresenta como *input* para o entendimento de um outro domínio cognitivo, a saber, o da intensidade. Justifica-se a relação entre essas construções, uma vez que se entende que as noções de quantidade e intensidade se encontram fortemente vinculadas por meio de um laço metafórico em que o domínio-fonte da quantidade é mapeado no domínio-alvo da intensidade, corroborando com a proposta teórica cognitivo-funcional de que se entende um conceito abstrato a partir de um outro, mais concreto, já conhecido (LAKOFF; JOHNSON, 1980; SILVA, 2008; FAUCONNIER, 1997; HOPPER; TRAUGOTT, 2003, entre outros). Ao lado desse fenômeno pragmático, há ainda que se registrar, em alguma medida, os processos de reanálise e gramaticalização⁸ (HOPPER; TRAUGOTT, 2003) das formas envolvidas na passagem de uma construção a outra.

Para tanto, serão apontados alguns dos parâmetros a partir dos quais essa extensão metafórica se sustenta, tendo como base, entre outros, no texto de Silva (2008), que a trata como fenômeno translingüístico. Assim, ratificando o que foi dito antes, é objetivo desta tese realizar análise das mudanças ocorridas ao longo do tempo no português, as quais gerariam um novo padrão (a saber, o as construções de modificação de grau) a partir de um padrão anterior (a saber, o das construções binominais quantitativas). Ainda, entende-se que nem todos os padrões binominais quantitativos estão diretamente envolvidos nesse processo, o que gera a necessidade de se observar qual (ou quais) deles teria licenciado a construção de modificação de grau.

Esta pesquisa se baseia, de modo geral, na perspectiva da *Linguística baseada no uso*, que entende a gramática da língua como resultado de seu uso em situações comunicativas concretas e que considera sua função semântico-pragmática como motivadora da estrutura sintática (GIVÓN, 1995). A análise dos dados se vale, de modo mais estrito, da teoria das construções gramaticais, bem como toma o processo de gramaticalização como mecanismo motivador da formação das construções na língua e, dessa forma, da mudança linguística.

Delimitando, assim, o objeto de estudo desta tese, acredita-se que a análise proposta contribui para os estudos linguísticos, de modo geral, e, em especial, para aqueles que se relacionam com as pesquisas em gramaticalização e em gramática das construções. Além

⁸ Aqui sim entendido classicamente.

disso, a contribuição se faz também, na medida em que as estruturas binominais quantitativas em português aparecem descritas na literatura, mas com abordagens distintas da que se adota nesta pesquisa – o que torna o presente estudo inédito em termos de sua descrição e dos resultados obtidos para o tema proposto.

Para chegar a análise qualitativa, a partir da qual se chegou às quatro construções gramaticais relativas à estrutura *um NI de N2* – a saber, *Num NI de Nsing2*; *Num NI de Npl2*; *Art Indef NI de Nsing2* e *Art Indef NI de Npl2* –, foram observados seis inquéritos entre dois informantes, retirados do site do projeto NURC, e das produções textuais do *corpus* do Grupo de Estudos Discurso & Gramática, referentes aos informantes do Rio de Janeiro. Exemplos que envolvem a estrutura geral *um NI de N2* foram recolhidos, com o intuito de identificar os diferentes padrões gramaticais envolvidos – que, ao final, como já foi comentado, contaram-se quatro.

Ao tratar especificamente de cada padrão, alguns questionamentos surgiram; ocorre que nem todos puderam ser respondidos com os resultados obtidos pela coleta dos dados dos *corpora* citados anteriormente. Para respondê-los, optou-se por ampliar o *corpus* inicial, verificando empiricamente as possíveis respostas a partir de buscas online no site do *Google*⁹. A pesquisa no *Google* foi feita da seguinte maneira: a cada busca, consideraram-se as dez primeiras páginas de resultados. Cada página representa, em média, dez ocorrências da estrutura pesquisada, o que gerou um total de aproximadamente 100 dados de cada uma das instâncias em foco.

Algumas vezes, porém, a procura por alguma instância apresentou como resultado um número pequeno (bem inferior a dez) de exemplos, mostrando a sua pouca produtividade. Esse fato foi observado como tal, sendo considerado como um resultado importante para as interpretações feitas acerca de cada construção. A utilização desse *corpus* complementar se justifica, porque os dados coletados do *Google* representam o português atual em seu uso concreto, o que foi importante para a descrição pretendida – o mapeamento dos usos das construções diretamente relacionadas à estrutura *um NI de N2*, avaliados a partir de dados reais do português de hoje.

Uma vez identificados os quatro padrões através da pesquisa qualitativa mencionada, foi necessária a busca de novo *corpus* para a análise histórica e, assim, foi utilizado o *corpus do português*¹⁰ (DAVIES; FERREIRA, 2006), que reúne textos de diferentes sincronias do

⁹ www.google.com.br

¹⁰ O corpus oferece um vasto conjunto de textos, que somam, aproximadamente, 45 milhões de palavras, incluindo modalidade escrita e oral (para os estágios mais recentes da língua) e exemplos do Português do Brasil e de Portugal (do século XVI ao XX). Dessas, contam-se 550.968, do século XIII; 1.316.268, do século XIV; 2.875.653, do século XV; 4.435.031, do século XVI; 3.407.741, do século XVII; 2.234.951, do

português, desde o século XIII até o século XX. Os textos estão disponíveis online e as buscas foram feitas diretamente pela estrutura *um N de*. Algumas instâncias, como dezena, centena, terço, quarto, entre outras, foram pesquisadas individualmente, pois não constaram nos resultados da busca por aquela estrutura mais geral.

Os dados recolhidos na análise histórica foram selecionados para ilustrar os laços de herança entre as construções analisadas. Dessa forma, os exemplos, avaliados em sua dimensão diacrônica, ilustrariam as relações de herança e funcionariam, assim, como um argumento a mais para se defender os vínculos pretendidos.

Feitos os comentários gerais acerca de como a pesquisa foi realizada, segue-se uma breve descrição em relação ao modo como o texto está organizado. Sobre isso, tem-se que a divisão de capítulos foi feita da seguinte maneira: além deste capítulo introdutório, o capítulo 2 é referente à revisão da bibliografia mais especificamente relacionada com o tema das construções binominais quantitativas; o capítulo 3 diz respeito à abordagem baseada no uso; o capítulo 4 aborda o processo de gramaticalização, bem como a contribuição deste para a descrição da relação de herança entre construções; o capítulo 5 trata especificamente da teoria da gramática das construções, entendida como uma subárea de estudos dentro da Linguística Cognitiva; O capítulo 6 traz a descrição dos padrões construcionais estudados, o capítulo 7 trata das relações de herança entre construções; O capítulo 8 apresenta a relação entre construções binominais quantitativas e construções de modificação de grau; o capítulo 9 traz conclusão do trabalho; ao final, são apresentadas as referências bibliográficas da tese.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Tendo definido o escopo da presente tese – analisar as construções binominais quantitativas relativas a *um N1 de N2* –, parte-se agora para uma breve revisão de como o assunto é tratado na literatura, de modo a se entender um pouco mais sobre ele e de se colherem as bases para a análise que será desenvolvida nos próximos capítulos.

Segundo Azeredo (2008, p. 156),

Substantivos coletivos e partitivos têm em comum uma referência à quantidade dos seres. Chamam-se coletivos os substantivos que se referem aos seres considerados em conjunto, e se chamam partitivos os substantivos que denotam as partes em que se divide a matéria ou um todo.

De acordo com o autor, são exemplos de coletivos substantivos como *cardume*, *manada*, *biblioteca* etc.; são partitivos aqueles que denotam medidas exatas (ex: *metro*, *quilo* etc.) ou inexatas (ex: *punhado*, *fatia* etc.) e se empregam seguidos da preposição *de* e de um substantivo referente à ideia de matéria/ massa (*três metros de pano*, *dois quilos de feijão* etc.). O autor observa, ainda, que outras palavras que designam a noção de “conter” são empregadas da mesma maneira que os partitivos (ex: *uma pá de terra*, *uma jarra de suco* etc.).

Com relação aos partitivos, Quirk et al (1985) avalia que, na língua inglesa¹¹, a partição referente à quantidade pode ser encontrada em nomes incontáveis, que veiculam o sentido mais geral de massa. Alguns nomes partitivos, entretanto, poderiam aferir o sentido de contável ao valor de massa, por meio de estruturas com a preposição *of* (correspondente ao *de*, em português). Nesse sentido, os autores propõem duas colunas, uma de nomes partitivos singulares (ex: *um pedaço de bolo*¹²) e outra de nomes partitivos pluralizados (ex: *dois pedaços de bolo*¹³).

Ainda segundo os autores, a expressão partitiva mais comum é *a piece of* (um pedaço de) e ela pode ser usada tanto com nomes concretos (ex: *a piece of bacon*) quanto com nomes abstratos (ex: *a piece of information*). Além desses partitivos, há outros mais restritos que formam expressões com nomes incontáveis concretos específicos do tipo (*a bar of chocolate*¹⁴, *a sheet of paper*¹⁵).

Além de expressões partitivas com nomes incontáveis, os autores comentam ainda sobre aqueles que envolvem nomes contáveis e outros nomes partitivos diferentes daqueles

¹¹ Considera-se que as observações de Quirk et al (1985) mantêm-se válidas se aplicadas ao português.

¹² No original: “a piece of cake”.

¹³ No original, “two pieces of cake”.

¹⁴ Uma barra de chocolate.

¹⁵ Uma folha de papel.

que se encaixam na estrutura com nomes incontáveis. Essa parece ser uma abordagem ampla e não óbvia do assunto. As expressões partitivas que podem ocorrer com nomes contáveis são do tipo *a packet of cigaret*¹⁶, *a bunch of flowers*¹⁷ etc.

Já quando nomes contáveis aparecem no singular, partitivos como *a piece of* podem aparecer com eles em uma mesma expressão (ex: *a piece of loaf*¹⁸, *a page of a book*¹⁹). Além deles, nomes fracionários também poderiam vigorar nesse tipo de expressão (ex: *a quarter of*²⁰), bem como nomes partitivos que indicam medida (ex: *a liter of wine*²¹, *a kilo of apples*²²).

Sobre o assunto, Mateus et al (2003, p. 364-365) apresentam uma diferença entre construções binominais partitivas e quantitativas, mostrando que as partitivas seriam aquelas em que N2 é determinado por um artigo indefinido ou por um demonstrativo. Já nas quantitativas, N2 não estaria determinado.

Nas palavras dos autores:

As expressões quantitativas, que apresentamos até agora, distinguem-se, sintática e semanticamente, das expressões partitivas, que se ilustra em (104):

- (104) (a) Algumas das maçãs estão verdes.
 (b) Duas das maçãs estão verdes.
 (c) Várias das maçãs estão verdes.
 (d) Algumas dessas maçãs estão verdes.
 (e) Duas dessas maçãs estão verdes.
 (f) Várias dessas maçãs estão verdes.
- (105) (a) Arrumei a maior parte dos livros.
 (b) Trouxe um litro desse leite de que me tinhas falado.
 (c) Comprou dez metros daquele cimento.

Nessas construções e através de diferentes formas de quantificação exprime-se uma parte (vaga ou precisa) de uma entidade previamente determinada; por isso, as expressões partitivas apresentam sempre a forma: exp. de quantidade + de + Art def/ Dem + N.

Diferentemente do que se viu quanto às construções partitivas, as quantitativas não exigiriam, de acordo com os autores, a determinação de N2 – o que pode ser visto na comparação dos seguintes exemplos:

- (1) Um litro desse leite
 (2) Um litro de leite

¹⁶ Um maço de cigarros.

¹⁷ Um buquê de flores.

¹⁸ Uma fatia de pão.

¹⁹ Uma página de livro.

²⁰ Um quarto de.

²¹ Um litro de vinho.

²² Um quilo de maçãs.

Analisando os exemplos 1 e 2, os autores classificariam o primeiro como uma construção partitiva, por conta de determinação de *N2* pelo pronome demonstrativo, e o segundo como quantitativa, por conta da falta do determinante de *N2*. Por conta da proposta de Mateus et al (2003), passou-se a denominar as construções de que trata essa tese de construções binominais quantitativas e não partitivas, já que não estão sendo analisadas aqui aquelas em que *N2* está determinado.

Embora assim categorizadas, não se aceita totalmente o tratamento dados pelos autores, uma vez que se defende que há, por trás de qualquer construção binominal, seja partitiva ou quantitativa, em algum nível a relação parte-todo (a qual, em última instância, estaria relacionada ao processo de extração de unidade ou porção), como se verá em mais detalhes no capítulo 6 da presente tese.

O que parece, na verdade, é que há diferenças pragmáticas em termos da utilização de construções com e sem determinação de *N2*, mas a princípio elas não estariam relacionadas especificamente à presença ou ausência da relação parte-todo, como os autores sugerem. Reconhecido esse fato, deve-se mencionar que as análises realizadas durante a tese se adequariam a construções que Mateus et al (2003) chamam de quantitativas e não àquelas que recebem a denominação de partitivas por parte dos autores.

Tomem-se os exemplos que se seguem:

(3) um pouco de manteiga

(4) um pouco daquela manteiga

Comparando esses dois exemplos, entende-se que a determinação de *N2* envolve algum tipo de especificação da referência expressa por esse nome, entendido como algo já conhecido ou reconhecível pelo contexto. Já *um pouco de manteiga*, por exemplo, funcionaria, aparentemente, mais para identificar uma quantidade indeterminada avaliada como pequena de manteiga do que *um pouco daquela manteiga*, em que se está quantificando uma determinada porção de uma manteiga específica. Ambas, entretanto, estariam relacionadas ao processo cognitivo de extração de unidade ou porção em relação a *N2*, nesse caso, expresso por *manteiga*.

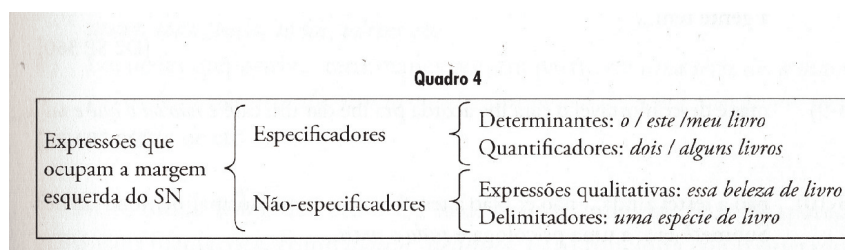
Ainda a respeito do tema deste trabalho, fica entendido que as construções tratadas na presente pesquisa dizem respeito estritamente à estrutura *um N1 de N2*. Em outras palavras, não estão sendo avaliadas construções gerais com numeral (que incluiriam casos do tipo *dois*

litros de leite, três grupos de pessoas, por exemplo) e com artigo indefinido, mas apenas aquelas instanciadas por um (ou *uma*, como em *uma caixa de chocolate*).

Assim, vale a pena avançar no status categorial do item. Sobre esse aspecto, Castilho (1999, p. 138-139) mostra que:

Os determinantes são modificadores que se combinam com os nomes para produzir expressões cuja referência é determinada em termos da identidade do referente, ao passo que os quantificadores são modificadores que se combinam com os nomes em termos do tamanho do conjunto de indivíduos ou em termos da totalidade da substância que está sendo referida.

Uma última observação sobre a estrutura do SN: frequentemente são incluídas entre os especificadores classes que apresentam o conteúdo de N de forma determinada. Entretanto, em nossos dados há locuções prepositivas delimitadoras (como *uma espécie de*, *um tipo de*) que se dispõem antes do alargamento das classes que compõem a margem esquerda do SN de forma a incluir os não-especificadores. Esquemmatizando a margem esquerda do SN ficaria assim:



Em suma, são quantificadores indefinidos (QI) os pronomes indefinidos assim denominados na gramática tradicional. Eles se distinguem dos quantificadores definidos ou numerais. (...) Por ‘indefinido’ entenda-se mais amplamente desde um número indeterminado de objetos (muitos dias) até uma quantidade indeterminada de uma substância qualquer (bastante água), na dependência de ser contável ou não-contável o N que funciona como núcleo do SN respectivo. (...) A classe dos QIs mostra que os dados do mundo podem ser ou na sua totalidade ou na sua parcialidade, em conjunto ou separadamente. Quando se consideram os elementos de um conjunto na sua totalidade., usa-se *todo*, *tudo*; quando se quer referir a não importa qual elemento do conjunto, emprega-se qualquer. Ao considerar apenas alguns elementos de um conjunto, é possível evidenciar apenas um deles (*um*, *algum*, *algo*, *alguém*, *fulano*, *certo*, *tal*), *dois* (*um...outro*, *ambos*), *mais de dois* (*vários*, *diversos*, *poucos*, *menos*, *certos*, *alguns*), ou *muitos* deles (*muito*, *tanto*, *inúmeros*, *bastante*, *demais*, *mais*). De um conjunto pode-se ainda não considerar nenhum elemento (*nada*, *ninguém*, *nenhum*). Como reconhece Chierchia ‘temos uma grande necessidade de relacionar, comparar, contar, etc. as classes de objetos em que nossa experiência se articula’; essa é uma das funções dos quantificadores.”

A mesma autora (CASTILHO, 2008) diz que, no caso do artigo indefinido, fala-se de *pelo menos um*, enquanto que, no caso do numeral, fala-se de *exatamente um*. A partir daí, pode-se entender que construções binominais quantitativas com numeral tenderão a se combinar com nomes (NI) que exprimem quantidades determinadas. Analogamente, nomes de quantidades indeterminadas estarão, em geral, combinados com artigo indefinido.

Para exemplificar esse argumento, considerem-se os exemplos – e suas respectivas explicações – fornecidos por Travaglia (1997, p. 175), em um texto que trata do ensino do

artigo indefinido.

- (3) a – João levou seu sobrinho ao parque. O menino pulou no lago para nadar.
 b – João levou seu sobrinho ao parque. Um menino pulou no lago para nadar.

Em (3) a diferença entre a e b, causada pelo uso de recursos diferentes (artigo definido ou indefinido) na segunda frase do texto, é de referência: em a 'sobrinho' e 'menino' são duas pessoas diferentes. Inclusive o sobrinho de João pode não ser um menino, pode ser um rapaz, um adulto.

Nesse caso, vê-se que *um* pertence, como o próprio autor afirma, à classe dos artigos indefinidos, tendo sido selecionado, em 3b, com relação ao artigo definido, selecionado em 3a. Isto é, em 3b a informação focalizada é a de um menino qualquer, indeterminado. Ademais, pode-se inferir a ideia de que pelo menos esse menino caiu no lago, não importando que outros também tenham praticado esta ação.

Travaglia (1997, p. 174) também apresenta o uso de *um* como numeral, mostrando como ele aparece na língua em oposição paradigmática aos demais numerais cardinais.

- (2) a- O preço da entrada é X.
 b- O preço de uma entrada é X.
 c- o preço de entrada é X.

(2a) é um texto que poderia ser usado em qualquer situação em que se pretende dizer quanto custa a entrada, o ingresso para algo, por exemplo, para um show, um jogo no estádio, cinema, parque de diversões, etc., inclusive poderia responder à pergunta 'Qual é o preço da entrada?', 'Quanto custa a entrada?'. Já 2b só poderia ser usado, por exemplo, em uma situação em que se discute o preço da entrada para se comprar uma só ou muitas. Talvez como parte de um texto maior como 'O preço de uma entrada é R\$10,00, mas quando a gente compra mais de dez, eles fazem cada uma a R\$ 7,00 e mais de cinquenta, eles fazem a R\$ 5,00'. Ou então, poderíamos ter, por exemplo, uma situação em que alguém destaca o preço de uma entrada para colocar que não há dinheiro para comprar a quantidade desejada como em 'O preço de uma entrada é R\$ 10,00. Para irmos os dez ao parque não dá porque só temos R\$ 80,00'.

Nesse caso, está sendo focalizada a unidade única expressa por *uma*, que se opõe a outras quantidades como dez e cinquenta. Neste caso, a especificação da quantidade é importante, porque dela depende o valor que será pago no total da compra.

Esses exemplos mostram que os usos de *um* como artigo indefinido ou como numeral assumem funções distintas na língua, sendo interpretados de acordo com o contexto em que o item é empregado. Da mesma forma, construções binominais quantitativas com *um* variam em relação à interpretação dada a este elemento: uma mesma combinação de itens, inclusive, pode ser entendida como construção com numeral ou com artigo indefinido, a depender da situação comunicativa.

Vejam-se os casos de:

- (5) Tem um grupo de crianças ali na sala.
 (6) Entra só um grupo de crianças de cada vez na sala.

Comparando os exemplos 5 e 6, entende-se que a expressão *um grupo de crianças* pode ter sua interpretação mais fortemente orientada²³ para instanciar uma construção com artigo indefinido, em 5, ou com numeral, em 6. A interpretação flutua, e o próprio falante em muitos casos não é consciente dessa variação – já que ela importa pouco, muitas vezes, para a interpretação final da sentença, durante a comunicação. Em termos de análise da estrutura linguística, porém, parece ser de grande interesse o entendimento de como esses dois domínios (do numeral cardinal e da indeterminação) se relacionam e em que medida essa relação enriquece nosso entendimento do português – o que será discutido no decorrer do trabalho.

Aliado a isso, pode-se ainda levar em conta aspectos da história da língua portuguesa. NUNES (1975 apud GONÇALVES, 2007), por exemplo, esclarece a relação direta entre o numeral cardinal *um* e o artigo indefinido masculino singular *um* por meio de observação diacrônica, mencionando, inclusive, que tal relação tem início não no português, mas no romance. Isso parece ratificar a proposta de aproximação das construções com numeral e com artigo indefinido, no sentido de tentar provar algum laço de herança entre elas, a partir de análise diacrônica – o que será realizado no capítulo 7 da presente tese.

Um outro ponto importante acerca das partes constituintes das construções binominais quantitativas diz respeito à inserção de N2 na categoria de nome contável, discreto ou incontável, contínuo. Algumas construções (*Num N1 de Nsing2* e *Art Indef N1 de Nsing2*) privilegiam a conceptualização de N2 como massa, incontável; já outras construções (*Num Nt1 de Npl2* e *Art Indef N1 de Npl2*) dão preferência a N2 como nome contável, delimitado.

Nascimento (2008) comenta o tratamento dado à questão da contabilidade dos nomes na língua inglesa, ressaltando que este tema é pouco produtivo em termos de análises do português. De modo geral, em inglês²⁴, os nomes são diferenciados como aqueles que denotam unidades configuracionalmente tomadas como limitadas, individualizadas, em oposição àqueles que denotam unidades entendidas como massa, não-delimitadas. No entanto, como os autores advertem, essa distinção não se explica plenamente em termos de propriedades dos objetos do mundo extra-linguístico (NASCIMENTO, 2008, p. 28-29), na

²³ Entendendo essa orientação nos limites que o grau de artificialidade do contexto permite.

²⁴ Acredita-se que a proposta vale igualmente para o português.

medida em que se reconhece que a noção de contabilidade envolve processos cognitivos mais complexos do que a descrição pode alcançar.

Assim, contribuindo para a discussão em torno da noção de contabilidade dos nomes, toma-se a proposta de Talmy (2006). O autor, baseando-se na premissa de que uma sentença é formada por dois subsistemas: o gramatical e o lexical, defende que, para tratar da contabilidade (ou da quantificação em termos mais gerais), deve-se considerar, antes de tudo, que as especificações gramaticais seriam responsáveis por uma espécie de esqueleto imagético, enquanto o léxico ficaria responsável pela especificação do conteúdo a ser afetado pela estruturação gramatical.

Dentro desse raciocínio, ele descreve quatro categorias gramaticais relativas ao conceito mais geral de quantidade – a saber: dimensão, plexidade, estado de delimitação e estado de divisão. A seguir, encontram-se as especificações de cada uma das categorias citadas:

a) Dimensão

A categoria denominada dimensão dá conta, em especial, das noções de tempo e espaço, às quais relacionam-se diversos referentes expressos linguisticamente. Segundo o autor, esses referentes apresentam forma contínua ou discreta, como pode ser visto nos exemplos a seguir:

Dimensão	contínuo	discreto
Espaço ²⁵	massa	objetos
Tempo ²⁶	ação	eventos

Partindo daí, entende-se que, compreendidos espacialmente, encontram-se elementos mais contínuos, tomados como massa, ou mais discretos, tomados como objetos. Já na dimensão do tempo, as ações seriam entendidas como contínuas e os eventos como discretos. O falante, entretanto, é capaz de converter, por meio das estruturas de sua língua, eventos em objetos, ações em massa, etc. - fato que mostra que a relação entre significado e significante não é de forma alguma atômica, mas sim dinâmica, adaptando-se aos contextos em que a forma é empregada.

²⁵ Nesse caso, o autor está considerando qualquer entidade existente no espaço.

²⁶ Nesse caso, o autor está considerando qualquer entidade existente no tempo.

Assim, apresentam-se os seguintes exemplos²⁷, em que o evento pode ser convertido em objeto, e a ação pode ser convertida em massa:

Evento	—————▶	Objeto
João me <u>telefonou</u> .		João me deu um <u>telefonema</u> .
Ação	—————▶	Massa
João me <u>ajudou</u> .		João me deu <u>ajuda</u> .

Como se viu, os elementos caracterizados como evento e ação passam a ser conceptualizados, respectivamente, como objeto e massa. O inverso também pode acontecer, em que os objetos/massa passam a ser interpretados como ação/evento. Vejam-se os exemplos a seguir:

Objeto/Massa	—————▶	Evento/Ação
O jardim está sendo recoberto pela <u>neve</u> .		Está <u>nevando</u> no jardim.
Eu tirei a <u>casca</u> da laranja.		Eu <u>descasquei</u> a laranja.

Analisando os exemplos anteriores, verifica-se a conversão de objeto/massa, respectivamente, em evento/ação. Para o autor, a conversão é um mecanismo importante e produtivo na língua e, como se verá a seguir, poderá dar conta de muitas das questões que envolvem a quantificação e a contabilidade dos nomes.

A partir de agora serão tratadas as outras três categorias relacionadas à quantidade, as quais interessam particularmente ao presente estudo.

b) Plexidade

A categoria denominada plexidade se refere, de forma mais geral, à noção de quantidade associada à ideia de massa ou ação, sendo que, quando referente à noção de massa, a plexidade equivale à tradicional categoria de número (singular e plural)²⁸.

As especificidades da categoria de plexidade podem ser atribuídas via léxico ou gramática ou, ainda, por meio da associação dos dois. Tomando como exemplo o nome *flor* e

²⁷ Exemplos retirados de Talmy (2006).

²⁸ Já quando a categoria envolvida é a de ação, a plexidade não apresenta equivalente na descrição tradicional.

o verbo *suspirar*, tem-se que é possível tomá-los, respectivamente, como matéria e ação uniplexas ou multiplexas.

Para ilustrar tal afirmativa, seguem-se os exemplos:

	matéria	ação
uniplexo	A <u>flor</u> se abriu.	Ele <u>suspirou</u> .
multiplexo	As <u>flores</u> se abriram.	Ele <u>ficou suspirando</u> .

Esses exemplos representam duas operações cognitivas que podem-se atribuir a nomes (matéria) e verbos (ações). A primeira é a da uniplexidade, em que a entidade é conceptualizada como unitária, única, e a ação é vista pontualmente realizada no tempo. A segunda é a da multiplexização, a partir do qual a matéria se multiplica em termos da sua existência (a matéria é copiada), e a ação, em termos de sua realização.

A multiplexidade pode ser tomada como inerente ao item lexical e, dessa forma, seria possível converter um elemento multiplexo em uniplexo, por meio de uma outra operação cognitiva chamada de extração de unidade (ou de porção), a qual é formalizada através de estruturas, dentre as quais encontram-se construções binominais quantitativas.

Esse seria o caso de:

	matéria	ação
multiplexo	A <u>plateia</u> aplaudiu de pé.	O paciente <u>respirava</u> bem.
uniplexo	<u>Um membro da</u> plateia aplaudiu de pé.	O paciente <u>deu uma respirada</u> a pedido do médico.

Como se pode ver, *plateia* é um nome inerentemente multiplexo, enquanto *um membro de* se refere a uma estrutura gramatical em que uma unidade (ou porção) é destacada do todo expresso por *plateia* (configurando a conversão da multiplexidade para a uniplexidade). Já no caso de *respirava*, entende-se que a ação é entendida como repetida continuamente ao longo do tempo (multiplexidade) – o que é rompido pela estrutura gramatical *dar uma V-ada* (uniplexa), em que a ação se repete marcadamente uma única vez.

Considerando a presente pesquisa de tese, deve-se mencionar que as construções *Num N1 de Nsing2* (ex: um quilo de farinha) e *Art Indef N1 de Nsing2* (ex: um pouco de arroz) estão diretamente vinculadas ao processo de extração de unidade ou porção, enquanto as construções *Num N1 de Npl2* (ex: um conjunto de livros) e *Art Indef N1 de Npl2* (ex: um

monte de pessoas) estão diretamente associadas ao processo de multiplexização.

c) Estado de Delimitação

A respeito desse processo, entende-se que são tomadas como não-delimitadas as quantidades entendidas como contínuas, ilimitadas, que não apresentam nenhum traço de definitude. Por outro lado, são tomadas como delimitadas aquelas concebidas como unitárias, finitas, individualizadas. No caso dos nomes, esses conceitos correspondem à distinção tradicional entre *contáveis* e *não-contáveis* (por exemplo, *lago* e *água*, respectivamente); com relação aos verbos, a correspondência se faz em relação às categorias *perfectivo* e *imperfectivo* (por exemplo, *sonhar* e *adormecer*, respectivamente).

O fenômeno da conversão pode ser aplicado também à noção de estado de delimitação. Comparem-se os seguintes exemplos:

Não delimitado → delimitado

água → poça d' água.

sonhar → sonhar por cinco minutos

Como se pode ver, é possível, por meio de uma estrutura gramatical, alterar o status de uma entidade em termos da sua delimitação, convertendo, assim, o que é não-contável em contável. Tratando do tema da tese, aparentemente, a construção *Num NI de Nsing2* (ex: um grão de areia), por exemplo, exerceria também essa função na língua.

d) Estado de divisão

A categoria denominada estado de divisão refere-se à conceptualização de uma entidade como discreta ou contínua. De acordo com o autor, parece não haver elementos gramaticais que especifiquem divisibilidade ou continuidade. Entretanto, pode-se pensar em artifícios linguísticos como, por exemplo, aquele que transforma água (contínuo) em partículas de água (discreto) ou, de modo inverso, folhagem (contínuo) em folhas (discreto) – nesse caso, via mudança no léxico.

Da mesma forma, uma construção como *Num NI de Nsing2* (ex: um copo de água), por exemplo, poderia funcionar para dar base a esse tipo de conversão. A instância de *Num NI de Nsing2* e, assim, a semântica de seus itens componentes é o que, ao que parece,

direciona a leitura da delimitação ou da divisão.

As quatro categorias comentadas anteriormente – dimensão, plexidade, delimitação e divisibilidade – compõem o que o autor denomina de *disposição de quantidade*. A interseção dessas categorias pode ser apresentada da seguinte maneira:

	Discreta	Contínua	
Multiplexa	A'. carvão ; respirar	B'. água; Sonhar	Não- delimitada
Multiplexa	A. família; assinar	B. deserto; Esvaziar	Delimitada
Uniplexa	a. chave; suspirar		

Nesse quadro, verifica-se que a disposição da quantidade implica em múltiplas operações cognitivas, por meio das quais se pode conceptualizar e reconceptualizar as entidades e os eventos, por meio de itens lexicais e estruturas gramaticais, dentre as quais se enquadram as construções-tema desta tese.

O mecanismo que parece regular o processo de conversão tal como proposto por Talmy (2006) pode ser entendido como o de *desacordo* (ou, no original, *mismatch*). Para explicar esse fenômeno de manutenção do aspecto incontável em nomes passíveis de quantificação por sua própria semântica interna, recorre-se ao fenômeno do desacordo entre item e estrutura, estabelecido por Francis e Michaelis (2003). Para as autoras, “fenômenos de desacordo (*mismatch*) desafiam nossas concepções de gramática e são então de vital importância para o desenvolvimento da arquitetura gramatical”²⁹ (FRANCIS; MICHAELIS, 2003, p. 5, tradução nossa).

Ainda segundo Francis e Michaelis (2003), *mismatch* ou desacordo ocorre quando se identifica alguma incongruência no pareamento de forma e função de uma estrutura linguística ou ainda entre uma construção e algum item que a instancia. Essa última alternativa é classificada como desacordo de conteúdo (*content mismatch*). “O desacordo de conteúdo envolve alguma incongruência no mapeamento a partir de dois níveis de representação” (FRANCIS; MICHAELIS, 2003, p. 4, tradução nossa).

²⁹ No original: “Content mismatch involves an incongruous mapping in the content of items from two different levels of representation”

Um tipo comum de desacordo de conteúdo é aquele que envolve categoria sintática e função semântica. As autoras dão o exemplo de desacordo quando se toma um predicado nominal como *a cat* em *Max is a cat*. Analisando essa relação, elas afirmam o seguinte:

Embora um sintagma nominal corresponda tipicamente a um argumento semântico, o sintagma nominal pós-verbal da construção de predicado nominal (*a cat*) corresponde a um predicado semântico. Consequentemente, *Max is a cat* apresenta a sintaxe de uma sentença transitiva, mas a semântica de uma sentença intransitiva. Esse tipo de situação representa um desacordo no sentido de que o mapeamento entre sintaxe e semântica deriva de um padrão normal de correspondência³⁰ (FRANCIS; MICHAELIS, 2003, p. 4, tradução nossa)

Segundo Francis e Michaelis (2003, p. 268, tradução nossa), cujo princípio geral é colocado nos seguintes termos:

O princípio geral: Se um item lexical é semanticamente incompatível com seu contexto sintático, o sentido de um item se conforma com a estrutura em que o item se insere.³¹

Nesse sentido, o fenômeno de desacordo daria conta exatamente da conversão em termos da configuração de um nome – por exemplo, um nome não-delimitado que, dentro de uma estrutura sintática determinada, passaria a ser conceptualizado como delimitado. Para ilustrar o fenômeno, tomam-se os seguintes exemplos, retirados do texto das autoras (FRANCIS; MICHAELIS, 2003, p. 270, tradução nossa):

Sobre a determinação indefinida

(7) Ela leu um livro. (acordo lexical)

(8) Você comeu um pudim?³² (desacordo lexical)

Nesse primeiro par de exemplos, sobre a determinação indefinida, pode-se perceber que *livro* é entendido como delimitado aparece sendo quantificado na sentença 7. Concebido como delimitado, contável, o nome se encaixa perfeitamente nos atributos típicos dos itens

³⁰ No original: “Although typically a syntactic noun phrase corresponds to a semantic argument, the postverbal noun phrase of the predicate-nominal construction (*a cat*) corresponds to a semantic predicate. Consequently, (4) displays the syntax of a transitive sentence, but the semantics of an intransitive sentence”

³¹ No original: “The override principle. If a lexical item is semantically incompatible with its syntactic context, the meaning of the structure in which it is embedded”.

³² A tradução, aparentemente, não se configura como uma sentença comum em português. Entretanto, a tradução literal deve-se à necessidade de se manter o indefinido. No original: “Did you eat a pudding?”

favoráveis a ocorrer nessa construção. Já em 8, *pudim*, entendido como massa, não se harmonizaria (ou, em outras palavras, estaria em desacordo³³) perfeitamente com a semântica dos itens que naturalmente instanciariam a construção, provocando, assim, a necessidade de um ajuste ou acordo semântico entre item e construção. Nesse caso, o desacordo se deve ao fato de que ninguém come um pudim inteiro, mas fatias de pudim. Para se encaixar nessa construção, *pudim* precisa assumir um traço [+ contável].

Um processo parecido pode ser visto nos exemplos que se seguem:

Sobre o plural

(9) Ela comprou alguns lápis. (acordo lexical)

(10) Eles servem deliciosas sopas (desacordo lexical)

Nesses exemplos, o desacordo em 10 ocorre por conta do fato de que não são servidas as sopas em si, mas pratos, tigelas de sopa. Assim, será necessária a mudança na conceptualização de *sopa*, para que se alcance o acordo semântico entre item e construção. Em 9, o desacordo não ocorreu, devido ao fato de que lápis é contável, delimitado.

O segundo par de exemplos se diferencia do primeiro, porque, no primeiro, havia uma construção que, de certa forma, guiava os traços semânticos dos itens, para que eles se acomodassem a ela, a tendo em vista que ocorreu mudança semântica em *pudim* por conta de ele ter sido determinado por um artigo indefinido. No segundo par, a construção que provoca a mudança semântica em *sopa* se encontra no nível lexical, quando é adicionado o morfema de plural à base.

Assim, entende-se que esse último tipo de construção (em que a mudança é provocada por especificações do próprio léxico e não externamente, por meio de uma construção que altere o status semântico de *sopa* ou *lápis* por exemplo) desempenha, ao mesmo tempo, duas mudanças de tipo: uma relativa à própria função da construção (chamada de mudança de tipo explícita) e outra que se mostra como um efeito colateral da primeira (chamada de mudança de tipo implícita³⁴).

Citando as autoras (FRANCIS; MICHAELIS, 2003, p. 271-272, tradução nossa), entende-se o seguinte:

Mudança de tipo explícita: uma mudança na designação de um item lexical (ou de

³³ Entendendo que o termo *desacordo* está sendo usado aqui como tradução de mismatch.

³⁴ Segundo as autoras, o exemplo com o termo *pudim* é uma instância desse tipo de mudança, mas não da mudança explícita.

sua projeção) por uma construção gramatical com a qual essa expressão lexical é convencionalmente combinada.

Mudança de tipo implícita: uma mudança na designação de um item lexical (ou de sua projeção) no sentido de reconciliar algum conflito semântico entre palavras e construção.³⁵

Tendo isso em vista, em *Eles servem deliciosas sopas*, haveria tanto a mudança explícita quanto a implícita, já que, além da mudança explicitada no próprio item, há, ainda, a adequação dele ao sentido da construção. Por outro lado, em *Você comeu um pudim?*, ocorreria apenas a mudança implícita, uma vez que a mudança se dá somente da adaptação da semântica da palavra à da construção.

Por fim, vale recuperar novamente as palavras das autoras, quando elas explicitam diferentes tipos de construções, tendo em vista aquelas que provocam inerentemente a mudança e aquelas que provocam a mudança de modo não inerente. Assim, entende-se o seguinte:

Construções de concordância: uma construção que denota o mesmo tipo de entidade ou evento do item com a qual se combina. No caso de construções que geram outras, a construção e sua filha lexical têm os mesmos valores em termos das suas propriedades semânticas relevantes. **Exemplos:** indeterminação indefinida, *algum*-indeterminação.

Construções de mudança: uma construção que denota um diferente tipo de entidade ou evento em relação à expressão lexical com a qual se combina. No caso de construções que geram outras, a construção e sua filha lexical têm diferentes valores em termos das suas propriedades semânticas relevantes. **Exemplos:** partitiva, plural. (FRANCIS; MICHAELIS, 2003, p. 272-3, tradução nossa)

De modo bastante interessante para os propósitos desta tese, parece que as construções binominais quantitativas envolvem mudança de tipo implícita e estão relacionadas às construções de mudança. Por exemplo:

(11) um quilo de farinha

³⁵ No original: “Explicit type-shifting. A shift in the designation of a lexical item (or its projection) by a grammatical construction with which that lexical expression is conventionally combined”; “Implicit type-shifting. A shift in the designation of a lexical item (or its projection) in order to reconcile semantic conflict between word and constructions.”

No exemplo anterior, entende-se que a semântica de farinha, que naturalmente seria conceptualizada como massa, passa a assumir os traços [+ contável], [+delimitado]. Nesse exemplo, *farinha* deixa de ser entendida como massa e passa a ser entendida como delimitada por conta da construção em que está inserida.

3 POR UMA GRAMÁTICA BASEADA NO USO

Chomsky (1972, p. 32) uma vez afirmou que Harris:

“não dá qualquer indicação de ter apreendido a intuição de Humboldt de que a linguagem é muito mais do que uma 'uma organização padronizada' de elementos de vários tipos; qualquer descrição adequada dela deve referir esses elementos ao sistema finito de princípios gerativos que determinam os elementos linguísticos individuais e suas inter-relações, e estão subjacentes à variedade infinita de atos linguísticos que podem ser executados com sentido”.

É exatamente seguindo um pensamento contrário a esse que se encontra a perspectiva da Linguística *Baseada no Uso*. Os pressupostos teóricos da presente tese refutam o pensamento do autor, assumindo, ao contrário, uma perspectiva afim a um enorme grupo de cientistas da linguagem (dentre os quais se encontram funcionalistas, cognitivistas, analistas do discurso, etc.), que analisam a língua e descrevem seus princípios norteadores com base na análise de dados e nos aspectos gerais que regem a comunicação humana.

A abordagem baseada no uso reúne uma série de correntes da Linguística que, *lato sensu*, poderiam estar enquadradas do Polo Funcionalista, uma vez que partem de um interesse maior pela *performance* e refutam a ideia de uma gramática universal, baseada em um modelo matemático em que os fenômenos da linguagem se restringem a regras sintáticas e sentidos lexicais atomizados. Para os autores funcionalistas, compreendidos dessa forma mais generalizada, a língua pode ser entendida, entre outros modos, como:

- i. resultado de cristalizações advindas da repetição de instâncias produzidas pelos falantes de uma determinada língua – na contramão da rígida diferenciação chomskyana entre competência e desempenho (CHOMSKY, 2002);
- ii. fruto da inter-relação entre capacidades cognitivas mais gerais, refutando a proposta da Faculdade da Linguagem de Chomsky (2002);
- iii. meio de comunicação entre falantes e ouvintes reais em oposição ao falante-ouvinte ideal de Chomsky (2002) – o que faz o cientista levar em conta o contexto de produção das sentenças, as intenções comunicativas, a posição sócio-histórica dos interlocutores;
- iv. operações cognitivas de ordens diversas, compreendidas em termos de uma rede de

relações em que várias capacidades humanas interagem para que possa existir o fenômeno da linguagem, o que se reflete como um argumento contra a existência de módulos especificamente destinados ao processamento linguístico, como defende Chomsky (2002).

Afirma-se que toda a análise a ser desenvolvida nesta tese se filia aos fundamentos epistemológicos da linguística baseada no uso, que leva em conta frequência e uso das formas da língua atrelados a aspectos da cognição humana para descrever as propriedades sintático-semânticas das estruturas de uma língua natural. A fundamentação teórica, portanto, é de cunho funcionalista e, em termos mais estritos, advém dos estudos de gramaticalização, inicialmente desenvolvidos no âmbito da tradição funcionalista de base givoniana, e dos estudos de gramática das construções, elaborados em Linguística Cognitiva.

Ratificando essa proposta, reconhecer a existência uma literatura recente dentro da chamada Linguística baseada no uso que vem propondo uma relação estreita entre o processo de gramaticalização e a formação de novas construções na língua (nessa abordagem, incluem-se autores como Tomasello, Noël, Traugott, Bybee etc.). É o que se pode ver em:

Em contraste com a gramática gerativa e outras abordagens formalistas, em uma teoria baseada no uso, a dimensão gramatical de uma língua é produto de um conjunto de processos históricos e ontogenéticos referidos coletivamente como gramaticalização. Quando seres humanos usam símbolos para se comunicar uns com os outros, colocando-os em sequência, padrões de uso emergem e se tornam consolidados em construções gramaticais, como por exemplo, a construção de tempo passado.³⁶ (TOMASELLO, 2003, p. 5, tradução nossa)

Como se vê, o autor apresenta uma visão de gramática construída sócio-historicamente, sendo, portanto, moldada e modificada no uso da língua via frequência e processos cognitivos. Tendo isso em vista, o autor passa a entender a arquitetura gramatical de uma língua como padrões resultantes das sequências de uso, que se estruturam como unidades teóricas de forma e sentido. Essa proposta é central para a gramática baseada no uso, tendo em vista que rejeita a ideia de uma gramática universal, organizada por meio de um sistema de regras finitas. Em outras palavras, propõe uma abordagem fundamentalmente funcionalista, que prevê como pontos centrais na formação da gramática: de um lado, aspectos cognitivos e mudanças sociais; de outro, frequência e ordenação na língua.

De acordo com Bybee (2003), nos últimos anos, realmente, muitos linguistas têm se

³⁶ No original: “When human beings use symbols to communicate with one another, stringing them together into sequences, patterns of use emerge and become consolidated into grammatical constructions – for example, -ed past tense construction.”

debruçado sobre a relação entre o uso da língua e sua dimensão representacional. Há tempos, pesquisadores como Givón, Thompson, Hopper, Chafe, Bolinger, Labov, DuBois, entre outros vêm mostrando de toda forma como o discurso modela a gramática. Nesse sentido, o fenômeno da gramaticalização parece ter assumido um papel central, posto que vem mostrando, através de evidências empíricas atestadas translinguisticamente, que gramática e discurso são interdependentes: o discurso se utiliza da gramática para ser concretizado, e, por sua vez, a gramática é resultante das cristalizações de uso.

Entretanto, entender o processo de formação de uma língua – ou, em outras palavras, a gênese das estruturas morfossintáticas que caracterizam as sentenças possíveis nessa língua – não está entre as tarefas mais fáceis do linguista. Por isso, o interesse por uma teoria que procure dar conta de todas as etapas do fenômeno da linguagem se mostra bastante profícuo entre os linguistas da atualidade.

Um dos estímulos que a perspectiva de análise da língua baseada em situações comunicativas concretas recebeu foi o recente desenvolvimento de vastos corpora disponíveis online, o que viabilizou o acesso rápido e imediato a um número enorme de dados. Bybee (2003) aponta também, nesse sentido, a importância dos trabalhos de John Sinclair, na área da Linguística de corpus, de Dan Jurafsky e Gregory, no campo da Linguística computacional, etc.

Confrontando a proposta de um falante-ouvinte idealizado, que tem por base uma análise linguística confiante na intuição do analista e, ao mesmo tempo, reconhecendo o ganho do aproveitamento da tecnologia, a partir da qual é possível fazer considerações de diferentes naturezas sobre a variedade que se está pesquisando, Bybee (2003, p. 3) afirma que:

Estudos de palavras, sintagmas e construções em *corpora* extensos apresentam uma variada topografia da distribuição e da frequência que podem vir a ser muito diferentes daquela que as nossas intuições tenham porventura sugerido. Além disso, o uso desses *corpora* para a análise fonética oferece um melhor entendimento do papel da frequência de ocorrência e de palavras específicas e lexias complexas na variação fonética.

Tratando da utilização dos *corpora* para análise fonética, a autora reconhece pelo menos três modos como a frequência de uso interfere nas variedades de uma língua. Cada um desses níveis de interferência estão descritos nos parágrafos seguintes.

Primeiramente, palavras e sintagmas muito frequentes tendem a ser reduzidos foneticamente mais rapidamente do que aquelas sequências cuja frequência é média ou baixa. Esse efeito redutor, ainda segundo a autora, pode ser aplicado a sintagmas de frequência

extremamente alta. Segundo Bybee (2003), citando Anderson e Boyland, a explicação para esse efeito redutor é a de que a representação articulatória de palavras e sequências de palavras são realizadas por meio de rotinas neuromotoras. Assim, quando sequências de rotinas neuromotoras são repetidas, sua execução se torna mais fluente. O aumento da fluência é o resultado da representação das sequências repetidas em um nível maior como uma única unidade.

O segundo efeito da frequência de uso (efeito conservador) afeta a estrutura morfossintática. Sequências altamente frequentes se tornaram mais entrincheiradas em termos da sua estrutura morfossintática e resistiram à mudança de padrões mais produtivos. O exemplo que a autora dá são os verbos irregulares em inglês que, quando muito frequentes, tendem a manter sua irregularidade em vez de sofrer mudança. Isso parece interessante, porque demonstra que a frequência, afetando a estrutura sintática, é capaz de contribuir para a manutenção de uma construção irregular, idiossincrática.

O terceiro efeito (denominado, pela autora, de Autonomia) está diretamente relacionado com o segundo. A autonomia se refere ao fato de que formas morfossintaticamente complexas de alta frequência podem perder sua estrutura interna ao se tornarem independentes (ou autônomas) de outras a elas relacionadas etimologicamente (BYBEE, 2003).

Tendo em vista esses três efeitos apresentados pela autora, conclui-se que o efeito conservador se aplica a itens frequentes, mas que a autonomia parece afetar estruturas de frequência muito alta. Essa conclusão reforça a proposta baseada no fato de que o uso da língua e o grau em que itens e estruturas são repetidos pelos falantes interferem diretamente na estruturação da gramática.

Continuando a tratar do assunto, é preciso considerar o quanto a repetição e o contexto de uso influenciam diretamente instâncias particulares de uma construção gramatical, tal como entendida por Goldberg (1995), ou seja, como um pareamento de forma e sentido, que engloba níveis distintos em termos de sua composição e da abertura a novas instanciações.

O quadro a seguir procura resumir a proposta goldbergiana.

Constructions at varying levels of complexity	
Word	e.g., Avocado, anaconda, and
Word (partially filled)	e.g., pre-N, V-ing
Idiom (filled)	e.g., Going great guns, give the Devil his due
Idiom (partially filled)	e.g., Jog <someone's> memory, send < someone> to the cleaners [possessive NP] for the asking
Idiom (partially filled) The Xer the Yer	(e.g., The more you think about it, the less you understand)
(unfilled) Ditransitive construction: Subj V Obj1 Obj2	(e.g., He gave her a fish taco; He baked her a muffin.)
Passive: Subj aux VPpp (PPby)	(e.g., The armadillo was hit by a car)

Quadro 1: Construções. Extraído de Goldberg (2009, p. 4)

A partir desse tratamento dado ao conceito de construção gramatical, Bybee (2003, p. 10) conclui, em termos do papel da frequência, que:

- 1- Níveis baixos de repetição levam apenas à convencionalização. (como em estruturas pré-fabricadas e construções idiomáticas).
- 2- Níveis maiores de repetição podem levar ao estabelecimento de uma nova construção com suas próprias categorias.
- 3- Níveis de frequência extremamente altos levam à gramaticalização de novas construções, à criação de morfemas gramaticais e as mudanças em termos estruturais.

Sendo assim, entende-se que a abordagem baseada no uso carrega princípios funcionalistas básicos, que passam a ser revistos ou enquadrados em um contexto em que se promove a interação entre diferentes abordagens, aproximando-o de teorias de base cognitivista, como, por exemplo, podem ser entendidos a Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2006) e os estudos de aquisição da linguagem de Tomasello (2003), que apresenta uma compreensão do processo de gramaticalização mais afinada ao conceito de construção gramatical.

Tanto a noção de construção quanto a de gramaticalização mencionadas orientarão fortemente o presente trabalho, entendendo-o dentro de uma perspectiva teórica que, de um lado, procura entender quais são e como se relacionam as construções vinculadas a *um N1 de N2* e, de outro, como essas construções foram sendo formadas ao longo do tempo, no português.

Procurando entender um pouco mais os fundamentos teórico-metodológicos da Linguística baseada no uso, Barlow e Kemer (2000, p. ix-xxii) apontam uma série de características do modelo, as quais são apresentadas a seguir:

(a) A relação íntima entre estruturas linguísticas e instâncias de uso

Sobre essa propriedade, os autores defendem que o modelo da Linguística baseada no uso é aquele em que o sistema linguístico do ouvinte é fundamentalmente baseado em eventos de uso: instâncias produzidas pelo falante e compreensão linguística. Nesse sentido, entende-se que a representação linguística está estritamente vinculada a eventos de uso de, pelo menos, três maneiras diferentes:

1. Instâncias são a base da formação do sistema linguístico do ouvinte, ou seja, são a experiência a partir da qual o sistema em si mesmo se abstratiza inicialmente.
2. A relação entre representações mais abstratas na gramática do falante e os eventos de uso experienciados por ele é muito mais direta do que como normalmente se entende. Eventos de uso são específicos por natureza, e o sistema linguístico se forma a partir dessas instâncias lexicalmente específicas. Assim, fica entendido que o modelo comporta uma gramática que se estrutura e se enrijece por meio de instâncias de uso determinadas. Na verdade, os eventos de uso desempenham um duplo papel no sistema: ambos são resultantes e ao mesmo tempo estruturam o sistema da língua, em um movimento circular de interdependência.
3. Elementos do sistema específicos e idiossincráticos são privilegiados de maneira geral na aquisição e no funcionamento do sistema: o geral emerge do específico, e o específico é mais diretamente tomado da experiência.

(b) A importância da frequência

Ratificando a posição de Bybee (2006), os autores mostram que, como o sistema é amplamente visto como orientado pela experiência, a frequência das instâncias é um fator crucial na sua estrutura e funcionamento. Uma vez que a frequência de um padrão de uso particular é entendida tanto como modeladora e resultado do sistema, ela é indispensável em qualquer explicação a respeito da língua.

(c) Compreensão e produção integradas ao sistema linguístico

Para os autores, considerando que eventos de uso orientam a formação e o funcionamento interno do sistema linguístico, a estrutura desse sistema não é separada, de nenhuma maneira significativa, dos atos de processamento mental envolvidos no uso linguístico. Essa proposta não comporta, portanto, a divisão estanque entre competência e desempenho, já que a performance é parte do conhecimento que o falante tem da sua língua.

(d) O foco no papel da aprendizagem e da experiência na aquisição da linguagem

Entendendo que produção e compreensão da linguagem exercem papel central na estruturação do sistema linguístico, ambas devem ser entendidas como especialmente significativas para a aquisição da linguagem, quando o sistema está em processo de ser adquirido.

(e) As representações linguísticas são tomadas como emergentes e não como entidades fixas e armazenadas

Sobre isso, os autores defendem que o modelo baseado no uso parte de uma visão na qual as unidades linguísticas são vistas como rotinas cognitivas. São nada mais do que padrões recorrentes de ativação mental (e, em última instância, neural). Rejeita-se, assim, a visão de que as unidades linguísticas são armazenadas em um conjunto e são operadas por certos procedimentos e instruções.

Nesse sentido também o processamento é compreendido a partir de uma lógica conexionista em diferentes áreas da cognição humana interagem para que se chegue a um resultado final que envolva produção e compreensão de um enunciado qualquer.

(f) Importância de dados reais na descrição e construção da teoria

Por conta de o sistema linguístico estar tão fortemente ligado ao uso da língua, entende-se, conseqüentemente, que uma teoria da linguagem deveria estar sempre baseada em produções linguísticas reais e não construídas por meio de exemplos inventados, baseados apenas na intuição do falante. Sobre a intuição do falante, inclusive, os autores afirmam que

essa é uma ferramenta falha para análise da língua, uma vez que dispensa um tratamento de dados mais criterioso.

(g) A relação íntima entre uso, variação sincrônica e mudança diacrônica

Em um modelo de cunho cognitivo baseado no uso, as variantes linguísticas podem ser entendidas como alternativas licenciadas pela rede em que as estruturas da língua se organizam. A seleção pela ativação de uma dada variante já entrincheirada depende tanto de fatores internos como de fatores contextuais, relativos à situação comunicativa. As variantes são importantes porque a elas estão vinculadas a mudanças diacrônicas.

Dessa forma, o uso linguístico é visto como o lugar em que a mudança ocorre, uma vez que o falante, ao produzir sua língua, de certa forma atua como agente da mudança, promovendo alterações mínimas em seu sistema e no sistema de seus interlocutores – o que motiva o surgimento de variantes e na frequência de uso dessas, o que mais tarde pode vir a gerar um novo padrão na língua. Mudança e variação linguísticas são vistas, nesta perspectiva, como reflexos do dinâmico uso da linguagem.

(h) A interconectividade entre o sistema linguístico e o os sistemas cognitivos não linguísticos

Entende-se, a respeito dessa propriedade, que a estrutura linguística é vista como um subsistema da estrutura conceptual. Continuando, defende-se a proposta de que modelos cognitivos e culturais são vistos de modo integrado, para a compreensão do significado das expressões de uma língua. Esses modelos formariam, desse modo, um sistema coerente de conhecimentos com vários graus de complexidade, desde esquemas mais simples, como os esquemas imagéticos, até os mais complexos, como aqueles que envolvem modelos mais específicos, extraídos da experiência social e cultural.

(i) O papel crucial do contexto no funcionamento do sistema linguístico

A produção e o entendimento de uma língua é, por natureza, dependente do contexto. Esse aspecto é entendido como complementar ao fato da inevitável subespecificação do significado linguístico. Nesse sentido, entende-se que o significado de uma forma da língua não carrega o sentido em si, mas simplesmente fornece pistas para a construção do significado dentro de uma situação comunicativa específica.

A conceptualização de uma instância específica de uso é evocada pelas formas linguísticas utilizadas, mas é sem dúvida mais rica do que qualquer informação especificamente associada com essas formas. Essa informação é compreendida, de fato, como meramente uma abstração da experiência ou uso dessas formas.

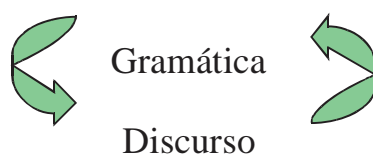
Tendo tudo isso em vista, acredita-se ter traçado um panorama geral da Linguística baseada no uso, compreendendo-a como uma perspectiva teórico-metodológica que reúne autores das mais diversas áreas funcionalistas em prol de uma abordagem que, cada vez, mais se consolide como uma proposta radical de se tratar a língua concreta, em sua dimensão cognitivo-funcional.

Como a presente tese se fundamenta mais especificamente em termos de mudança diacrônica e da organização da gramática em favor da abordagem construcional, os capítulos subsequentes tratarão, nessa ordem, do fenômeno da gramaticalização (e da Linguística funcional) e da gramática das construções (e da Linguística cognitiva), de modo a se enquadrar ainda mais especificamente as premissas básicas de que se valerá a análise dos dados.

4 A GRAMATICALIZAÇÃO NA BASE DA MUDANÇA LINGUÍSTICA

Como já comentado, o Polo Funcional da Linguística não pauta suas análises em uma gramática autônoma, não a explica por meio de regras finitas para computação sintática, e assume uma perspectiva mais conexionista do que binária em termos de processamento linguístico-cognitivo de modo geral. Tendo isso em vista, a Linguística baseada no uso toma corpo no tratamento funcionalista da língua e procura, por assim dizer, fincar referências em correntes teóricas que já tradicionalmente veem a língua como um produto sócio-cognitivo.

Nesse sentido, é possível considerar os estudos em Linguística Funcional como uma das abordagens que motivam a proposta da Linguística baseada no uso, uma vez que os funcionalistas³⁷ procuram descrever como a gramática de uma língua se estrutura e investigar os processos de mudança que influenciam essa estruturação. Nessa perspectiva, defende-se uma relação imbricada entre sistema e discurso, uma vez que a estrutura gramatical é proveniente do discurso e modificada por ele ao mesmo tempo.



Isso significa dizer que a gramática não se estrutura dentro de um módulo cerebral específico, e sim é formada de elementos que organizam os itens do léxico no discurso, tendendo a adequar-se a restrições morfossintáticas ou a veicular estratégias pragmático-discursivas. Mais especificamente, as regularidades do discurso é que darão base para a abstração de padrões sintáticos na língua; todas as sequências morfossintáticas que se usam mais frequentemente para determinados fins comunicativos poderão passar a ser entendidas como um padrão sintático mais abstrato, dando origem a uma construção gramatical.

Fenômenos de uso estão relacionados diretamente à formação de novas construções na língua, bem como são importantes para a realimentação do sistema linguístico (fazendo menção ao conceito de *feedback*, de Barlow e Kemmer: 2000), uma vez que servem de *input* para o sistema de outros falantes. Os falantes, por sua vez, ao utilizar a língua como meio de comunicação, fazem uso de construções já cristalizadas assim como são criativos na formulação de novos enunciados linguísticos. Esses novos enunciados são construídos a partir

³⁷ Tem-se em mente a Linguística Funcional de linha norte-americana centrada em estudos feitos por: Givón, Thompson, Hopper, Sankoff, Bybee, Traugott, Heine, entre outros.

daquilo que ele já domina, ou seja, o falante cria uma forma nova para um novo sentido (uma nova construção, portanto), entendendo esse novo sentido por meio daquilo que já é de seu conhecimento (por meio de construções que ele já conhece).

Tendo isso em vista, podem-se considerar perguntas da abordagem da tradição funcionalista e da perspectiva da Linguística baseada no uso:

- i) A que se deve esse mecanismo de formulação e reformulação da gramática?
- ii) Trata-se de um mecanismo regular?;
- iii) em caso afirmativo, o que o regularia?

Parece que a Linguística baseada no uso procura responder a questões desse tipo congregando estudos que procuram dar conta de fatos relativos ao processo de mudança (recorrendo, para tanto, à tradição das pesquisas em gramaticalização, por exemplo) bem como a estudos que se focam mais diretamente na relação gramática e cognição (nesse sentido, buscando referências na abordagem cognitivista da gramática das construções, por exemplo). Acredita-se que o processo é regulado por questões de ordem gramatical e sócio-cognitiva e defende-se, então, que propor uma abordagem baseada no uso da língua parece ser a saída para aquele que quer entender, ao mesmo tempo, como se organizam as construções gramaticais, de onde tais padrões emergem e como se renovam na língua.

Para o funcionalismo, a gramática é dinâmica e está em constante mudança e, por isso, não há distinção clara entre perspectiva sincrônica e diacrônica para o estudo linguístico. Nessa abordagem, entende-se a constituição da gramática via um processo em que elementos do uso passam a se apresentar como regulares na língua e a codificar funções mais gramaticais, tomando o processo de gramaticalização como força motora para a constituição da estrutura de uma língua natural. É de grande relevância para essa abordagem, portanto, o fato de que os elementos que passam a exercer novas funções gramaticais na língua, à luz diacrônica, revelam-se como originários de elementos de valor mais lexical.

Como já dito, o falante faz uso da gramática para falar a sua língua, mas, ao mesmo tempo, gera novas estruturas inéditas que serão atreladas a determinado valor comunicativo e que entram no sistema da língua como mais uma unidade formal gramaticalizada atrelada a um determinado significado.

Para ilustrar a proposta dessa relação imbricada entre gramática e discurso e, ao mesmo tempo, apresentar em que medida o processo de gramaticalização se apresenta como ponto fundamental para justificar tal prerrogativa, cita-se um fragmento de Cunha et al (2003,

p. 180-181), em que a autora diz o seguinte:

Associado à concepção de gramática como estrutura maleável, emergente, o conceito de gramaticalização é retomado e desenvolvido pelo funcionalismo contemporâneo. O termo ‘gramaticalização’ tem dois sentidos: o de paradigma e o de processo. Como paradigma, a gramaticalização focaliza como as formas e construções gramaticais surgem, como são usadas e como modelam a língua. Assim, o paradigma da gramaticalização diz respeito à interdependência entre estrutura e uso, buscando, então, descrever e explicar, concomitantemente, um tipo especial de variação/mudança linguística e o grau de desgaste/manutenção das formas que mudam. Como processo, o termo ‘gramaticalização’ se refere ao fenômeno linguístico que o paradigma de gramaticalização procura entrever, ou seja, aos processos pelos quais itens se tornam mais gramaticais ao longo do tempo. Nesse caso, a gramaticalização é entendida como um processo diacrônico e um continuum sincrônico que atingem tanto as formas que vão do léxico para a gramática como as formas que mudam no interior da gramática. Trata-se de um processo linguístico de organização de categorias e de codificação que pode ser estudado tanto através do tempo quanto sincronicamente.

A gramaticalização de estruturas depende de fatores cognitivos e de frequência de uso; uma forma utilizada uma única vez para uma determinada função não passa a vigorar como um exemplo de gramaticalização e também não estrutura paradigma na língua. É preciso recorrência de uso e ampliação de contextos para que a nova função seja absorvida pelo sistema. Sendo assim, deve-se ter em vista a importância do papel da frequência (vinculados a fatores ordem cognitiva) para a consolidação, fixação, regularização desses novos usos. Procurando tratar do papel da frequência nos estudos de gramaticalização, retomam-se as ideias de Bybee (2003), em termos mais gerais. A autora (Bybee, 2003, p. 604) afirma que a frequência se manifesta da seguinte forma:

- i. A frequência de uso orienta o enfraquecimento da força semântica por habitualização – processo pelo qual um organismo para de responder no mesmo nível a um estímulo repetido.
- ii. As mudanças fonológicas de redução e fusão de construções que estão em processo de se gramaticalizar são condicionadas pela sua alta frequência e seu uso nas partes do discurso que contêm informação velha ou de fundo.
- iii. A frequência aumentada condiciona uma grande autonomia para uma construção, o que significa que os componentes individuais da construção se enfraquecem ou perdem suas associações com outras instâncias do mesmo item.
- iv. A perda de transparência semântica permite o uso do sintagma em novos contextos com novas associações pragmáticas, encaminhando para a mudança semântica.
- v. A autonomia de um sintagma frequente torna-o mais entrincheirado na língua e, com frequência, estabelece condições de preservação de características morfossintáticas outrora obsoletas.

Bybee (2003) procura demonstrar, portanto, que a frequência é um aspecto importante,

que, aliado a outros fatores, favorece o processo de gramaticalização de construções na língua. A respeito da relação entre gramaticalização e construção gramatical, a autora ainda afirma que:

Na literatura recente sobre gramaticalização, parece consenso que não é suficiente definir gramaticalização como o processo pelo qual um item lexical torna-se morfema gramatical, mas, ao contrário, é importante dizer que esse processo ocorre em contexto de uma construção particular (...) De fato, parece mais adequado dizer que é uma construção com seus itens lexicais particulares que se torna gramaticalizada do que dizer que é o item lexical que se gramaticaliza (Bybee, 2003, p. 602)

Como se vê, o processo de gramaticalização, já observado como fenômeno translingüístico desde estudos dos neogramáticos do século XIX (que já compreendiam a mudança como processo regular bem como já consideravam a centralidade de uma abordagem sócio-histórica para explicação da mudança e sistematização da gramática das línguas), tem ganhado força com as novas abordagens e com a frequente atualização em termos das novas propostas de descrição das propriedades estruturais das línguas e da cognição humana.

A proposta de análise da gramaticalização vem, ao longo dos anos, sendo atualizada no que tange o escopo do processo de mudança. Enquanto, inicialmente, o objeto de estudo se encontrava mais restrito à mudança de *status* categorial de uma palavra específica, mais recentemente os estudos na área se interessam por toda a estrutura que está vinculada à mudança, entendendo cada palavra metonimicamente como parte de um todo estrutural (contextual, que motiva a inferência) e abrindo portas também para o estudo de expressões maiores. Parece, de fato, que construções como *de repente*, por exemplo, serão consideradas também frutos de gramaticalização.

Para se ter uma ideia dessa mudança, vale retomar a definição de gramaticalização por meio das palavras de alguns autores da teoria:

attribution du caractère grammatical à un mot jadis autonome (MEILLET, 1912 apud HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 19)³⁸

Grammaticalization consists in the increase of the range of a morpheme advancing from a lexical to a grammatical or from a less grammatical to a more grammatical status, e.g. from a derivative formant to an inflectional one.³⁹ (KURYŁOWICZ, 1965 apud HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 19)

³⁸ A atribuição de um caráter gramatical a uma palavra considerada livre. (tradução minha)

³⁹ Gramaticalização consiste no desenvolvimento de um grupo de morfemas que avançam de um status lexical para um gramatical ou de um status gramatical para um outro ainda mais gramatical, isto é, de uma formação derivada para uma formação flexional. (tradução minha)

grammaticalization is “[t]he process whereby lexical material in highly constrained pragmatic and morphosyntactic contexts is assigned grammatical function, and once grammatical, is assigned increasingly grammatical, operator-like function. (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 19)⁴⁰

A descrição de variação e mudança linguística via processo de gramaticalização tal como visto hoje parece ser bem ilustrada pela passagem de *em boa hora* (advérbio de tempo) > *embora* (conjunção). Nesse caso, um sintagma preposicional com valor de advérbio de tempo, ao ser utilizado em contexto apropriado, perde seu valor original de indicador temporal, tem sua forma reduzida e passa a ser empregado como conjunção concessiva. Vale, aqui, retomar a máxima givoniana a respeito desse tipo de dinâmica próprio do movimento da gramática das línguas naturais: *a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem* (GIVÓN, 1971).

Isso significa que, ao falarmos de elementos gramaticais, estamos nos referindo não apenas a itens que passam a desempenhar as funções que definimos acima com sendo gramaticais, mas a um processo de fixação, por alta frequência, de estruturas morfossintáticas que, por hipótese, surgiram em função da expressividade dos falantes no ato concreto da comunicação. A ritualização dessas estruturas faz com que elas assumam status de referência gramatical, passando a servir de base para o discurso em novas situações de comunicação.

A gramaticalização parece tomar corpo como um mecanismo regular, natural e translingüístico, no que tange a estruturação da gramática de uma língua. O processo procuraria, portanto, tratar das consequências linguísticas estruturais resultantes de processos cognitivos ou inferências pragmáticas (TRAUGOTT; DASHER, 2005) que o falante realiza durante o processo de produção discursiva. Ou seja, há um contexto morfossintático que cria uma situação de ambiguidade na interpretação de uma determinada sequência sintática, a partir da qual um novo uso pode ser inferido.

Assim, também estão envolvidos no processo de gramaticalização mecanismos cognitivos tais como a metáfora, por exemplo, que dá base ao mapeamento de domínios mais abstratos (tal como o domínio do tempo) por meio de domínios mais concretos (tal como o domínio do espaço). É o caso das gramaticalização do verbo como *ir*, por exemplo, presente-se em diferentes línguas, dentre as quais se encontra o português, tanto como verbo de deslocamento no espaço, quanto como marca de futuro perifrástico.

Entretanto a transferência entre os diferentes domínios não se dá por si só. Depende do contexto de ambiguidade que gera a mudança (inferência pragmática): se em sentenças como

⁴⁰ Gramaticalização é o processo pelo qual formas lexicais em contextos pragmáticos e morfossintáticos altamente específicos desempenham função gramatical e, uma vez gramaticais, passam a desempenhar funções ainda mais gramaticais, tal como um processador de função. (tradução minha)

<Eu vou fazer compras>, preserva-se certa ambiguidade (Vou caminhar até o mercado para fazer compras? Ou vou fazer compras pela internet em um momento futuro?), sentenças como <Eu vou ficar aqui> não remetem mais ao sentido de deslocamento do verbo <ir>.

Segundo Lima (2001, p. 125), por volta do século XIII, o uso inicial da perífrase em português reúne os traços semânticos de movimento e intenção, veiculados pelo verbo de movimento. O autor apresenta o seguinte exemplo:

(12) A outro vezi~o d'evora [algum~u ome~vezi~o] *deuelj A yr* Amostrat Aquillo q(eu) demanda (séc. XI).

A construção *deuelj A yr* permite, ainda, a inferência pragmática de que a ação ocorrerá no futuro. Segundo Lima (2001), a convergência desses traços é predominante nos usos da perífrase nos séculos XIII a XVI. Apenas a partir do século XVI, encontram-se usos que podem ser considerados mais gramaticalizados, na medida em que prescindem dos traços intencionalidade e/ou movimento. Assim, no processo de gramaticalização, incrementam-se os casos de ocorrência de <ir> com sujeitos não-humanos (e, portanto, não intencionais), e expande-se o uso da perífrase com verbos de evento e de estado, como ilustram os exemplos a seguir, respectivamente:

(13) Sòmente, é necessário saber o que esse paraíso me **vai custar**. (séc. XIX).

(14) É barão, e **vai ser** deputado qualquer dia. (séc. XIX).

No exemplo (2), temos um caso de sujeito inanimado (“esse paraíso”), enquanto no exemplo (3), ocorre o uso da perífrase com verbo estativo (“ser”).

O processo da metonímia também se apresenta como um mecanismo cognitivo-funcional importante para a gramaticalização, na medida em que se observa que um determinado elemento só se gramaticaliza dentro de um contexto específico que, tomado como um todo estrutural, gera uma inferência, que, mais tarde, poderá vir a se consolidar como um processo de gramaticalização e entrar para o inventário das formas gramaticais de uma língua. Há aí, portanto, uma recuperação da relação parte-todo, uma vez que se considera não mais um elemento em si passando por um processo de gramaticalização, mas um elemento dentro de uma estrutura específica que se gramaticaliza junto com ela via possibilidades de inferências pragmáticas (TRAUGOTT; DASHER, 2005) ou processos cognitivos gerados pelo item mais a estrutura que o envolve.

Isso significa que a mudança ocorre apenas em contextos muito específicos, em que o verbo *ir* é seguido de verbo no infinitivo. Para ilustrar esse fato, que ocorre em diferentes línguas do mundo, toma-se o exemplo clássico de Hopper e Traugott (2003, p. 88) sobre o verbo *to go*, do inglês. O verbo *to go* aparece diante de cláusulas finais infinitivas do tipo *I am going to marry Bill* (correspondente a *I am leaving/traveling in order to marry Bill*). A mudança só é possível em função de uma inferência de valor de futuro consequente de cláusulas que indicam finalidade. A mudança de finalidade para marca de futuro implicar uma reanálise que envolve não apenas *be going to*, mas também o verbo que ocorre em seguida:

[I am going [to marry Bill]] > [I [am going to] marry Bill]

O processo de gramaticalização envolve outros mecanismos que, de certo modo, são tomados como característicos da trajetória léxico-gramática de determinados elementos em processo de se gramaticalizar, a saber:

- (i) dessemantização (ou “bleaching,” redução semântica): perda de conteúdo semântico;
- (ii) extensão (ou generalização de contexto): uso em novos contextos;
- (iii) decategorização: perda das propriedades morfossintáticas da forma fonte, inclusive perda do caráter do status de palavra independente (cliticização, afixação);
- (iv) erosão (ou “redução fonética”), ou seja, perda de substância fonética.

O exemplo do verbo *to go* sofre todos esses mecanismos: dessemantização, (os elementos integrantes da construção perdem seu valor original analisável composicionalmente); extensão, com o surgimento de um novo uso (marca de futuro); decategorização (mudança de categoria, de verbo pleno para verbo auxiliar); e, por fim, erosão (*going to* > *gonna*).

O processo de gramaticalização envolve, portanto, mudança linguística e pode ser tomado como um mecanismo que dá base ao estudo da constituição da gramática de uma língua, tendo em vista que atua na descrição de um processo gradual de mudança em que formas antigas assumem novas funções e se inserem em um novo paradigma, renovando o inventário de itens gramaticais dessa língua. Um novo uso passa a competir com uma forma já existente e que desempenha função semelhante em relação a ele; assim, essas formas entram em variação e, por vezes, a nova forma se consolida dentro de um determinado paradigma ou estrutura um novo paradigma.

Da mesma forma que linguistas funcionalistas têm cada vez mais demonstrado interesse no advento da Linguística Cognitiva, o processo de gramaticalização vem sendo tomado como parte do estudo de autores prioritariamente cognitivistas. Nesses contextos, o ponto de partida passa a ser a capacidade da língua de se renovar via constituição de novos paradigmas. Tomasello (2003) se afasta em certa medida do conceito mais clássico de gramaticalização e o define como o processo a partir do qual novos padrões forma-sentido são gerados. Interessado em aquisição e evolução linguística, o autor apresenta uma proposta de tratamento da formação e da aquisição da gramática via uma perspectiva da linguística baseada no uso, como já visto anteriormente, em que a gramaticalização é entendida como a formação de novas construções na língua.

O autor reforça, com essa definição, a ideia de que a língua gera padrões que advém do uso e rejeita, conseqüentemente, o postulado chomskyano de que a linguagem humana é de ordem genética e se caracteriza pelo funcionamento do módulo da sintaxe, localizado no cérebro. Ao contrário, a linguagem humana deve ser considerada como resultante de processos sócio-históricos, sendo vista como um fenômeno em parte social, em parte social em parte cognitivo. Tendo em vista que os seres humanos compreendem o mundo à sua volta por meio de busca de padrões, é de se pensar que o mesmo ocorra com sua linguagem. O ser humano também procuraria padrões sintáticos que estariam subjacentes às diversas instanciações a que ele se expõe no ato da comunicação.

Considerando tudo o que foi dito da relação entre discurso e gramática, é possível entender que a Linguística Funcional se prende a uma herança filosófica de base experiencialista, em que se defende que o valor das formas linguísticas só se realiza no jogo da linguagem, mencionando o segundo Wittgenstein (1984), cujas ideias influenciaram e influenciam as abordagens pragmáticas da Linguística moderna. O valor das formas linguísticas, partindo daí, dá-se no uso, de onde a gramática se estrutura e de onde, conseqüentemente, a mudança se origina.

Passa-se, então, ao tratamento da teoria das construções gramaticais, ressaltando a importância do modelo para se descrever a arquitetura da gramática resultante do processo de gramaticalização.

5 A URGÊNCIA DE UMA GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES

A perspectiva experiencialista parece também orientar os pressupostos básicos da Linguística Cognitiva, uma vez que tal corrente de estudos se encontra no que se chama de paradigma experiencialista-mentalista. Experiencialista, porque aposta no significado construído *online*, no uso, e porque entende a gramática como veículo de comunicação, interação; mentalista, porque defende que a cognição humana é a resposta para o entendimento de como o ser humano simboliza a informação que depende do uso da língua.

Nesse sentido, a Linguística Cognitiva parece ser a corrente que trouxe para o estudo da linguagem em uso a dimensão mental (da simbolização do mundo, da dimensão imaginativa) e a estruturação dos processos cognitivos de que o ser humano se vale para entender o mundo à sua volta. Em outras palavras, essa abordagem traz ao paradigma experiencialista a contraparte cognitiva que ainda não havia sido fortemente explorada pelos funcionalistas de modo geral.

Para descrever a compreensão humana do mundo à sua volta, muitos fatores devem ser considerados. Dentre eles, o fato de que o ser humano entende domínios mais abstratos mapeando-os em domínios mais concretos – experienciais, corpóreos (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Nesse sentido, converge também a proposta desenvolvida na teoria dos modelos cognitivos e dos espaços mentais (FAUCONNIER, 1997), através da qual os autores conseguiram buscar meios de representação dos processos da conceptualização humana do mundo.

Segundo Ferrari e Alonso (2009), a teoria dos espaços mentais, proposta inicialmente para tratar de fenômenos de referência que não haviam sido analisados satisfatoriamente pela semântica formal, resulta da ideia de que, à medida que o discurso se desenvolve, domínios cognitivos são criados. Esses domínios – os espaços mentais – permitem a organização de diferentes parcelas de informação de modo que seja possível acessá-las a qualquer momento.

Quando não se trata do espaço Base (a âncora discursiva que, em geral, representa o ‘aqui e agora’ do evento de fala), esses espaços projetam lugares distantes, períodos temporais referentes ao passado ou ao futuro, situações concebidas como irrealis ou relacionadas a desejos e crenças do falante e demais participantes do discurso (por exemplo: *Em Istambul...*, *Nos anos cinquenta...*, *Em 2022...*, *Se...*, *Eu queria que...*, etc.).

Também dentro dessa teoria, procura-se analisar o modo como o ser humano categoriza o mundo ao seu redor, entendendo-o como parte de um processamento que inclui prototipicidade e radialidade. Uma categoria radial diz respeito a um modo de categorização

que se organiza em torno de um protótipo, que é um ponto de referência cognitiva para o falante acerca daquela categoria. Os seres humanos não aprendem o léxico de sua língua decorando listas de palavras, mas sim entendendo novos significados a partir dos significados já conhecidos. Por exemplo, para entender o sentido de *passou* na frase *Ela passou três dias estudando para aquela prova*, é preciso depreender a ideia de deslocamento no tempo, a partir da noção anterior de deslocamento no espaço: *Ela passou por aqui*, que estaria mais diretamente relacionada ao protótipo de *passar* (normalmente o protótipo está ligado a algo que é mais experiencial, físico, etc.). Já para compreender a frase *Ela passou mal*, é preciso antes ter conhecido a ideia de *passar* como trajetória temporal, uma vez que é a relação *passar-tempo* que motiva diretamente a formação dessa frase.

De acordo com Salomão (2009, p. 32), os pontos que devem ser enfatizados em termos do tratamento cognitivista da linguagem são:

- i. a ênfase na natureza cognitiva das categorias linguísticas e dos processos gramaticais;
- ii. o reconhecimento da diversidade das línguas do mundo e, mesmo, dos usos de uma mesma língua, como condição constitutiva da linguagem humana, que é também uma produção social e histórica;
- iii. o tratamento processual da significação, incorporando seu inerente pragmatismo através dos conceitos centrais de perspectiva e enquadramento e espaços mentais;
- iv. a reivindicação do estudos dos processos imaginativos (da metáfora, da metonímia, da contra-factualidade, da mesclagem) como características distintivas de cognição e linguagem humanas.

A semântica cognitiva, dissidente da abordagem gerativa, parece ter superado suas origens, buscando rever os problemas do tratamento dado ao sentido pela ótica formalista no tratamento de dados linguísticos concretos. Assim, no comentário de Feltes⁴¹ (2007, p. 194), tem-se que o fracasso da abordagem gerativa se deve a:

- (a) é usada a sintaxe transformacional, que não poderia dar conta de amálgamas sintáticos;
- (b) dependia de uma teoria de categorias sintáticas clássicas, portanto não daria conta de efeitos de prototipicidade;
- (c) é usada uma gramática gerativa que não podia lidar com construções gramaticais motivadas, que não seriam predizíveis a partir de regras gerativas;
- (d) o léxico possuía disponíveis apenas regras de redundância, não tendo

⁴¹ Fazendo referência a Lakoff.

categorias radiais e, portanto, não podia tratar adequadamente da polissemia;

(e) não abordava a espacialização da forma e, portanto, não podia tratar de iconicidade sintática; e

(f) fazendo uso de uma semântica objetivista - com formas lógicas e teoria de modelos — não podia tratar, entre vários outros fenômenos: de categorias de nível básico e efeitos prototípicos em semântica; do fenômeno da semântica de frames; do fenômeno da metáfora; fenômenos de esquemas de imagens, sistemas conceituais alternativos, negação metalinguística, etc.

Atrelada a essa perspectiva, entende-se que a gramática cognitiva é funcionalista, em sentido lato, uma vez que cognitivistas consideram como as duas funções básicas da linguagem a sua capacidade simbólica e sua propriedade de promover comunicação, interação. Nesse sentido, vale recuperar as palavras de Langacker (2007, p. 442)

Ainda, a gramática cognitiva é parte de um amplo movimento que ficou conhecido como Linguística Cognitiva, o qual, de um lado, encaixa-se no escopo da diversificada tradição funcionalista. (...) considerações funcionalistas são tomadas como fundadoras para se tomar a estrutura da linguagem, ou meramente subsidiárias (LANGACKER, 1995, 1999). Por esse critério, a gramática cognitiva é fortemente funcional, aceitando que as duas funções básicas da linguagem são a simbólica (permitindo conceptualizações para serem simbolizadas por sons e gestos) e comunicativa/ interativa. A função simbólica é diretamente manifestada na variada arquitetura da gramática cognitiva, que propõe apenas estruturas simbólicas para a descrição do léxico, da morfologia e da sintaxe. A manifestação da função comunicativa/ interativa é uma questão fundamental, já que as unidades linguísticas são abstraídas dos eventos do uso.

Coerente com a abordagem da Linguística Cognitiva, encontra-se a proposta teórica da gramática das construções, que traz para o centro dos estudos linguísticos aquilo que qualquer formalista trataria como periferia, exceção da gramática (fora da *core grammar*): os compostos idiomáticos. O modelo da Gramática das Construções foi inicialmente proposto por Fillmore (1979), em um artigo que demonstrou que o modelo de análise gerativista de Chomsky, que postulava a um falante/ouvinte ideal não dava conta de um grande número de frases reais. Ou seja, de acordo com Fillmore (1979), é um equívoco sustentar uma teoria gramatical que não dá conta da criatividade do falante e que o subestima quanto ao uso de sua própria língua. Assim, o falante/ouvinte ideal de Chomsky passa a ser o falante/ouvinte inocente de Fillmore (1979), em uma sátira à artificialidade e ineficiência da proposta gerativista diante da real produção linguística.

A partir daí, as formas consideradas idiomáticas passaram a receber atenção e deixaram de ser encaradas como exceções na língua. Ao contrário, percebeu-se que sua estruturação se apresentava de modo análogo ao das frases ditas canônicas, que, até então,

dominavam os estudos linguísticos, por conta de uma crença absoluta no caráter composicional da linguagem.

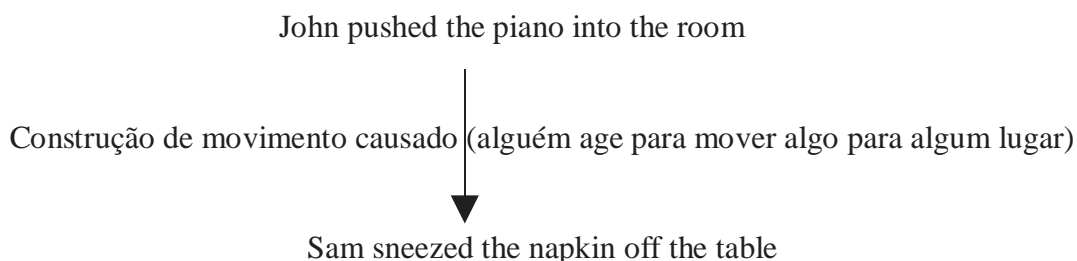
Dentre os trabalhos que se sucederam ao de Fillmore (1979), destaca-se o de Goldberg (1995). A autora, analisando a estrutura argumental dos verbos do inglês, propôs a tese de que a construção, em sua forma mais abstrata, possui um sentido autônomo, que será completado pelos itens que a instanciam. Dessa maneira, também tais itens, ao instanciarem a construção, recebem a carga semântica dela. O sentido de um enunciado linguístico deixa de ser a soma dos sentidos das partes e passa a ser o sentido da construção mais o sentido dos itens que dela fazem parte. Dessa forma, a ideia do pareamento forma-sentido ganha força e o entendimento de construção como unidade teórica se estabelece.

Para definir o que é uma construção gramatical, toma-se o seguinte trecho:

C é uma construção se e somente se C é um par forma-significado <Fi, Si>, de tal forma que nenhum aspecto de Fi ou de Si seja estritamente previsível a partir de partes componentes de C ou a partir de outras construções previamente estabelecidas. (GOLDBERG, 1995, p. 4)

A partir desse trecho, pode-se afirmar que a unidade de análise gramatical deixa de ser um item isolado e passa a ser uma construção. Uma construção deve ser entendida como qualquer elemento formal diretamente associado a algum sentido, alguma função pragmática ou alguma estrutura informacional. Isso significa dizer que podem ser construções morfemas simples, palavras multi-morfêmicas, expressões idiomáticas, sintagmas fixos com significado composicional, e até mesmo padrões sintáticos abstratos como o de movimento causado (X causa Y mover-se a Z).

No conhecido exemplo de Goldberg (1995, p. 9), com o verbo sneezed (espirrar, em inglês), a autora mostrou que um verbo que não indica originariamente movimento, como espirrar, por exemplo, poderia vigorar em uma construção de movimento causado, como se vê adiante:



Ocorre que o verbo espirrar, nesse caso, é um item com uma propriedade semântica especial, que é o fato de que expressa uma força expiratória suficientemente forte para “empurrar” (*to push*) algo para fora da mesa, ou, em termos mais gerais, transferir algo de lugar. Outros itens não entrariam nessa construção por não apresentar uma propriedade semântica da qual a ideia de movimento pudesse ser inferida. A análise dos itens e a observação diacrônica das mudanças de sentido e inferências que esses sugerem parecem ser, portanto, caminhos que se unem na busca da descrição das construções gramaticais.

A construção é uma unidade teórica carregada de forma e sentido subjacente às instâncias superficiais aos quais falante e ouvinte se expõe ao falar uma língua. Mais especificamente, para os propósitos deste trabalho, poder-se-ia postular que o sentido da expressão como *um litro de leite*, por exemplo, não é necessariamente o resultado do sentido de *um* + o sentido de *litro* + o sentido de *de* + o sentido de *leite*. Há um significado que emerge dessa combinação que já não pode mais ser recuperado analisando o composto parte por parte (item a item, vocábulo por vocábulo). Esse é o significado da construção *um* + N_1 + *de* + N_{sing_2} que dá base tanto à formação *um litro de leite* como à formação *uma colher de sopa*, *uma xícara de café*, etc. Ou seja, há um sentido específico e comum a todas essas expressões – algo como *quantificação precisa de elementos configuracionalmente compreendidos como incontáveis*.

Seguindo a proposta da noção de construção como pareamento de forma e sentido, que é ao menos parcialmente arbitrário, assim como o léxico em outras teorias, Croft (2001, p. 18) apresenta o seguinte modelo de estrutura simbólica para uma construção:

CONSTRUÇÃO

Propriedades sintáticas

Propriedades morfológicas

FORMA

Propriedades fonológicas

ELO DE CORRESPONDÊNCIA SIMBÓLICA

Propriedades semânticas

Propriedades pragmáticas

SENTIDO

Propriedades discursivo-funcionais

Pode-se notar que o termo sentido abrange todos os aspectos convencionalizados da função da construção. De acordo com esse esquema, o elo entre a forma e o sentido convencional é interno à construção. Isso quer dizer que estruturas conceptuais podem ser universais, mas, em outros aspectos, construções são específicas de cada língua. Um outro aspecto interessante da proposta de Croft é que, diferentemente do que se tinha até então, a relação forma-sentido, nesse caso, inclui elementos significativos de natureza diversa, incluindo aí fatores pragmáticos e discursivo-funcionais, em um abandono da semântica clássica em que um sentido está relacionado a uma forma como um todo encapsulado, descritível a partir de propriedades necessárias e suficientes e entendido como uma unidade discreta da linguagem humana.

Uma questão também essencial quando se trata de gramática das construções é o postulado de que essas estão organizadas nos moldes de uma rede. Ou seja, construções mais básicas gerariam construções mais complexas, de modo que seja possível descrever a relação entre uma construção e outra, depreendendo do nível de parentesco que se estabelece entre elas sintática, semântica e pragmaticamente. Entender a natureza de uma construção linguística perpassa, em alguma medida, pela compreensão da rede que se coloca, pelo menos, imediatamente vinculada a ela.

A rede construcional ratifica o entendimento de que a gramática de uma língua não é um emaranhado de sentenças soltas e desmotivadas. Ao contrário, trata-se de um repertório organizado segundo determinados princípios (GOLDBERG, 1995, p. 67-68), o que torna a análise gramatical coerente com processos cognitivos mais gerais dos seres humanos. São eles:

- i. O princípio da motivação maximizada, que afirma que se a construção A está sintaticamente relacionada à construção B, então a estrutura de A é motivada pelo grau em que A está relacionada a B semanticamente;
- ii. o princípio da não sinonímia, segundo o qual se duas construções sintaticamente distintas, elas devem ser semântica ou pragmaticamente distintas. Aspectos pragmáticos de construções envolvem particularidades de estrutura informacional, como tópico e foco, além de aspectos estilísticos da construção, como o registro.
- iii. o princípio da expressividade maximizada, que prevê que o inventário de construções é maximizado por propósitos comunicativos;
- iv. e o princípio da economia maximizada, em que o número de construções de uma

língua é o mínimo possível estabelecido pelo princípio da não sinonímia.

Ainda sobre gramática de construções, Langacker (apud TRAUGOTT, 2007a, p. 2, tradução nossa) sugere três fatores que afetam a estrutura linguística, quando se pensa em construção:

- i. Generalidade: o grau em que o esquema construcional reflete um padrão mais esquemático (geral, padronizado) do que específico.
- ii. Produtividade: o grau em que o esquema construcional é acessível para sancionar novas ocorrências.
- iii. Composicionalidade: o grau em que o sentido e a forma do todo são previsíveis por suas partes de acordo com o esquema sancionador.

Traugott (2007a, p. 3) procura identificar alguns níveis de construção, que serão igualmente importantes no tratamento dos dados da presente tese. Segundo a autora, há uma distinção entre:

- i) macro-construções, que cobre o nível esquemático máximo (por exemplo, *construções quantitativas*, *construções de modificação de grau*, etc.);
- ii) meso-construções, que corresponde ao conjunto de construções que apresentam comportamento semelhante (por exemplo, *um conjunto de + um pouco de*, etc.);
- iii) e micro-construções, que são construções individuais de tipo (por exemplo, *um bocado de*, *um tipo de*, etc.).

Nesse sentido, defende-se que a mudança linguística ocorre inicialmente no nível micro-construcional, em que um determinado sentido de uma expressão vai sendo repetido até que passe a dar base à criação de um novo padrão ou de uma nova macro-construção. Uma vez criada essa macro-construção, outras instâncias a ela vinculadas vão surgir, do que será possível construir um conjunto de macro-construções que funcionam para atualizar esse novo padrão e para consolidá-lo como parte da gramática da língua.

A seguir, serão apresentadas as construções estudadas nesta tese, de acordo com suas respectivas propriedades semântico-formais.

6 UM NI DE N2: CONSTRUÇÕES EM FOCO

Durante a análise de dados, foram observados diversos subtipos de construções binominais quantitativas; em favor de rigor analítico, entretanto, optou-se por reduzi-las àquelas que se formam com a estrutura *um NI de N2* – a saber, *Num NI de Nsing2*, *Num NI de Npl2*, *Art Indef NI de Nsing2* e *Art Indef NI de Npl2*. Ainda assim, levando em consideração a extensa variedade linguística do Português, admite-se a impossibilidade de se apurarem todos os padrões sintáticos relacionados a *um NI de N2*; contudo, a descrição que se apresenta adiante pretende contribuir teoricamente para as análises das construções binominais quantitativas, bem como para estudos tal como os realizados por alguns dos autores que se inserem no paradigma da Linguística Baseada no Uso (a exemplo de BYBEE, 2003, 2006, TOMASELLO, 2003, NOËL, 2006, etc), que promovem a aproximação de estudos em gramaticalização e em gramática das construções.

Levando tudo isso em conta, foram encontrados os seguintes padrões construcionais envolvendo a estrutura sintática constituída do item *um* acompanhado de *NI* mais a preposição *de* mais *N2* (*um NI de N2*). Em dois desses padrões, o item *um* se encaixa na categoria dos numerais (Num) e, nos outros dois, *um* pode ser considerado tradicionalmente como artigo indefinido (Art Indef). Tendo isso em vista, considerem-se alguns exemplos das construções especificamente tratadas neste trabalho:

- i. *Num NI de Nsing2*, como em *um quilo de farinha, uma pitada de sal*.
- ii. *Num NI de Npl2*, como em *um grupo de pessoas, um conjunto de coisas*.
- iii. *Art Indef NI de Nsing2*, como em *um pouco de manteiga, um bocadinho de areia*.
- iv. *Art Indef NI de Npl2*, como em *uma cacetada de crianças, uma porção de gente*.

Em um primeiro momento, com o intuito de mapear as construções relacionadas a *um NI de N2*, foi feita uma coleta de dados que obteve resultado de caráter mais qualitativo do que quantitativo. Como *corpora* de base, a coleta utilizou dados de 6 inquéritos referentes a conversas entre dois informantes coletadas no site do projeto NURC e às produções textuais (em modalidade oral e escrita, referentes a informantes com graus distintos de escolaridade e variando também quanto ao gênero textual) que constam no *corpus* do grupo de estudos *Discurso & Gramática (D&G)* relativo aos falantes do Rio de Janeiro. O resultado desse mapeamento está detalhado a seguir, por meio de subitens que tratam, individualmente, de cada construção encontrada.

Como já mencionado no capítulo introdutório da presente tese, algumas hipóteses não puderam ser respondidas apenas por meio das instâncias de cada padrão construcional recolhidas nos inquéritos do NURC e nas produções textuais dos informantes do *D&G/RJ*. Isso porque ambos os *corpora* apresentaram um número de exemplos que, de um lado, foi suficiente para identificar os quatro padrões propostos, mas, de outro, pequeno diante do universo de novos questionamentos surgidos em decorrência da análise dos dados.

Sendo assim, para confirmar algumas das questões sobre as propriedades formais e funcionais dos padrões construcionais descritos na presente tese, foi feita uma pesquisa complementar, *online*, que se realizou por meio do site de buscas *Google*. Com a finalidade de testar empiricamente tais impressões, consideraram-se as ocorrências referentes às dez primeiras páginas do *Google* resultantes das buscas, levando em conta que cada página oferece, em média, dez ocorrências da estrutura pesquisada.

Após o primeiro contato com as idiossincrasias de cada construção, o próximo capítulo dará conta da formatação da rede em que essas construções se encontram, estabelecendo, assim, as relações de herança entre elas. Para confecção da rede e postulação de possíveis laços de herança existentes entre as construções mapeadas, adotou-se a perspectiva diacrônica de análise da língua, entendendo que as construções se fixam (ou se *gramaticalizam*) ao longo do tempo e passam a funcionar como unidades teóricas de forma e significado. Os resultados apresentados neste trabalho não se limitaram à observação dos dados, mas também procuraram recuperar estudos que trataram de forma direta ou indireta do tema, sob ótica diacrônica e sincrônica.

Ainda acerca do estabelecimento da rede construcional sugerida, pretende-se comprovar que construções binominais quantitativas licenciam o surgimento da construção de modificação de grau. Mais especificamente, argumenta-se que construções do tipo de *Art Indef N1 de Nsing2* (a exemplo de *um pouco de comida*) geram construções de modificação de grau como *Art Indef N Adj* (a exemplo de *um pouco feliz*).

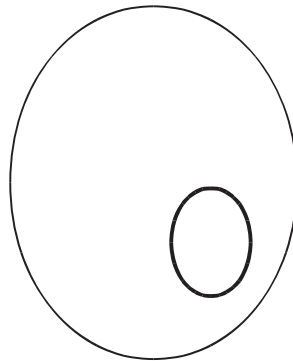
Sendo assim, passa-se propriamente à análise dos padrões construcionais encontrados.

6.1 O PADRÃO *NUM N1 DE NSING2*

Tendo em vista o padrão *Num N1 de Nsing2*, foi possível observar que sua função na língua é a de quantificar elementos conceptualizados como incontáveis e não delimitáveis, por meio da extração de parte de algum referente que passa a ser entendido como um todo. É o que se vê em construções do tipo *um litro de leite*, em que *leite*, incontável, torna-se passível

de quantificação por meio da quantidade expressa por *litro* na construção *um N1 de N2*. *Leite*, nessa construção, é entendido como fazendo referência a um todo do qual se retirará uma parte – *litro*. A esse processo cognitivo, como já foi visto em capítulo anterior, Talmy (2006, p. 79-81, tradução nossa) deu o nome de *extração de unidade (ou porção)*.

Veja-se o esquema 1, a seguir:



Esquema 1: Extração de unidade ou porção.

Entende-se que uma das propriedades típicas da construção binominal quantitativa e, nesse caso estrito, da construção *Num N1 de Nsing2*, recai sobre o fato de que essa estrutura funciona como um artifício gramatical para quantificar elementos incontáveis (como se vê em *um litro de leite*, *um quilo de feijão*, etc.). Assim, a estrutura se encontraria na interseção de duas operações cognitivas: a primeira, a de extração de unidade ou porção (*litro* e *quilo* sendo extraídos, respectivamente, de uma quantidade não-delimitada de *leite* e *feijão*); a segunda, a de delimitação de algo naturalmente não-delimitado (*leite* e *feijão*, naturalmente não-delimitados, passando a + delimitados, respectivamente, através de *um litro de*, *um quilo de*).

Tomando a extração de unidade ou porção como um mecanismo cognitivo mais geral relacionado a essa construção binominal quantitativa, optou-se por esquematizá-las nesses moldes – em que uma parte é destacada do todo. Também nesse esquema, deve-se levar em conta que, na construção em foco, que gera um desacordo (ou *mismatch*) entre léxico e construção, a mudança no traço semântico de *N2* é motivada pela estrutura binominal em que o item se insere.

O esquema anterior procurou representar o processo cognitivo de extração de porção descrito por Talmy (2006). Segundo o autor, as línguas disponibilizam meios gramaticais para a conversão de elementos pertencentes a um subconjunto para outro que o falante julgue mais

apropriado: por exemplo, a partir da estrutura *grain of sand*⁴², é possível quantificar *sand*⁴³, que conceitualmente é tomado como incontável ou não-delimitado, nas palavras do autor.

Como o autor está propondo uma generalização em termos dos artifícios gramaticais que cumprem a função de extração de porção, e como esta está sendo compreendida como mais geral na análise da construção *Num NI de Nsing2 (um litro de leite, um quilo de feijão)*, seria possível estender esse raciocínio para o caso de *uma colher de sopa, uma tora de madeira etc.*

Para tanto, deve-se reconhecer que, além de relacionar o processo de extração de porção à função de delimitar referentes tomados como não-delimitados, um outro processo cognitivo, especialmente relacionado a este último (delimitar ou contar entidades não-delimitadas ou incontáveis) passa a atuar – a saber, aquele que diz respeito ao que o autor chama de *estado de divisão*.

O *estado de divisão* dá conta do fato de que nomes entendidos como contínuos passam a ser configurados como discretos por meio de uma operação cognitiva de conversão desses traços, a qual é ativada, gramaticalmente, por uma construção binominal quantitativa. Por exemplo, pode-se dizer o referente *areia* é semanticamente interpretado como contínuo, muito embora se possa entender que a areia é formada por um conjunto de grãos (em que grão é entendido como unidade discreta).

Entretanto, parece que, tomando o exemplo *um litro de leite*, pode-se entender que *litro* é, de fato, uma unidade criada culturalmente, que constitui parte de algo, mas que, a princípio, não se constitui de *litros*, como ocorre com *um grão de* em relação a areia. Parece que *um litro de leite* tem mais relação com o processo de delimitação, em que uma quantidade indefinida de *leite* é definida ou limitada por *um litro de*. Em *um litro de leite*, *litro* funciona como a quantidade de leite, mas não como parte tipicamente constituinte do leite, tal como *um grão de* em relação a *areia*. Entretanto, pode-se argumentar que, vinculado à extração de unidade ou porção, encontra-se a conversão do que é contínuo em discreto.

Parece estar havendo, na comparação dessas instanciações, um processo mais geral de extração de unidade ou porção, o qual pode ser especificamente associado a outros processos cognitivos, a depender da instância que está sendo analisada. Parece também que, para o falante, essas pequenas idiossincrasias não afetam sua compreensão da função discursiva mais geral da construção, levando à conclusão de que a construção gramatical assume uma função singular na língua: a de apagar as diferenças – para citar Wittgenstein (1984) - e permitir que

⁴² Grão de areia.

⁴³ Areia.

o jogo da linguagem siga em frente.

Avançando na discussão, tem-se que, sobre a noção de plexidade (categoria geral à qual o processo de extração de unidade ou porção está vinculado), Talmy (2006, p. 79, tradução nossa) afirma que:

Onde a quantidade consiste em apenas um elemento, é 'uniplexa', e onde consiste em mais de um, é 'multiplexa' (...) Especificações como a plexidade são feitas tanto por itens lexicais quanto por elementos gramaticais, havendo uma interação entre os dois, quando se encontram associados.⁴⁴

Como já se disse em capítulo anterior em referência ao mesmo autor (TALMY, 2006), considerando itens inerentemente multiplexos, como *plateia*, por exemplo, é possível haver mecanismos gramaticais que sinalizam a operação inversa da multiplexização, chamada de extração de porção (ou extração de unidade) – ex: *um membro da plateia aplaudiu de pé*. Nesse caso, *plateia* seria entendida como item multiplexo, mas, a partir de uma operação de extração de unidade ou porção, a construção *membro da plateia* focaria a ideia de uniplexidade, em que se destaca um elemento em relação a um todo. Sendo assim, considera-se, mais uma vez, que a construção *Num N1 de Nsing2* se encaixa em um padrão de construções binominais quantitativas associadas ao processo cognitivo de extração de porção.

Em termos mais estritos, a construção gramatical é constituída do numeral indicador de uma única unidade (**uma colher de arroz**, **um litro de leite**), de um nome que expressa a unidade ou porção extraída do todo (N1 em **uma colher de arroz**, **um litro de leite**), da preposição *de* e de um segundo nome que representa o todo (N2, em **uma colher de arroz**, **um litro de leite**), que tende a aparecer na forma singular – morfologia típica daqueles que são compreendidos como incontáveis, não-delimitados.

Sobre a ideia de delimitação e não-delimitação de nomes, Talmy (2006), conforme mencionado em capítulo anterior, novamente trata dessa propriedade, atribuindo à classificação dos nomes a categoria de definitude. Essa categoria procura dar conta da diferença entre *furniture*⁴⁵ e *piece of furniture*⁴⁶, por exemplo, em que o primeiro é entendido como incontável, ou não-delimitado, e o segundo é entendido como contável ou delimitado.

A respeito da categoria de definitude, o autor (TALMY, 2006, p. 81-82, tradução nossa) afirma que:

⁴⁴ No original: “Where the quantity consists of only one such element, it is 'uniplex', and where it consists of more than one, it is 'multiplex' (...) Specifications as to plexity are made by both lexical items and grammatical elements, and there is interplay between the two when they are both in association.”

⁴⁵ Móvel.

⁴⁶ Peça da mobília.

Quando uma quantidade é especificada como incontável, ela é concebida como continuando indefinidamente sem nenhuma característica intrínseca de definitude. Quando a quantidade é especificada como contável, ela é concebida como uma entidade demarcada em termos de uma unidade individual. Aplicadas a nomes, essas noções em geral correspondem à tradicional distinção entre massa e unidade.⁴⁷

Partindo da existência dessa construção em português, a análise que será apresentada adiante refere-se às instâncias de *Num N1 de Nsing2* encontradas no *corpus* do grupo de estudos Discurso & Gramática, tendo em vista que, nos dados coletados no NURC, apareceu apenas um exemplo dessa construção⁴⁸. Na descrição dessa construção, assim como nos demais padrões analisados, os dados foram distribuídos em duas tabelas, de acordo com a fonte de dados.

É interessante perceber que todos os casos encontrados de N1 significando unidade (ou ainda porção de algo) e N2 significando todo (conjunto ou ainda massa de onde a porção é extraída, conforme comenta Talmy na citação anterior) apresentaram também N2 tendendo a ocorrer no singular, mostrando certa regularidade dessa restrição morfológica resultante da função discursiva, associada a processos cognitivos, dessa construção.

Alguns casos, entretanto, mostraram-se de difícil análise e merecerão destaque mais adiante; esses dados não se encontram contabilizados nas tabelas a seguir, que trazem os resultados da coleta de dados dos corpora do D&G/ RJ (tabela 1) e do NURC (tabela 2).

Num N1 de Nsing2	
Instâncias	Nº de exemplos
Uma caixa de N2	1
Uma colher de N2	4
Um tabletezinho de N2	1
Um tablete de N2	4
Um quilo de N2	2
Um copo de N2	7
Uma pitada de N2	3
Uma xícara de N2	1
Uma colher de sopa de N2	2
Uma lata de N2	4
Um litro de N2	1

⁴⁷ No original: “When a quantity is specified as 'unbounded', it is conceived as continuing on indefinitely with no necessary characteristic of finiteness intrinsic to it. When a quantity is specified as 'bounded', it is conceived to be demarcated as an individuated unit entity.”

⁴⁸ Acredita-se que esse fato se deu por conta de o *corpus* do D&G orientar produção textual de “relatos de procedimento”, em que muitos informantes descreveram receitas, as quais favoreceram o aparecimento dessa construção. Por outro lado, os diálogos entre os informantes do NURC trataram de temas mais gerais como a economia, a política, a vida social dos interlocutores, etc. - temas que não privilegiam, aparentemente, o uso de construções deste tipo.

Um pedaço	4
Um pedacinho	1
Total	35

Tabela 1: instâncias de Num N1 de Nsing2 no D&G/RJ

Num N1 de Nsing2	
Instâncias	Nº de exemplos
Um lance	1
Total	1

Tabela 2: instâncias de Num N1 de Nsing2 no NURC

Nessas tabelas, o que se pôde perceber foi que os nomes que instanciam *NI* se restringem a determinadas classes semânticas, a saber: aquelas que expressam quantidades tomadas como mais universais (como se vê em *litro*, *quilo*, etc.), aquelas referentes à noção de recipiente (como *xícara*, *colher*, *pote*, etc), aquelas oriundas de mudança semântica mais idiossincrática (como *pitada*, por exemplo), aquelas relativas ao modo como o produto é comercializado (como *lata*, *caixa*, etc.), aquelas que indicam *parte* propriamente dita (como *pedaço*, *pedacinho*) e, por fim, ocorreu o caso de *um lance de escada*, em que *lance* é tomado parte inerente da composição da escada. Embora se reconheçam contornos semânticos típicos de cada classe descrita, a relação parte-todo parece ser preservada em todas elas – o que, espera-se, ratifica a tese de um processo mais geral de extração de unidade ou porção relacionado ao padrão em destaque.

Dessa forma, para a organização do trabalho, considerar-se-á uma construção mais geral – *Num N1 de Nsing2* – e subgrupos relacionados a essa construção, cada um representando as propriedades idiossincráticas típicas de cada uma das classes semânticas identificadas. A perspectiva, entretanto, não se modifica, ou seja, a construção *Num N1 de Nsing2* assume uma função na língua, e suas instanciações, embora diferentes em alguma medida, manteriam a função discursiva tipicamente relacionada a essa construção – aquela vinculada ao processo de extração de porção.

Também é preciso reforçar que a proposta desta tese é analisar os dados em termos de uma teoria de construções gramaticais, o que implica dizer que essas instâncias, ainda que representando uma classe semântica e um padrão construcional, podem facilmente flutuar em termos de sua interpretação, uma vez que o sentido, subespecificado pela forma, não garante a sua vinculação a um padrão ou classe semântica exclusivos. A leitura é, muitas vezes (como no caso dos exemplos que serão analisados), orientada pelo contexto, mas também se poderia considerar que a ambiguidade é inerente ao uso, e para o ouvinte não importam tanto essas

diferenças, por não afetarem tão fortemente a informatividade do enunciado.

Por exemplo, vejam-se dois exemplos coletados na internet, para ilustrar essa observação. Eles dizem respeito à primeira classe semântica – referente às quantidades tomadas como mais universais. Observa-se que alguns casos do uso de *litro*, *quilo* também poderiam ser entendidos como relativos ao modo (embalagem, quantidade, forma) de venda de um determinado produto – o que poderia levar o analista a enquadrá-los juntamente a *lata*, *caixa*, etc. Compare:

- (15) “Imaginem o senhor Alberto que vai com a mulher ao hipermercado comprar **um litro de leite**, mas como eles, como qualquer um de nós, não consegue resistir aos preços baixos e compra..... Desengane-se quem acha que a saga termina aqui, pois o senhor Alberto ainda foi bombardeado com aquelas “bem ditas” promoções, dois produtos diferentes num só, leve três e pague dois e comprou mais alguns artigos desnecessários.”⁴⁹
- (16) “se mataste o sapo seu cachorro vai morrer, se preservou o sapo seu cachorro também será preservado se fizer ele beber **um litro de leite**, lógico que não de uma vez, mas de leite ao invés de dar água, apesar que os leites hoje tem mais água que leite, deixe o cachorro em observação, pois o veneno do sapo não irá matá-lo e se ele não tinha nenhuma lesão na boca a contaminação será quase nula.”⁵⁰

Comparando as sentenças 15 e 16, é possível perceber que, em *Imaginem o senhor Alberto que vai com a mulher ao hipermercado comprar um litro de leite*, a construção quantificadora evidencia provavelmente a porção de leite que se vende por vez em um mercado. Já em *se fizer ele beber um litro de leite*, a relação com o modo como o leite é comercializado não importa tanto, já que o foco recai fortemente sobre a quantidade (do produto). Isto porque ela vai contra a expectativa que se tem do quanto um cachorro bebe ou deve beber de leite por vez – o que parece explicitado pelo próprio informante no trecho *lógico que não de uma vez*.

Entendidas as duas perspectivas guiadas pelos contextos, conclui-se que a classe semântica a que se está referindo na descrição dos dados se volta para uma tentativa de

⁴⁹ Disponível em: <http://aliberdadedeescrita.blogs.sapo.pt/arquivo/153368.html>. Último acesso em: 08/12/2009.

⁵⁰ Disponível em: <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20070611131834AA3pW59>. Último acesso em: 08/12/2009.

classificar mais amplamente os nomes que instanciaram *NI* na análise de dados. Porém, tendo em vista uma perspectiva baseada no uso e a proposta, de base cognitivista, de que o sentido está sempre suscetível à variação por não se aprisionar à forma, não se pode apostar que os valores identificados nos exemplos dos dados estejam atados aos itens em questão.

Inicia-se, então, a análise dos dados coletados nos *corpora*. Para isso considere-se um exemplo dessa construção selecionado para análise.

- (17) “E: e como se faz um bolo... Rafael?
I: é só pegar um ovo... ou dois ovos... se você quiser fazer um grande... e pegar::... **um quilo de farinha...** um pouquinho... e depois mexer... depois botar... eh:: manteiga... açúcar... mexe... aí depois você bota na forma e bota no bo/ e bota no forno... aí depois você tira e está pronto...” (informante do CA infantil, parte oral)

No exemplo 17, o informante descreve a receita de um bolo, listando seus ingredientes e modo de preparo. Uma das medidas recomendadas na receita é indicada por uma construção binominal quantitativa, a saber: *um quilo de farinha*. Esse é o exemplo clássico de construção quantitativa descrita na literatura (MATEUS ET AL, 2003, p. 382-383), em que N_1 (quilo) denota uma quantidade precisa ou determinada em relação a N_2 (farinha), veiculado por nome incontável, com sentido de massa, (que passa a ser *contado* a partir da estrutura com *de*).

Sintaticamente, a construção *Num NI de Nsing2*, instanciada por *um quilo de farinha*, é uma estrutura quantificadora que se apresenta como a combinação de um numeral mais um nome que denota, em geral, quantidade determinada e um sintagma preposicional (SP). Como já dito, uma restrição morfossintática observada com relação a esse subgrupo foi o fato de que N_2 não pode ser pluralizado. Com referência aos exemplos dispostos nas tabelas 1 e 2, todos os casos de N_2 referem-se a nomes no singular, incontáveis.

Tendo isso vista, comparem-se os exemplos que se seguem:

- (18) Um quilo de farinha
(19) ?Um quilo de farinhas

Observados esses dois usos anteriores, percebe-se que a pluralização de N_2 , nessa construção com numeral e *NI* indicando unidade, parte ou ainda porção, se apresenta de modo bastante restrito em português. Esse aspecto é interessante, porque confirma a tendência que se observou nos dados com relação à restrição morfológica típica de N_2 em construções deste tipo.

A pluralização de N2 também pode ser vista em exemplos como os que se seguem. Veja-se⁵¹:

(20) uma lata de chocolate

(21) uma lata de chocolates

Levando em conta os exemplos 20 e 21, observa-se que apenas o exemplo 21 apresenta restrição de uso em português, conforme resultado da pesquisa no site de buscas. Esses são exemplos interessantes, porque, no primeiro caso, a que novamente está vinculado o processo de extração de porção, *chocolate* parece ser tomado com não delimitável, em que se destaca uma porção condizente com um conteúdo que cabe em uma lata; no segundo exemplo, a pluralização de *chocolate* parece ilustrar um processo cognitivo mais associado à multiplexização⁵² do que à extração de porção (aproximando-a do exemplo anterior, já que, aparentemente, *lata*, nesse caso, tende a ser interpretada como um conjunto resultante da soma de vários chocolates (sortidos ou embalados um a um), entendidos como um referente mais discreto (em vez de mais contínuo). Nesses casos, é comum que a marca do chocolate esteja explicitada⁵³.

É o que se vê em:

(22) *Na véspera do Dia de Reis, as crianças deixavam um sapato na janela para receber, no dia seguinte, quase sempre, uma ou duas moedas envoltas em chocolate. Ganhavam também saquinhos de chocolate. Às vezes comprava-se **uma lata de chocolates Dizzioli**. Quem tinha mais poder aquisitivo oferecia uma boneca à filha e um carrinho ao filho.*⁵⁴

Como já foi mencionado, a forma *um*, característica das construções focadas neste trabalho, pertence, neste caso, à classe dos numerais (ou seja, poderia ser substituída por outros numerais como *dois*, *três* etc., em termos paradigmáticos) – o que motivou a

⁵¹ *Uma lata de chocolates* (que apresentou apenas dez exemplos ou uma página como resultado da busca; nas outras nove páginas buscadas, a construção não se repetiu), enquanto *uma lata de chocolate* aparece nas dez ocorrências de cada uma das dez primeiras páginas do *Google*. Último acesso em: 08/12/2009.

⁵² Nesse sentido, pertenceria a um outro padrão construcional, que será tratado em mais detalhes adiante.

⁵³ Vale lembrar que, embora mencionado para cumprir meramente função comparativa, é preciso lembrar que quando N2 (chocolates) é modificado por um outro termo (no caso, Dizzioli), essa expressão deixa de fazer parte das construções-alvo desta tese – a qual estuda restritamente a construção *um NI de N2*.

⁵⁴ Disponível em: <http://www.dgabc.com.br/default.asp?pt=colunas&pg=colunadetalhe&col=15&men=1010>. Último acesso em: 08/12/2009.

postulação das construções com numeral. Esse fato é demonstrado, a seguir, por meio da permuta do cardinal *um* por outro membro de mesma classe, sempre com o segundo nome no singular.

- (23) um quilo de farinha
- (24) dois quilos de farinha

Passando à análise dos demais casos dessa mesma construção, deve-se considerar que o segundo grupo de classes semânticas (condizente aos casos que fazem referência à noção de continente) reúne um tipo de construção que foi anteriormente tratado por Croft (2001), quando estabeleceu a diferença entre *a cup of coffee* e *a coffee cup*. O autor comparou as seguintes sentenças, ilustradas nos exemplos 25 a 28:

- (25) Tim drank a cup of coffee
- (26) *Tim broke a cup of coffee
- (27) Tim broke a coffee cup
- (28) *Tim drank a coffee cup

Nessa comparação, foi demonstrado que há uma mudança de foco entre *Tim drank a cup of coffee*⁵⁵ e *Tim broke a cup of coffee*⁵⁶, tendo em vista que, na primeira, o foco incidiu sobre a quantidade bebida e, na segunda, sobre o objeto que foi quebrado. A língua inglesa fornece artifícios para o falante indicar essa mudança de foco: assim, quando o foco é a quantidade de bebida, a construção requerida é *cup of coffee*, cujo núcleo é *coffee* e quando o foco recai sobre o objeto, a construção utilizada é *coffee cup*, cujo núcleo é *cup*. A agramaticalidade de 26 e 28 parece provar essa relação.

Em português, também é possível observar alguma diferença entre construções do tipo: (i) *Eu quebrei uma xícara de café* e (ii) *Eu tomei uma xícara de café*, em que o contexto da sentença orienta a leitura da construção quantitativa, no caso de *i*, ou qualitativa, no caso de *ii*. A sintaxe do português, entretanto, apresenta diferença sutil entre os dois exemplos. Aparentemente, há uma relação mais fortemente adjuntiva quando se trata do tipo de xícara e menos adjuntiva quando se trata da quantidade ingerida. Em outras palavras, o *SP de café* parece estar mais integrado à construção quantitativa, funcionando como uma estrutura

⁵⁵ Tim bebeu uma xícara de café.

⁵⁶ Tim quebrou uma xícara de café.

aparentada à de complementação nominal (MATEUS ET AL, 2003, p. 382-383) em relação a litro e compondo uma construção binominal quantitativa de extração de porção em que formalmente tem-se um SP expressando a noção de todo, de conjunto do qual se destaca uma parte.

Considerando os dados catalogados, tem-se o seguinte:

- (29) I: bom... o bolo... você pega:: a tigela... né? vou botar logo a tigela ((riso)) pega a tigela... aí pega o açúcar... põe três copos de açúcar... põe... eh... põe manteiga... **uma colher de manteiga**... ou um tabletezinho de manteiga... põe óleo... aí bate tudo... depois que bater... você pega a farinha de trigo... ponha três copos e meio... coloca... aí começa a mexer... aí passa um/ aí põe o leite... na hora que você for colocar o leite... você coloca um pouco de fermento... pra ele crescer um pouco mais... né? aí bate tudo... depois pega:: a... a forma... põe um pouquinho de manteiga na forma... depois passa a fa... eh... farinha de trigo (CA Supletivo, parte oral)

No exemplo 29, o nome que aparece como N_1 (colher) é fruto de um processo em que se estabelece a relação continente-conteúdo. Ou seja, *colher* passa a ser interpretada como passível de instanciar uma construção quantificadora deste tipo, uma vez que se entende que a quantidade descrita é aquela que equivale à quantidade que uma colher comporta, ou seja, estar-se-ia falando de uma quantidade mais precisa, posto que essa é limitada à dimensão de uma colher.

Em relação ao exemplo seguinte, que traz o uso de *colher de sopa*, entende-se que só foi possível tomá-la como medida, a partir de um processo de lexicalização em que colher de sopa entra no léxico do português⁵⁷, primeiramente para se referir a um tipo especial de colher; em seguida, tomando esse tipo de colher, que possui um tamanho específico, estabelecido como unidade de medida em que a quantidade é conceptualizada. É o que se pode ver no exemplo a seguir:

- (30) *duas colheres de sopa de açúcar.. uma pitada de sal... **uma colher de sopa de fermento**... duas xícaras de farinha de trigo... e::... cem gramas de manteiga derretida... aí::/ ah::... e açúcar vanille... duas colherinhas de::... de chá... de açúcar vanille... o que mais? é isso... ah... (informante de terceiro grau, parte oral)*

⁵⁷ Registra-se, ainda, o uso lexicalizado e altamente idiomático de *colher de chá* em “Você errou, mas vou te dar uma colher de chá dessa vez e deixa-lo fazer de novo”.

Nesse exemplo, o informante está listando para o entrevistador os ingredientes de uma receita. Para tanto, uma das medidas utilizadas é *colher de sopa*, na construção *uma colher de sopa de fermento*. Tendo em vista exemplos como esse, pode-se dizer que, dentro de um grande grupo de construções com a estrutura *Num N1 de Nsing2*, é possível depreender alguns contextos que apresentam uma relação íntima entre o objeto em si (em *Ele comprou uma colher de sopa*) e a quantidade por ele expressa (em *Maria adicionou ao molho uma colher de sopa de sal*). O segundo valor é inferido do primeiro, por extensão metonímica: como *colher* carrega uma determinada quantidade de N, tem seu sentido ampliado para a designação da própria quantidade de N.

A análise de *uma colher de manteiga* e de *uma colher de sopa de fermento* justifica a inserção desses exemplos no padrão *Num N1 de Nsing2*, tendo em vista sua associação à função de extração de unidade ou porção – uma unidade específica (*colher de sopa*) é extraída de uma quantidade indefinida de *fermento* – em que se observa também a operação de conversão de delimitar um nome (*fermento*) tomado como não delimitado – ou incontável, como tradicionalmente é classificado.

Assim como ocorreu com *um quilo de farinha*, *uma colher de manteiga* e *uma colher de sopa de fermento*, é possível permutar o cardinal *um* por outro da mesma classe:

- (31) uma colher de manteiga
- (32) duas colheres de manteiga
- (33) uma colher de sopa de fermento
- (34) duas colheres de sopa de fermento

Na comparação dos exemplos anteriores, pode-se perceber que a alteração da unidade correspondente ao numeral que quantifica N1 não afeta a gramaticalidade da sentença e é perfeitamente passível de ser produzido, além de comum em textos como os de receita, por exemplo.

Além da propriedade de ter um numeral em sua estrutura, tais construções não admitem também a pluralização de N2 e mantêm a vinculação ao processo de extração de unidade ou porção, como pode ser visto nos exemplos a seguir⁵⁸:

⁵⁸ Não foram encontradas ocorrências no *Google* para *uma colher de manteigas* e *uma colher de sopa de fermentos*. Consideraram-se esses usos agramaticais. Os exemplos com *manteiga* e *fermento* no singular, apareceram nas dez primeiras páginas do *Google*. Último acesso em: 08/12/2009.

- (35) uma colher de manteiga
- (36) ?uma colher de manteigas
- (37) uma colher de sopa de fermento
- (38) ?uma colher de sopa de fermentos

Nos exemplos de 36 a 38, mais uma vez mostra-se que a pluralização de *N2* não é admitida ou pelo menos fica mais restrita nos exemplos da construção *Num NI de Nsing2*. Esse fato parece ratificar o que vem sendo dito nos parágrafos anteriores acerca da conceptualização das unidades orientadas pela construção em foco. Sendo uma construção de extração de porção, a tendência é a de que palavras entendidas como massas devam figurar mais facilmente como *N2* e, sendo assim, há uma possibilidade maior de que *N2* esteja no singular, conforme mostram os exemplos. A incidência alta de *N2* como massa representa uma constante atualização desse padrão, consolidando, dessa forma, cada vez mais a autonomia da construção na língua bem como a manutenção de sua expressividade.

Um terceiro subgrupo dentre as classes semânticas encontradas nos dados é aquele em que *NI* faz referência à embalagem ou ao modo como um determinado produto é comumente vendido. Mais uma vez, entende-se que, conforme já mencionado anteriormente, essas classes estão sendo tomadas aqui em termos de suas propriedades típicas e as instâncias são ilustrativas de um padrão e não atadas a ele. Considere o exemplo:

- (39) *Pizza. Pego um copo de 250ml com leite e sal, leva-se ao fogo e depois acrescenta-se um tablete de fermento biológico e depois 250g de farinha de trigo, mistura-se até obter a consistência certa. Coloca-se a mistura em uma forma com óleo depois acrescenta-se mais farinha de trigo, até que a massa fique sem grudar. Retira-se a massa da forma, coloca-se óleo por toda a forma e estica-se a massa. (informante do segundo grau, parte escrita)*

Neste exemplo, parece haver também uma relação do tipo continente-conteúdo, no sentido de que a quantidade de fermento a ser acrescentada na receita da pizza é aquela equivalente a um tablete. Exemplos como esse foram separados dos anteriores porque, ao que parece, há aqui uma ideia de que esse grupo refere-se a medidas advindas especificamente da forma como o produto é vendido. Um tablete de fermento, por exemplo, não equivale à mesma medida de um tablete de margarina. Parece aqui se tratar de uma quantidade inferida de modo mais especificado, assumindo um caráter menos geral, como ocorre com *colher*,

colher de sopa, xícara etc.

Mais uma vez, justifica-se considerar *um tablete de fermento* como uma instância da construção *Num N1 de Nsing2*, dado o entendimento de que *um tablete de* funciona como uma estrutura de delimitação de uma quantidade/ parte do referente não-delimitado (*fermento*) associada ao processo mais geral de extração de unidade ou porção.

Foi encontrado, ainda, um outro exemplo dessa construção, relacionado a outra classe semântica, com *N1* sendo instanciado por *pitada*, como pode ser visto a seguir:

(40) Também eu sei fazer ovo mechido.

Acendemos o fogo e pegamos a frigideira e colocamos um polco de olho.

Pegamos o ovo e colocamos na frigideira, e colocamos **uma pitada de sal** de pois é só mecher e esperar um pouquinho e está pronto. (informante da quarta série, parte escrita)

Nesse exemplo, o informante faz uso da quantidade *pitada* para se referir ao quanto de sal deverá ser acrescentado ao ovo. Tornou-se difícil, entretanto, saber a origem exata da palavra *pitada* e, em consequência, reconhecer o processo cognitivo que dá base para tal criação. Entretanto, registra-se o que comenta Nascentes (1955, p. 402) sobre o termo:

A. Coelho derivou do tema céltico *peto, pito*, que temos em *peça, pedaço, petisco, pitaça*, e que corresponde ao lat. *quotus*. G. Viana, *Apost.*, II, 278, achou que o vocábulo parecia provir de um verbo *pitare*, “comer aos poucos”, que existe em provençal, *pitá*, e de que *pitada* deve ser um adjetivo participial substantivo. Figueiredo pensa que talvez se relacione com o brasileiro *pitare* fumar em cachimbo.

Tendo em vista as palavras de Nascentes (1955), entende-se que o sentido de *pitada* pode estar relacionado à ideia de *pedaço* – o que converge com a proposta deste trabalho, uma vez que esse item instancia necessariamente uma construção que envolve relação parte-todo com foco na parte, a qual, em última instância, como já foi mencionado, liga-se ao processo cognitivo da extração de porção ou unidade. O sentido de *pitada* como *comer aos poucos* também se mostrou bastante interessante, uma vez que outros vocábulos, como *bocado* (inicialmente entendido como pedaço que cabe na boca), por exemplo, relacionam-se ao verbo *comer*. O particípio parece também exprimir um aspecto verbal ligado ao processo de extração de porção, uma vez que recorta parte da ação descrita (TALMY, 2006, SAID ALI, 1964).

O item *pitada* ocorre em construções em que *N2* (nesse caso, *sal*) tende a não ser

pluralizado, devido à base cognitiva que sustenta o referido processo de extração de unidade ou porção. Além disso, *um* pertence à categoria dos numerais, como se pode verificar em:

- (41) uma pitada de sal
- (42) ?uma pitada de sais
- (43) duas pitadas de sal

Nos três exemplos anteriores, é possível perceber, de um lado, a aparente estranheza da construção quando *N2* (sal) está no singular (em contraponto à agramaticalidade de quando este elemento vai para a forma plural); e, de outro, a não estranheza quando *um* é permutado por outro numeral cardinal, ou seja, por um elemento que se relaciona com o cardinal *um* paradigmaticamente.

Nos dados coletados no *Google*, *sais* aparece em quatro exemplos, mas apenas acompanhado de uma especificação (por ex: *sais minerais*, *sais líquidos*) – o que torna possível sua forma pluralizada. Esse caso, claramente distinto do que se está analisando aqui, não está sendo considerado nos dados, mas, de fato, em todas as construções que levam *N2* à forma singular, a pluralização parece ser perfeitamente possível quando este aparece especificado.

- (44) O papel poderia ser o futuro da energia para a parafernália eletrônica? Assim como os plásticos desencadearam uma revolução na fabricação de materiais do dia a dia, uma nova fonte de energia composta por celulose, nanotubos de carbono e **uma pitada de sais líquidos** poderia revolucionar a energia por trás dos aparelhos, de iPhones a marca-passos.⁵⁹

Nesse caso, parece se tratar de mais de uma qualidade de sal líquido, entendendo que há aí um todo formado pela soma de sais líquidos variados. A análise de exemplos como esse, entretanto, deve apontar mais para o fato de que *sais líquidos* e *sais minerais* ocorrem muito frequentemente na forma plural, a ponto de se tornarem lexias complexas, assumindo, dessa maneira, um grau maior de subjetividade.

Além desse caso, foram encontradas também instância como *um pedaço(inho) de N2*. Exemplos desse tipo parecem representar os casos mais prototípicos dessa construção, em que

⁵⁹ Disponível em: http://www.ripa.com.br/index.php?id=814&tx_ttnews%5Btt_news%5D=845&tx_ttnews%5BbackPid%5D=1081&cHash=04957ae7cd . Último acesso em: 08/12/2009.

a relação parte-todo já está especificada no sentido de *NI*. Para ilustrar, toma-se o exemplo a seguir:

(45) Como fazer boneco de lama

Você pega lama, molha com água depois você mexe a lama com **um pedaço de madeira** e depois você pega faz o bonequinho e deixa ele secar uns 30 minutos e ai vai sair um lindo bonequinho de lama do jeito que você quiser. (informante da quarta série, parte escrita)

Nesse exemplo, o informante descreve os procedimentos para se fazer um boneco de lama. Ao descrever, ele faz uso de uma construção binominal quantitativa do tipo *um pedaço de madeira*. Nesse caso, a relação parte-todo está explicitada, posto que, além de se ter uma estrutura em que se extrai uma porção *pedaço* de um nome incontável, tomado como massa (*madeira*), *NI* semanticamente já projeta essa relação. O sentido de *pedaço* só pode ser compreendido em relação a um todo – o que faz dessa construção um exemplo que pode ser atribuído ao padrão associado ao processo cognitivo de extração de porção.

Há de se comentar, entretanto, que esse caso também poderia ser entendido como um exemplo de cunho mais qualitativo, sendo *um* artigo indefinido e, *de madeira*, locução adjetiva. Parece ser esse um daqueles casos de ambiguidade, em que, para o falante, não importa tanto o padrão construcional que será interpretado, posto que a informatividade não é prejudicada.

Outro exemplo da construção *Num NI de Nsing2*, que foi enquadrado em uma classe semântica à parte dos demais é o que vem a seguir:

(46) L2: ué... foi o que aconteceu com com o meu apartamento... esse agora que eu comprei... porque ele tem um desnível... o apartamento tem quatro níveis diferentes e então você entra pela sala de estar... desce quatro degraus... chega na sala de estar é no mesmo nível da cozinha... da área de serviço e depois da sala de estar se você sobe **um lance de escada** você chega a dois quartos e um banheiro e depois mais outro lance você chega a um outro quarto e banheiro... então é muito movimentado... (informante do NURC)

Nesse exemplo, o informante descreve o apartamento que comprou, identificando suas subdivisões e comentando o que é necessário para se movimentar em seu interior. Nesse exemplo, assim como em outros observados dessa mesma instância, escada é tomado como um referente do qual se extrai uma unidade ou porção. Parece haver aí um fenômeno interessante: escada é, em princípio, um nome contável, mas passa a ser tomado como incontável para ser inserido nessa construção – que quantifica nomes incontáveis. Entretanto, ao instanciar essa construção, entra no padrão de se tornar quantificável (divisível, delimitado em termos espaciais, mais ligado ao processo de *estado de divisão* proposto em Talmy, 2006) em termos de suas partes componentes, através do artifício linguístico (gramatical) que é a construção binominal quantitativa.

Há, portanto, um primeiro processo de mudança de sentido em termos lexicais (de contável para incontável) e, em seguida, uma adaptação de seu novo sentido à função discursiva da construção. Essa explicação parece estar afim à proposta de Talmy (2006), quando fala da coerção e da mudança de tipo da construção, uma vez que há a primeira mudança em termos de construção, tomando ao nível lexical, e também entendendo que a sintaxe como um todo provoca a segunda mudança.

Nas buscas do *Google*⁶⁰, entretanto, é comum encontrar o nome escadas na forma plural, tanto em construções do tipo *um N1 de N2*, como em outras construções. A alternância entre plural e singular desse item é vastamente encontrada. Seguem-se dois exemplos que confirmam essa afirmativa:

- (47) Outro bom lugar: um sobrado na Rua Sete de Setembro, do lado do restaurante Brasil Legal (próximo ao largo de São Francisco). É uma entrada pequena, acanhada, a loja fica no primeiro andar, é só subir **um lance de escadas** (até porque é arriscado fazer uso do elevador do local...). Tem discos de vinil e CD's usados, de qualidade excepcional, com preços a partir de R\$ 2,00. Os donos da loja são dois velinhos muito engraçados e simpáticos. Comprei um CD de Nonato Luiz e Túlio Mourão, editado para o mercado americano, por apenas CINCO reais. Vale a pena conferir esta lojinha.⁶¹

⁶⁰ Busca realizada em 3/12/2009.

⁶¹ Disponível em: <http://www.samba-choro.com.br/noticias/arquivo/3257>. Último acesso em: 08/12/2009.

- (48) Olhei pra cara do meu primo e pensamos juntos “tá difícil, mas vamos seguindo”. Na mesma hora um senhor abriu a porta para sair de um hotel que estava do nosso lado. Era uma porta com **um lance de escada** embaixo, com um pouco mais de um metro de altura do solo. Não sei direito o que aconteceu. Foi só chamar o senhor que ele simplesmente esqueceu-se da escada. (informante do NURC)

Em ambos os casos, como se verifica, o entendimento de *escada(s)* como nome não-delimitado, incontável é mantido, sendo quantificado o referente expresso em *NI* – lance. A pluralização de escadas parece ser favorecida pela alta aparente alta frequência de uso da palavras *escadas* no plural, ainda que indicando uma única entidade.

Tendo isso em vista, pode-se entender que uma das funções pragmáticas das construções binominais quantitativas – especificamente do padrão *Num NI de Nsing2* – é o de quantificar ou delimitar espacialmente unidades respectivamente tomadas como incontáveis ou contínuas. Observou-se que, de modo geral, as construções se ligam a processo de extração de unidade ou porção associados aos mecanismos referentes ao estado de divisão e ao estado de delimitação descrito em Talmy (2006).

Ademais, percebeu-se o quão complexa é a delimitação das operações cognitivas envolvidas em cada padrão, posto que o significado não é estável, atômico, mas varia de contexto para contexto. Entende-se, dessa forma, que o interessante foi reconhecer os processos cognitivos de construção de sentido geralmente relacionados a essa construção, reconhecendo, assim, que a ambiguidade semântica é inerente aos usos linguísticos.

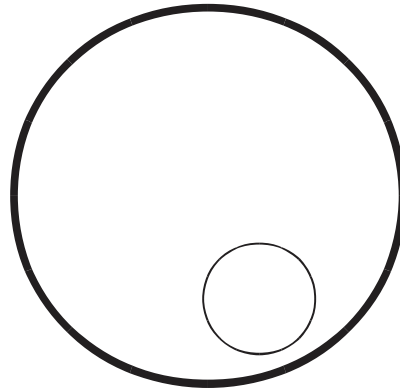
6.2 O PADRÃO *UM NI DE NPL2*

Diferentemente da construção anterior, observa-se que *Num N1 de N2* (instanciado por um grupo de N, uma coleção de N) assume na língua a função de quantificar elementos contáveis (ou, de outra maneira, delimitados), gerando uma relação parte-todo (conjunto-unidade) em que o todo passa a ser perfilado⁶². O perfilamento do todo – e o consequente entendimento de N2 como referindo a uma unidade ou parte que compõe um conjunto – leva N₂ a aparecer tanto no plural quanto no singular.

Para ilustrar as propriedades semântico-pragmáticas de tal estrutura, observe o

⁶² No padrão anterior, a proeminência incidia sobre a parte.

esquema que se segue:



Esquema 2: Multiplexização.

Nesse esquema, procura-se representar a proeminência do todo em relação à parte, perante a manutenção da relação parte-todo (vinculada à extração de unidade ou porção) já observada na construção anterior – a saber, *Num N1 de Nsing2*. Esse esquema reflete outro processo também tratado por Talmy (2006) – a multiplexização. De acordo com Talmy (2006), há mecanismos sintáticos e morfológicos nas línguas que funcionam para tomar converter uma entidade em uniplexa ou multiplexa. A ideia é a de que construções desse tipo multiplicam o referente expresso em *N2* (por exemplo, *crianças*, em *um conjunto de crianças*) e o organizam em um grupo, um todo delimitado – a delimitação do todo (por exemplo, *conjunto*, em *um conjunto de crianças*) está diretamente vinculada ao fato de ser uma construção com numeral.

A multiplexidade está relacionada aos diferentes modos de multiplicar a referência de uma determinada unidade; por exemplo, a marca morfológica do plural. Sendo assim, considera-se *Num N1 de Npl2* uma estrutura multiplexizadora, porque o todo a que se está referindo na análise dessas construções corresponde, de fato, a um grupo, um conjunto de unidades.

A construção multiplica *N2* por meio do nome que se usa como *N1*. Em construções desse tipo, *N1* é conceptualizado como uma entidade delimitada; *N2*, como parte (também delimitada), pode aparecer no plural, não tendo, com isso, aparentemente, a restrição morfológica presente na construção tratada anteriormente.

A tabela a seguir representa basicamente as diferentes instâncias de *Num N1 de N2* coletadas nos dados do NURC e no corpus do grupo *Discurso & Gramática*. As tabelas a

seguir procuram explicitar as ocorrências encontradas:

Num N1 de Npl2	
Instâncias	Nº de exemplos
Um grupo de	5
Uma coleção de	1
Uma turma de	1
Um bloco de	1
TOTAL	8

Tabela 3: Instâncias de Num N1 de Npl2 no D&G/RJ

Num N1 de Npl2	
Um grupo de	4
Uma coleção de	1
Um bolo de	1
Um bloco de	1
Uma turma de	1
TOTAL	8

Tabela 4: Instâncias de Num N1 de Npl2 no NURC

Nessas tabelas, assim como já ocorrera anteriormente, foi possível identificar uma constância dos itens que instanciam a construção em foco – *Num N1 de N2*. No caso desta construção, percebeu-se que todos os N1 fazem referência à noção de conjunto. Veja-se: exemplos como os de *grupo*, *coleção*, *turma* e *grupo mínimo* referem-se diretamente a conjunto de coisas, embora *coleção* e *turma* tenham nuances semânticas mais específicas.

A seguir, seguem alguns dos exemplos encontrados nos *corpora* referentes a *Num N1 de N2*:

- (49) Meu colega Orivaldo, me chamou para ir num rodeio Domingo, mas não deu pra mim ir.
- Chegando na escola segunda-feira ele me contou que houve uma briga. Falou que tinha **um grupo de pessoas** que tavam fazendo de tudo pra brigar. Teve uma hora que o irmão dele se irritou e partiu pra cima, foi correria pra todo lado, tacaram cadeira, mesa e tudo que tinha na frente. (informante da oitava série, parte escrita)

Nesse exemplo, descreve-se uma briga em um rodeio e o fato de que tinha um determinado conjunto de pessoas com interesse em brigar. Para isso, foi feito uso de uma construção binominal quantitativa – *um grupo de pessoas*. Esse parece ser um caso clássico desse tipo de construção, uma vez que *N1 grupo* expressa claramente a ideia de conjunto e *N2* a de unidade desse conjunto, em que vários elementos (pessoas) de mesma natureza se encontram multiplicados por meio de uma construção composta de um numeral, de uma preposição e de um nome (grupo) multiplexo – o que corrobora com a tese de que essa construção funciona na língua associada ao processo cognitivo da multiplexização (Talmy, 2006), como mencionado.

Um dos aspectos que caracterizam construções como a que está sendo tratada é o fato de que *N2* aparece tanto no plural quanto no singular, embora privilegie o plural, já que foi encontrado apenas um exemplo de *N2* no plural – o qual será tratado mais adiante.

A preferência pelo plural pode ser ainda explicitada, por meio da análise dos exemplos a seguir:

(50) Um conjunto (ou grupo) de pessoas⁶³

(51) Um conjunto de pessoa.

Comparando os dois primeiros exemplos, é possível perceber que a língua portuguesa favorece o uso do primeiro deles, com *N2* (pessoas) na forma plural, como já mencionado. O segundo é interessante porque aparece na forma singular. A explicação parece ser a de que *gente* não comumente vai para o plural porque já é um nome naturalmente multiplexo. Dessa forma, *um conjunto de pessoas* estaria imageticamente relacionado a um todo formado por várias partes discretamente dispostas, e a construção multiplicaria e reuniria em um grupo ou um todo o referente *pessoas*. Assim, o que se teria é uma multiplicação de pessoa por conta da construção de plural (nome + s) e uma posterior inserção desse nome já multiplicado em uma construção que o organiza dentro de um grupo, um todo. Ocorreria, em outros termos, primeiramente uma mudança de tipo explícita, no sentido de o item passa de uniplexo (pessoa) a multiplexo (pessoas) e uma mudança de tipo implícita em que o item (pessoas) se adequaria ao sentido da construção como um todo (pessoas entendidas como unidades

⁶³ Nas buscas feitas no Google, *um conjunto de pessoas* é bastante produtivo, enquanto *um conjunto de pessoa* apareceu em apenas duas páginas completas. Foi buscada também a ocorrência *um grupo de pessoa*, que obteve um número de resultados relativamente grande, mas que, nas últimas páginas pesquisadas, observou-se um aumento do uso da ocorrência com o verbo no plural – o que parece confirmar a hipótese da função de multiplexização desse padrão construcional. Busca realizada em 09/12/2009

discretas passa a ser compreendida como unidades discretas constituindo um conjunto delimitado).

Um grupo de pessoa, por outro lado, não seria uma instância aparentemente prototípica dessa construção, já que a não pluralização de *N2* (pessoa) pode em certos casos restringir a leitura da construção de multiplexização. Aparentemente, a multiplexização, aplicada a esse padrão construcional, favoreceria a imagem de um todo formado por mais de uma unidade e, para isso, a prévia pluralização de *N2* (pessoa) se acordaria, por assim dizer, melhor à função da construção.

Nesse caso, não ocorreria primeiramente a mudança de tipo explícita (de uniplexo – pessoa – para multiplexo – pessoas), o que fragilizaria a leitura da mudança de tipo implícita (entendida como consequência da outra, explícita), em que *pessoa*, como já tinha recebido sentido de uma única unidade discreta, também não tenderia a receber o sentido da construção como o de várias unidades discretas reunidas em um grupo. A não adaptação imediata do item *pessoa* à construção pode ter razão no fato de que *um grupo de pessoas*, com *N2* (pessoas) no plural é muito mais produtivo na língua.

Outro exemplo encontrado nos dados e que funcionaria como mais um caso da construção *Num N1 de Npl2* aparece a seguir:

- (52) agora... agora essa autonomia financeira que eu comentei aqui... ela tem... é uma faca de dois gumes... se por um lado ela facilitaria muito a administração... você gostaria muito de ter na tua gaveta **um bolo de dinheiro** para administrar... por outra vez... ela... ela é perigosa porque... eh... permite que você use indevidamente o dinheiro...
L2: é... mas já foi assim... atualmente as coisas são... mas já foi ...

O exemplo em questão trata de um comentário que o informante faz acerca das vantagens e desvantagens da independência financeira. Assim, ao falar sobre certa quantidade de dinheiro, faz uso da construção binominal quantitativa *um bolo de dinheiro*. Esse exemplo parece ser uma instância especial dessa construção, já que a combinação de *bolo* e *dinheiro* nesse contexto assume um grau maior de cristalização formal, funcionando aparentemente como uma instância mais idiomatizada da construção.

Esse exemplo parece dar continuidade ao tratamento dado ao caso de *um conjunto de pessoa*, contribuindo, dessa forma, para um melhor entendimento de como essa construção se comporta no uso do português. Nesse caso, diferentemente do que ocorreu com *pessoa*,

dinheiro é um nome incontável e [+ contínuo] e, assim, para haver a interpretação de *um bolo de dinheiro* como um conjunto de notas de dinheiro, é necessário haver uma mudança da construção de tipo implícita, na qual *dinheiro* assume o traço [+ discreto] em virtude do acordo do sentido dessa palavra com a semântica da construção. A pergunta que se faria seria, então, a seguinte: por que *pessoa* não sofre o acordo de sentido, mas *dinheiro* sim? Aparentemente, o que licenciaria o acordo entre o sentido de *dinheiro* (como nome + discreto) e o sentido da construção é o fato de que, diferentemente do que ocorre com *pessoa*, dinheiro não pode ir para o plural, acarretando assim, na ausência de uma instância concorrente, como a que atua sobre *um grupo de pessoa*. Em outras palavras, a existência produtiva de *um grupo de pessoas* parece pressionar paradigmaticamente a seleção do plural de N2; de outro lado, a não existência produtiva de *um bolo de dinheiro* parece licenciar o acordo entre item e construção, por falta de alternativa na língua.

A restrição de *dinheiro* na forma plural pode ser vista nos exemplos, a seguir:

- (53) Ganhei um bolo de dinheiro.
 (54) ?Ganhei um bolo de dinheiros⁶⁴.

Como se viu, a restrição de 54 se deve à impossibilidade de se ter N2 (dinheiro) na forma plural. Nomes considerados incontáveis, por terem um sentido não delimitado, permanecem na forma singular. *Um bolo de dinheiro*, por exemplo, pode ser entendido como *um maço de notas*, entretanto, *dinheiro* assume uma interpretação que não lhe é própria, mas que é gerada pelo desacordo com a função da construção. Sendo contável, pode-se apresentar na forma plural – de fato, parece que *nota* favorece o uso do plural, pelos mesmos motivos já explicitados com relação ao nome *pessoa*.

- (55) Ganhei um bolo de notas.
 (56) ? Ganhei um maço de nota.

Por fim, um exemplo que também foi coletado a partir da análise de dados e que é interessante de ser tratado:

⁶⁴ Só foram encontrados 3 dados dessa construção na análise do *Google*.

- (57) L1: avenida Meriti?
 L2: Meriti... você chegando...
 L1: eu desço a... Vicente de Carvalho... você não vê nada... é **um bloco de prédios** pro um lado e pro outro... só vê trânsito...
 L2: é... eu acho que você sente né?
 L1: eu já estou meio escaldado com o trânsito daqui...

No exemplo anterior, o informante está fazendo uma apreciação do que vê à sua volta quando ele passa por determinados lugares. Descrevendo a ‘paisagem’ local, afirma que, ao descer a Vicente de Carvalho, enxerga apenas *um bloco de prédios*, fazendo uso da construção binominal quantitativa.

Assim como comentado antes, os exemplos dessa construção se caracterizam por multiplicar os referentes expressos em *N2* (no caso, *prédios*), os quais são tomados discretamente. No caso, *prédio*, *contável*, *funcionaria* analogamente ao exemplo de *pessoa/pessoas*. Ou seja, há uma mudança de tipo explícita da construção, em que o item sofre multiplexização por meio da construção lexical de plural e, em seguida, via mudança de tipo da construção implícita, uma adaptação ao sentido da construção, em que passa a ser entendido como unidades discretas que formam um todo.

Acrescenta-se, ainda, que, neste caso, *NI* (bloco) remonta à imagem de uma estrutura única formada por mais de um *prédio*, que se estende ao longo da rua. Nesse caso, o conjunto expresso em *NI* (bloco), em função do nome que o instancia, refere-se a um todo cujas partes aparecem não-perfiladas.

Segundo o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (HOUAISS, 2001)*, *bloco* significava “tronco de madeira ou peça de material pesado, empilhado para conter ou imobilizar”. Tendo isso em vista, poder-se-ia postular que palavra *bloco* associa-se a conjunto desde sua origem, mas parece diferenciar-se das demais (como *um conjunto de N*, *um grupo de N* etc.) pelo fato de que passou, com o tempo, a veicular o sentido de um conjunto rígido, forte, *quase indivisível*. Compare:

- (58) O texto está dividido em três blocos.
 (59) ?O texto está dividido em três conjuntos.
 (60) ?Tem um bloco de livros ali.
 (61) Tem um conjunto de livros ali.

Comparando 58 e 59, entende-se que a primeira se adequou mais ao contexto, uma vez que parece que, nesse caso, conjunto pressuporia uma resposta à pergunta *um conjunto de quê?* Por exemplo, o *texto está dividido em três conjuntos de alusões a tempo presente, passado e futuro*. Esse exemplo é também interessante porque *de alusões a tempo presente, passado e futuro* ao mesmo tempo caracteriza o conjunto, ao mesmo tempo caracteriza as partes de que ele se compõe. – o que reafirma a flutuação de valores quantitativos e qualitativos envolvendo construções binominais.

Já 60 e 61, quando *bloco* e *conjunto* se inserem em uma construção binominal, parecem se diferenciar pelo fato de que *bloco de livros* implica em um aglomerado de livros grudados, formando uma massa, um todo conceptualizado como indivisível; enquanto que *conjunto de livros* é um processo de multiplicação (ou multiplexização) de livros, que estão simplesmente reunidos, não necessariamente grudados, atados.

6.3 O PADRÃO ART INDEF NI DE NSING2

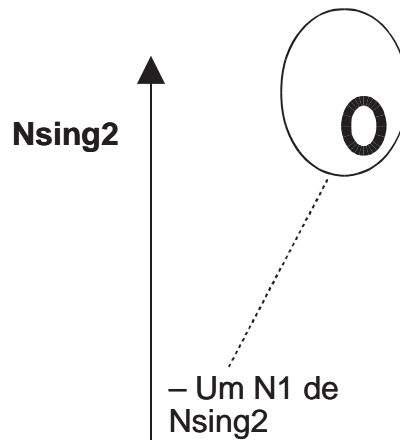
A construção *Art Indef NI de Nsing2* (*um pouco de queijo*) se diferencia das demais descritas por se tratar de uma estrutura que funciona na língua para caracterizar uma unidade em termos da sua dimensão quantitativa, mas que, por outro lado, não organiza tais unidades mais restritamente em termos de processos como, por exemplo, o de extração de porção (embora essa relação até possa ser inferida), tal como se viu anteriormente. Nessa construção, *um pouco de Nsing2* não deixa de expressar uma parte (unidade, porção) de *Nsing2* (queijo), mas indica também (ou mais fortemente) uma dimensão avaliativa mais subjetiva, em que o falante julga determinada quantidade dentro de uma escala quantitativa.

Veja-se:

- (62) João comeu um pouco de queijo antes de sair.
- (63) João comeu muito queijo antes de sair.

Comparando as sentenças 62 e 63, entende-se que *comer um pouco de queijo* ou *comer muito queijo* apresentam diferenças com relação à opinião do falante sobre o que seria uma quantidade considerada normal de queijo a ser ingerida por alguém. Essa quantidade não pode ser verificada empiricamente, mas representa a opinião de alguém – variando de pessoa para pessoa, uma vez que a quantidade tomada como *normal* é também subjetiva.

O esquema que se segue procura explicitar esta nova relação estabelecida:



Esquema 3 – extração de unidade ou porção com avaliação subjetiva

O esquema anterior propõe que haja uma relação entre construções do tipo *Num n1 de Nsing2* (um quilo de farinha) e construções do tipo *Art Indef N1 de Nsing2* (um pouco de feijão), posto que o processo de extração de porção é referido pela primeira, com numeral, e sugerido pela segunda, com artigo indefinido. Além disso, propõe-se uma escala avaliativa, em que o falante registra sua impressão em termos da quantidade do referente. No caso de *um pouco de feijão*, por exemplo, a avaliação é de que a quantidade é baixa em termos do que ele toma para si como uma quantidade mediana de feijão, próxima da ideia expressa em *pouco feijão*, por exemplo.

Exemplos desse padrão parecem se relacionar mais indiretamente com o processo de extração de unidade ou porção, na medida em que, tomando-se o exemplo *um pouco de queijo*, pode-se inferir que *queijo*, incontável, passa a ser contabilizado de certa forma, não mais por uma quantidade exata, mas pela leitura de quantidade (indeterminada) que o falante faz. A operação de conversão de nome incontável para contável, presente no processo de extração de unidade ou porção, por exemplo, não é, então, perdida. Na verdade, ela é redimensionada para o espaço das avaliações subjetivas.

Nesse esquema, vê-se que o falante avalia essa quantidade de *N2* como enquadrada em um nível baixo dentro de uma escala quantitativa – assumindo, assim, uma função avaliativa da quantidade em questão. Sobre essa construção, foram encontrados, na análise dados exemplos, casos de *N1* instanciado por *pouco* (ou a sua variante derivacional *pouquinho*) e pelo diminutivo de bocado: *bocadinho*.

Art Indef N1 de Nsing2	
Instâncias	Nº de exemplos encontrados
Um pouco	25
Um pouquinho	20
Total	45

Tabela 5: Instâncias de Art Indef N1 de Nsing2 no D&G/RJ

Art Indef Nindet1 de Nsing2	
Um pouco de	8
Um pouquinho de	1
Um bocadinho de	1
TOTAL	10

Tabela 6: Instâncias de Art Indef N1 de Npsing2 no NURC

Essa tabela corresponde aos dados de instâncias bem específicas e, durante a análise de dados, foi possível entender que *pouco(inho)* e *bocadinho* têm a propriedade comum de avaliarem a unidade quantificada em uma posição baixa da escala. O sufixo *-inho* (com função diminutiva), de fato, parece corroborar com essa hipótese, uma vez que ele favorece a leitura desse padrão construcional e parece restringir o uso do plural⁶⁵.

- (64) É só colocar um pouco de ameixas que fica bom.
 (65) É só colocar um pouquinho de ameixa que fica bom.
 (66) ?É só colocar um pouquinho de ameixas que fica bom.

Levando em conta os exemplos de 64 a 66, entende-se que o diminutivo tende a privilegiar o uso de *N2* (ameixa) no singular e que reforça sua avaliação em termos de uma posição inferior na escala da quantidade. Na análise de dados, não ocorreram casos de *N2* no plural, nem com o exemplo de *pouquinho* nem com os exemplos de *bocadinho*.

Nesses casos, pode-se verificar, novamente, que o processo de extração de porção se associa à avaliação subjetiva que o padrão implica, uma vez que nesse caso, quando se diz que há *um pouquinho* de alguma coisa, está-se dizendo que alguma unidade ou porção

⁶⁵ Na busca pelas dez primeiras páginas do Google, não foram encontradas ocorrências de *N2* no plural para “um bocadinho de”; buscando-se “um pouquinho de”, encontraram-se 5 exemplos em 100 (somados os dez exemplos de cada uma das dez páginas analisadas). Observa-se que, nesta pesquisa, especialmente, foi utilizada a décima primeira página dos resultados de busca oferecidos pelo *Google*, por conta de exemplos com estruturas ambíguas, em que *um pouquinho* também poderia estar relacionado a verbos e *de N2* ao complemento verbal. Pesquisa realizada em 09/12/2009.

daquela coisa existe. Nessa construção, entretanto, a unidade ou parte não estão colocadas de modo direto, mas por meio do filtro que é a avaliação que o falante realiza acerca da quantidade. Por conta disso, a construção também opera o processo de conversão do incontável ou contínuo em contável ou discreto. Com essa função coexistindo na construção, é natural que *N2* (*ameixa*) seja privilegiadamente preenchido por nomes no incontáveis no singular.

Ocorre que, quando um nome contável como *ameixa* instancia *N2*, a relação parte-todo (atrelada ao processo de extração de porção) tem sua dimensão imagética alterada, já que aparentemente se pode pensar que a porção relaciona-se a um pequeno número de unidades discretas em relação a um número maior de unidades discretas avaliado como normal pelo falante.

Além da distinção conceptual do padrão *Art Indf N1 de Nsing2* (um bocadinho de creme) em relação aos demais vistos, com o item *um* classificado como numeral, parece interessante atentar para o fato de que o grau de integração sintática das construções binominais quantitativas com artigo indefinido parece ser maior do que o de outras construções que apresentam esse mesmo determinante. Considerando Castilho (2008), por exemplo, podem-se postular algumas propriedades do artigo indefinido, em seu uso na língua portuguesa. No texto, a autora compara usos dos artigos definidos e indefinidos, argumentando que determinadas propriedades podem ser atribuídas a apenas um deles – a saber, os artigos indefinidos. Abaixo, entretanto, encontra-se apenas a propriedade que interessa mais diretamente para a descrição das construções tratadas na presente tese.

4 – Sendo tônico *um* pode figurar como especificador de um SN com núcleo elidido, o que não ocorre com *o*: *chegou um livro/ chegou um Ø* versus *chegou o livro / *chegou o.*” (Castilho, 2008, p. 141-142)

A análise descrita por Castilho (2008) não se encaixa no referencial teórico da gramática das construções; porém, toma-se sua abordagem como argumento para o estabelecimento de diferenças entre as construções com artigo indefinido e construções com numeral. Aplicando essa estratégia sintática de apagamento de núcleo, é possível estabelecer uma importante distinção entre construções binominais quantitativas com *um* numeral e com *um* artigo indefinido. Considerem-se as sentenças:

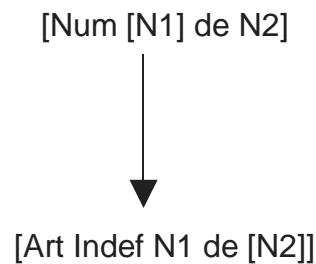
(67) Pedro bebeu um litro de leite.

(68) Pedro bebeu um Ø.

- (69) Comi um pouco de pão.
 (70) *Comi um Ø.

Como se vê, o apagamento do núcleo gera uma estrutura agramatical, o que pode ser estendido ao tratamento das construções binominais quantitativas com artigo indefinido e com numeral. Sendo assim, pode-se considerar que a construção com artigo indefinido parece ser mais gramaticalizada, no sentido da integração sintática que lhe caracteriza. Sendo esse padrão construcional mais gramaticalizado e mais subjetivo, aproxima-se da tese de Traugott e Dasher (2005) de que gramaticalização e subjetividade caminham juntas.

O esquema a seguir procura ilustrar a maior integração (ou entrincheiramento) sintática da construção com artigo indefinido. Neste esquema, especificamente, não importou muito se *N2* está no singular ou no plural, mas o fato de que, quando *um* é um artigo indefinido, a construção é mais cristalizada, de um modo geral.



Esquema 4 – gramaticalização das construções com artigo indefinido

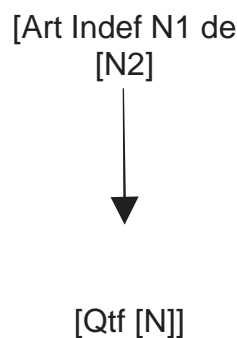
Esse esquema procura ilustrar a proposta de que construções com numeral envolvem uma estrutura que se fixa em torno de um núcleo ocupado por *N1*; já em construções com artigo indefinido, postula-se que, com o tempo, o núcleo vai passando para *N2* e, tendo o processo de gramaticalização atingido seu grau máximo, *N2* passa a ser modificado pela estrutura cristalizada/ gramaticalizada *Art Indef N1 de*. Sendo mais gramaticalizada, essa estrutura se aproxima de outras construções quantitativas e se afasta daquelas em que figura o numeral.

Para tratar um pouco mais sobre essa questão, tomaram-se os exemplos que se seguem:

- (71) Um pouco de comida.

- (72) Pouca comida.
 (73) Um quilo de comida.

Comparando os dois primeiros exemplos, pode-se verificar uma aproximação semântica entre construções binominais quantitativas e construções com pronome adjetivo, entretanto, não foi possível enquadrar as duas em uma construção mais geral pelo desconhecimento de descrição detalhada dos padrões em voga. Mais especificamente, há em ambos uma escalarização em termos da quantidade de N2 e também em ambas N2 (ou N) parece ser o núcleo do sintagma.



Esquema 5 – Relação entre construção binominal quantitativa e com pronomes adjetivos

No exemplo 73, citado anteriormente, o processo cognitivo não se esquematiza como uma escala, mas como uma relação de extração de porção – *um quilo de comida* refere-se a uma quantidade determinada, delimitada de um todo não delimitado (comida). Também essa construção se diferencia das demais pelo fato de o sintagma que a caracteriza ter como núcleo N1. Sendo assim, defende-se que as construções binominais quantitativas formadas com numeral e com artigo indefinido se diferenciam pelos processos cognitivos a que se associam e pelo grau de gramaticalização em que se encontram na língua.

A gramaticalização ou cristalização de estruturas desse tipo será tratada mais diretamente na descrição da rede construcional em que essas estruturas estão envolvidas. A seguir, encontram-se exemplos retirados dos corpora para apreciação dos dados relativos ao padrão *Art Indef N1 de Nsing2* bem como outros comentários relevantes para entendimento geral de construções desse tipo.

O primeiro exemplo do padrão *Art Indef N1 de Nsing2* encontra-se em:

- (74) “O lugar que mais gosto de ir é na casa da minha avó. Eu gosto de lá porque tem cajá goiaba tem um quarto só meu tem a sala que tem bichinhos que eu possa brincar.

E lá é tudo gramadinho e tem **um pouco de cerrado**. Lá tem porcos, vacas, galinha. Eu gosto de porque também tem um chuveiro chamado de bicão. Tem a cama macia da minha avó.” (informante da 4ª série, parte escrita)

Nesse exemplo, o informante fala sobre seu lugar preferido, a casa da avó e, ao descrever o ambiente, faz uso de uma construção binominal quantitativa: *um pouco de cerrado*. No caso, *N1* (pouco) denota uma quantidade imprecisa ou indeterminada (MATEUS ET AL, 2003), avaliada subjetivamente pelo falante, em relação a *N2* (cerrado), veiculado por nome incontável, como é a tendência dessa construção, de acordo com os dados coletados na análise e com o que já foi descrito anteriormente acerca do padrão.

Em termos morfossintáticos, a construção instanciada por *um pouco de cerrado* apresenta estrutura quantificadora, que, nesse caso, caracteriza-se pela combinação de um artigo indefinido, um nome (*N1*) e a preposição *de*. Em casos como esse, *N1* veicula quantidade indeterminada e *N2* tem sua pluralização restringida, já que é configuracionalmente entendido como incontável⁶⁶.

Sobre a pluralização de *N2*, tomam-se os exemplos a seguir:

- (75) Um pouco de cerrado
 (76) ?Um pouco de cerrados

Nos exemplos 75 e 76, é possível perceber a restrição da construção quanto à forma plural de *N2* (cerrado). Nesses casos, *N2* (cerrado) segue a tendência das ocorrências desse padrão construcional apresentando sentido incontável, não delimitado e, conseqüentemente, privilegiando a forma singular. Entendido dessa maneira, *cerrado* aparecerá no singular, e a construção funcionará como uma avaliação do falante em termos de uma quantidade que ele julga pequena. Na sua dimensão imagética, *um pouco de cerrado* refere-se à ideia mais geral de uma parcela discreta de um referente naturalmente contínuo.

Mais um exemplo encontrado nos dados é submetido à apreciação, logo em seguida.

- (77) E: conta pra mim um lugar que você goste de ficar... diz pra mim como é esse lugar...
 I: oh... eu gosto de ir pro Rio da Prata... que lá é um lugar calmo... é cheio de árvores...
 é/ tem **um pouco de mata fechada**... tem cachoeira... pra gente tomar banho... tem umas frutas lá... mas tem bastante sítio também... e eles/ eu não/ é bom lá à beça...

⁶⁶ Fato associado à aproximação dessas construções com *Num N1 de Nsing2* (um quilo de farinha).

porque... lá... lá é tudo assim calmo... parece que tira a gente do mundo... (informante da oitava série, parte oral)

Nesse exemplo, o informante relata para o entrevistado como é Rio da Prata e, para isso, faz uso de *um pouco de mata fechada*. Nesse caso, há a caracterização de uma das propriedades gerais do lugar, dentre as quais se encontra uma quantidade indeterminada, na sua opinião pequena, de mata fechada; sendo assim, a construção binominal escolhida procurou traduzir a ideia de uma área espacialmente restrita com uma certa vegetação, em relação a uma área maior, tomada como contínua.

Pelo que se pôde observar a partir dos dados encontrados até agora, esse padrão com com artigo indefinido e N2 no singular, como *um pouco de N2* trata-se de um caso especial, de que *pouco* e suas variantes tendem a ser instâncias. Entende-se daí que o item *pouco* tem propriedades semânticas e morfossintáticas tais que contribuem para a própria descrição da construção, apoiando-se, novamente, no princípio de que sua frequência de uso de certo modo determina as propriedades que serão tomadas como típicas de construções desse tipo.

De acordo com Ernout e Meillet (1951), a palavra latina *pauci* origina-se do mesmo radical que aparece também em *paullus* (pequeno) e em *pauper* (pobre) e é um vocábulo formado por derivação com acréscimo do sufixo *-ko*, também presente em palavras que indicam alguma deficiência como, por exemplo, a que gera *manco* em português. Assim, *pouco* se referiria historicamente mais à perda ou *quase* ausência de N2 do que à parte/parcela indeterminada de N.

Talvez essa especificidade de sentido encontrada na origem de *pouco* contribua para que este item, instanciando uma construção binominal quantitativa, leve a emergir um padrão diferente dos anteriormente atestados. A repetição de determinada instância de uma construção, como já foi mencionado nos referenciais teóricos da presente tese, aparecem em Bybee (2006, p. 10) quando autora trata da influência da frequência no surgimento de novos padrões gramaticais - “higher levels of repetition can lead to the establishment of a new construction with its own categories”.

Esse novo padrão (*Art Indef N1 de Nsing2, um pouco de mata fechada*), com uma estrutura altamente especificada em que figuram produtivamente como *N1 pouco*, suas variantes, além do caso de *bocadinho* e de outros passíveis de aparecer em dados, como *tantinho*, por exemplo. Além disso, pode-se observar que *bocadinho* e *tantinho* têm propriedades semânticas que os distinguem de *pouco(inho)*: as bases de sua formação,

respectivamente *bocado* e *tanto* podem também assumir um valor mais próximo ao de *muito*, como mostram os exemplos.

- (78) Eu sei um bocado de coisas sobre você.
 (79) Eu sei um tanto de coisas sobre você.
 (80) Eu sei um pouco de coisa sobre você.

Como se vê, os dois primeiros exemplos podem inserir *N2* (coisas) em um nível alto da escala quantitativa. Já o terceiro exemplo força necessariamente uma avaliação baixa em termos da quantidade de *N2*. Essa escalarização baixa, como já foi visto, privilegia *N2* como nomes não contáveis.

Sendo assim, entende-se que tanto *um pouco de N2* quanto *pouco N* assumem funções aparentadas. Considerando a diferença sintática entre elas, entendeu-se por bem estabelecer também suas diferenças semânticas, corroborando com o princípio goldbergiano de que duas construções sintaticamente distintas devem apresentar diferenças semânticas ou pragmáticas (Goldberg, 1995)

Tratando do exemplo com *bocadinho*, tem-se o fragmento a seguir:

- (81) I: ah:: eu sei fazer uma torta gelada... é uma delícia... aprendi com a minha sogra... ela que me ensinou essa torta... () e quando eu faço geralmente eu faço nos finais de semana... está todo mundo em casa... e tudo... né? aí eu faço geralmente nos finais de semana que todo mundo em casa... e eles gostam... a minha família gosta... aí eu faço... como eu faço... eu pego:: leite condensado... bato no liquidificador com duas gemas... depois levo ao fogo... **um bocadinho de:: Cremogema**... aí mexo... vou mexendo até virar um mingau... depois que forma aquele mingau... deixo esfriar um pouquinho... e na massa pra forrar a forma... eu faço uma massa de empada... aquela/ é feito uma massa de/ é feito uma massa de empada... aí forro a forma com massa de empada... jogo aquele creme por cima... depois jogo coco ralado ou então boto umas maçãs... boto em volta... boto na geladeira... e espera gelar... é muito gostosa... (informante do segundo grau, parte oral)

Nesse fragmento, o informante está descrevendo a receita de uma torta gelada. A uma certa altura da descrição, ele faz uso de uma construção binominal quantitativa – *um*

bocadinho de Cremogema. O exemplo corrobora com a postulação de que *N2* (cremogema) é conceptualizado como massa, incontável e que *N1* (bocadinho) é um nome que, em *um N1 de Nsing2*, avalia *N2* em nível baixo dentro de uma escala quantitativa. Nesse caso, novamente, ocorrerá a extração de unidade ou porção (*bocadinho*) acerca de *N2(cremogema)*.

Durante as buscas realizadas no *Google*, foram encontrados muitos casos desse padrão construcional, especialmente, com *N2* sendo instanciado por nomes mais abstratos, como *solidão*, *tristeza* etc. Esse é o caso do seguinte exemplo:

- (82) O campeonato está chegando ao fim e os resultados precisam vir. O time está jogando bem e a vitória não está vindo. A gente está tentando reagir, mas não consegue. Essa situação acaba dando **um pouco de tristeza**, mas a gente tem que tentar e reagir porque precisamos das vitórias – revelou em entrevista ao “Diário de Pernambuco”.⁶⁷

Nesse exemplo, o informante fala sobre a situação do seu time no campeonato. Para tanto, ele faz uso de uma construção binominal quantitativa, em que *N2* é instanciado por um nome que faz referência ao sentimento que o acomete ao tratar do assunto.

Exemplos como esse parecem ser possíveis pela preferência desse padrão com instâncias mais relacionadas a nomes incontáveis, tomados como massa. Cognitivamente, entende-se que isso é possível com base em Lakoff e Johnson (1980, p. 151) que postulam a existência da metáfora ESTADOS SÃO LOCAIS, a qual, entendida em um referencial teórico em que nomes são tomados como espaços de um domínio cognitivo, passa a licenciar a possibilidade de *N2* ser tomado como nomes que se referem a coisas e como nomes que se referem a estados, já que metaforicamente ambos acabam por se equivaler.

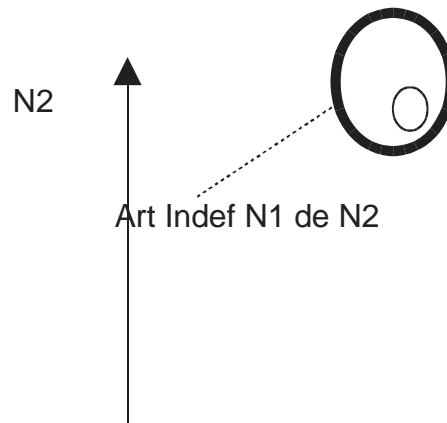
6.4 O PADRÃO ART INDEF *N1* DE *NPL2*

A construção *Art Indef N1 de Npl2* (um monte de pessoas) se apresenta de modo diferente da anterior (*Art Indef N1 de Nsing2, um pouco de carne*) por conta de exercer a função de multiplexização atrelada a uma avaliação da quantidade de *N2* (pessoas) em um nível alto na escala da quantidade. Portanto, diferencia-se de *Num N1 de Npl2* (um monte de pessoas), em função da dimensão imagética que lhe é atribuída.

O esquema a seguir procura explicitar a diferença que essa construção traz em relação

⁶⁷ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Times/Sport/0,,MUL1315038-9876,00.html>. Último acesso: 09/12/2009.

à anterior.



Esquema 6 – construção de multiplexização e avaliação subjetiva

Esse esquema procura ilustrar o fato de que, em um padrão como *Art Indef N1 de Npl2* (um monte de pessoas), há uma escala subjetiva em termos da quantidade de N2 (pessoas) avaliada como grande pelo falante. Associada a isso, há o processo de multiplexização, uma vez que esta avaliação alta leva à multiplicação do referente expresso em N2 (pessoas) – que é, em geral, tomado como discreto.

Com base nesse esquema, pode-se perceber que a entidade novamente deixa de ser conceptualizada dentro de uma relação parte-todo e passa ser entendida como quantificação de uma unidade contável concebendo-a como multiplexa e avaliada em uma escala qualitativa. Em construções desse tipo, ainda comparando-a com a anterior, em que N2 (um pouco de *cerrado*) aparecia na forma singular, é possível verificar que a pluralização de N2 (um monte de *carros*) passa a ser privilegiada. Isso se deve ao fato de N2 ser conceptualizado como delimitado, contável – característica que cobre a maior parte dos dados.⁶⁸ Como será visto adiante, em alguns casos, inclusive, a pluralização de N2 parece orientar a leitura desse padrão construcional.

Assim como ocorreu com o padrão *Art Indef N1 de Nsing2* (um pouco de mata fechada), essa também parece ser uma construção sintaticamente mais integrada, na medida em que, como também já mencionado, aproxima-se de estruturas do tipo Qtf⁶⁹ SN (nesse caso, de *muita comida*). A integração sintática observada é interessante porque provoca um olhar novo sob a abordagem construcional da gramática de uma língua, podendo, acredita-se, contribuir teoricamente para o desenvolvimento do paradigma da gramática baseada no uso.

⁶⁸ Apenas 3 exemplos dessa construção foram encontrados, tendo em vista as ocorrências catalogadas nos dados do D&G/RJ e do NURC.

⁶⁹ QTF = quantificador.

Mais uma vez, percebe-se que a construção binominal quantitativa é atualizada por instâncias que têm determinadas propriedades semânticas (e, por consequência, formais) comuns e que, com o tempo, vão também dando o contorno das características que serão tomadas como típicas da construção. Observa-se uma relação intrínseca entre a construção e os itens que as instanciam, especialmente aqueles que o fazem com maior frequência – o que permite a afirmativa de que o que se chama hoje de construção gramatical advém de uma cristalização sintática de formas que frequentemente ocorrem juntas. Essa frequência funciona como gatilho para outros itens que fazem parte do mesmo paradigma entrarem nesse padrão, atualizando-o e dando a ele o status construcional.

Continuando a tratar do padrão com artigo indefinido e N2 tendendo a aparecer no plural, defende-se que as entidades entrem em uma escala avaliativa tal como em construções com *muito* e *pouco* , assumindo um grau maior de subjetividade em relação àquelas formadas com numeral. Ao deixarem de ser passíveis de verificação empírica, passam a serem tomadas como uma avaliação mais subjetiva (LANGACKER, 1987), em que o falante, tendo por base uma quantidade tomada como *normal* ou *regular* , escalariza a quantidade expressa por N2. Se nas construções com numeral, *as partes* e *o todo* eram tomados como determinadas, nas construções com artigo indefinido parece ocorrer o exato oposto.

Compare:

- (83) Chegou uma dezena de crianças (~ Chegaram dez crianças).
 (84) Chegou uma dezena de crianças (~ Chegou uma quantidade indeterminada de crianças)

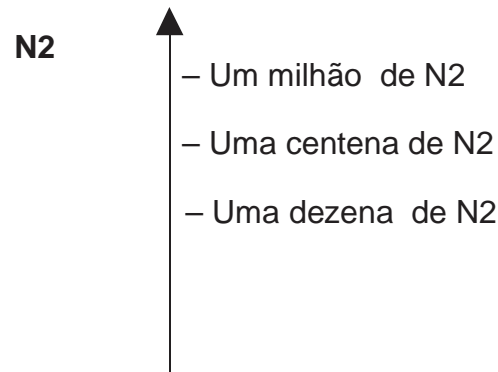
Tomados os exemplos 83 e 84, entende-se que, em 83, *uma dezena de crianças* refere-se a uma instância da construção com numeral (*Num N1 de Npl2* , exemplo 83) em que *dezena* é um conjunto finito de dez crianças; já 84 remete a um conjunto indeterminado, indefinido de crianças, entendido, inclusive, como passível de ser usado em contexto com função hiperbólica (uma quantidade exageradamente grande de crianças). Portanto, entende-se 84 como instância de uma construção com artigo indefinido, cuja multiplexização de N2 é entendida com um grupo que tem suas fronteiras não estabelecidas.

Ainda, essa função hiperbólica parece poder se inserir em uma escala de maior ou menor intensidade, dependendo do item que instancia N1.

Vejam-se as sentenças que se seguem:

- (85) Tem uma dezena de processos pra revisar, aqui nessa mesa.
 (86) Tem uma centena de processos pra revisar, aqui nessa mesa.
 (87) Tem um milhão de processos pra revisar, aqui nessa mesa.

Nesses exemplos, é possível perceber que há uma gradação entre os itens *dezena*, *centena* e *milhão*, em que *dezena* ocuparia uma posição mais baixa na escala e *milhão* uma posição superior. Todos seriam instâncias de uma mesma construção, sendo a contribuição do item junto ao contexto respectivo responsável pelo entendimento do grau da quantidade referida. É o que se pode ver no esquema a seguir:



Esquema 7 – gradação de instâncias

O esquema mostra que, dependendo do item que instancia N1, a avaliação em termos da escala quantitativa vai aumentando e o grau de multiplicação se torna cada vez maior. A hipérbole, formação comum a partir de construções desse tipo, é gerada pelo confronto da quantidade expressa por N1 sobre N2 em relação à sua possibilidade de verificação empírica.

Em uma linha de raciocínio que parece corroborar com que se disse acerca do padrão *Art Indef N1 de Npl2* (um monte de pessoas), tomaram-se as palavras de Sapir (1969, p. 162), que afirma que:

os juízos ‘A é menos que B’, e ‘B é mais que A’, podem se transpor para a forma ‘A é pequeno’ e ‘B é grande’. No caso das duas vasilhas de leite, podemos dizer ‘Há pouco leite nesta vasilha’ e ‘Há muito leite naquela vasilha’.

Segundo o autor, entende-se que, tomando dois elementos como *A* e *B*, pode-se sempre estabelecer alguma comparação entre eles, tal como *A é menor que B*, por exemplo. A partir de uma comparação desse tipo, é possível que se pressuponha que, se *A é menor que B*, *A* deve

ser pequeno, assim como *B* deve ser grande. No caso das vasilhas de leite, *A ser pequeno* em relação a *B* poderá corresponder a *A ter pouco leite* em relação a quantidade de leite que tem *B*.

Essas relações de *mais que* e *menos que* fazem parte do que o autor chama de comparação explícita, diferentemente de uma comparação que poderia ser tomada como implícita, estabelecida a partir da comparação em que se utilizam os termos *pequeno* e *grande* ou ainda *pouco* e *muito*, como mencionado nas duas últimas frases da citação.

Melhor dizendo, comparação explícita seria aquela em que se têm os dois referentes explicitados, compartilhados, enquanto na comparação implícita haveria um referente explicitado, compartilhado, e outro referente não explicitado, não compartilhado, apenas do conhecimento de um dos participantes.

Quando se estabelece, por exemplo, que *A é pequeno*, está-se considerando um elemento de comparação que não está explícito, o qual responderia à pergunta: *A é pequeno em relação a quê?* Na verdade, *A é pequeno* em relação ao que o emissor considera como padrão de um tamanho mediano ou grande. Já em *A é menor que B*, a comparação estará explícita, visto que os dois elementos de comparação estão explicitados.

Da mesma maneira, acredita-se que construções binominais quantitativas do tipo *Art Indef N1 de N2* funciona como uma avaliação mais subjetiva, implícita, no sentido de que se refere à opinião do falante. Com isso, conseqüentemente defende-se que essas construções assumem uma comparação interna, com aquilo que se julga ser a quantidade normal de *N2*. A partir da análise dos dados dessa construção, foram construídas as duas tabelas a seguir, referentes, respectivamente, aos exemplos encontrados no *corpus* do Grupo D&G/ RJ e no *corpus* do NURC. De acordo com os dados, obteve-se um total de 104 dados de construção do tipo *Art Indef N1 de Npl2* (um bando de crianças), sendo, desse total, 88 do *corpus* do D&G/ RJ e 16 do *corpus* do NURC/ RJ – conforme tabela, a seguir.

Art Indef N1 de Npl2	
Instâncias	Nº de exemplos encontrados
Um bocado	11
Um mocado	1
Um monte	45
Um montão	12
Uma porção	19
Um bando	1
Total	88

Tabela 7: Instâncias de Art Indef N1 de N2 no D&G/ RJ

Art Indef N1 de Npl2	
Uma série de	6
Uma montueira de	1
Uma quantidade de	1
Um monte de	2
Um bocado de	1
Um montão de	1
Um mundo de	1
Um número de	3
TOTAL	16

Tabela 8: *instâncias de Art Indef N1 de pl2 no NURC*

Considerando as tabelas 7 e 8, passarão a ser analisadas as classes semânticas que envolvem esse padrão construcional. Nessa construção, N2 pode se apresentar no singular ou no plural, entretanto, como será comentado mais adiante, a pluralização de N2 será fortemente privilegiada dependendo do item que o instancia.

Encontraram-se exemplos instanciando *N1* que podem compor diferentes classes semânticas. Há um grupo formado por palavras que originalmente indicam alguma noção relativa à ideia de parte, como *bocado* (e conseqüentemente *mocado*), *porção*; palavras originadas por processos metafóricos como *monte* (e também *montão* e *montueira*⁷⁰); palavras que dão ideia de conjunto, como *bando*, *coleção*, *mundo* e *série*; e, por fim, nomes que indicam quantidade, como *número* e a própria palavra *quantidade*.

Dando início à análise das ocorrências de *Art Indef N1 de N2*, encontra-se, as seguir, um exemplo com o item *porção* instanciando *N₂*.

- (88) I: eh... a sala é enor::me... eh... e... eh... eh... também tem um corredor... compri::do à beça... aí chega no final do corredor é o quarto da... eh... da filha deles... aí... aí eh... lá tem **uma porção de coisa**... sabe? é... é... é tudo que uma menina gosta... maquiagem... ih::... fiz a festa lá... eh... também tem o quarto da/ eh... do patrão e da patroa dela... a cozinha é enorme... eh... aí... eh... tem... sabe? aqueles banheiros bonitinho lá... todo cheio de... banheira assim... ih... adorei... aí tem... eh/ e também tem o quarto de empregada... lá... eh... lá é legal de ficar... dá pra/ dá até pra dormir que é tudo escurinho assim... é bem/ é legal... já brinquei de pata-cega lá com a minha prima aí... (informante da quarta série, parte oral)

⁷⁰ Conforme aparece grafado no corpus.

Nesse exemplo, o informante fala da casa de que ele mais gosta, que é a casa dos padrões de seus avós. Assim, é usada a expressão *uma porção de coisa* para explicitar o fato de que no lugar há várias coisas diferentes e interessantes, particularmente sob a ótica de uma menina. No caso, o falante está-se referindo à ideia de diversidade em relação de coisas que há lá. Entendendo-se *uma porção de coisa* como uma quantificação (multiplexização) indeterminada de coisa, em que novamente se está tratando da avaliação subjetiva dentro de uma escala de quantidade. Sendo assim, perde-se aquela relação parte-todo observada nas construções com numeral.

Construções desse tipo, como já pôde ser visto, avaliam a quantidade em alto grau e tomam tanto N1 quanto N2 como unidades delimitáveis. Por ser assim, N2 pode ir para o plural, como se pode ver no exemplo 89, a seguir. Neste exemplo, N₂ aparece na forma plural.

(89) E: eh... tem algum lugar que você mais gosta de ficar na tua casa?

I: a varanda...

E: a varanda? como é que é a varanda da tua casa?

I: ela tem plan::tas... tem::... livros... bola... eh... gibi... esse/ **uma porção de coisas** ()

E: uhn... uhn... legal... (informante da quanta série, parte oral)

No caso de 89, o informante descreve a varanda da sua casa e, assim como aconteceu no exemplo anterior, ele, ao descrever a diversidade de objetos que se encontram na varanda, faz uso da expressão *uma porção de coisas*, com N₂ no plural. De fato, parece haver um padrão dessa construção em termos morfossintáticos, em que são aceitas instâncias de N2 na forma plural ou singular.

Essa aceitação parece ocorrer com outro item dessa mesma classe semântica como *bocado*, por exemplo⁷¹:

(90) Um bocado de coisa.

(91) Um bocado de coisas.

Comparando as duas sentenças anteriores, vê-se que *bocado* pode figurar em construções com N2 no plural e no singular.

⁷¹ Em pesquisa específica dessas duas instâncias no *Google*, ambas mostraram-se altamente produtivas. Da mesma forma, quando buscada a estrutura “um bocado de”, exemplos de N2 no singular e no plural apresentaram alto número de ocorrências”. Busca realizada em 09/12/2009

Como já foi comentado, Talmy (2006) tratou desse tema, quando falou das categorias relacionadas à ideia de quantidade. De acordo com o autor, a categoria denominada plexidade pode-se referir genericamente à associação de uma quantidade relativa a matéria. No caso do exemplo no plural, há uma operação cognitiva particular denominada multiplexização, que permite que um referente originalmente individual seja copiado para vários outros pontos do espaço ou tempo.

Na interação da categoria multiplexidade com a categoria divisão, o autor procura dar conta da ideia de que palavras assumem formas delimitáveis e não-delimitáveis. As delimitáveis são tomadas como unidades discretas e/ou como conjunto finito de unidades; já as não-delimitáveis se configuram como mais de uma unidade ou massa. Quando *coisas* aparece no plural, entende-se que há aí a multiplicação de unidades discretas, inicialmente via mudança de tipo da construção explícita do singular (uniplexo) para o plural (multiplexo), a partir da qual passa a haver concordância entre a semântica do item e a da construção. Quando *coisa* aparece no singular, ocorre o desacordo entre o sentido do item (uniplexo) e o sentido da construção (multiplexização). Dessa forma, o item deverá assumir o traço [+ discreto] quando instancia a construção, de modo a se adequar ao sentido dela.

Nesse caso, a multiplexidade é entendida dentro de um contexto em que a ideia da pluralização de unidades delimitadas está associada com a avaliação do falante dentro da escala da quantidade. Nessa visão, a relação parte-todo comentada na descrição das propriedades sintático-semânticas da construção *Num N1 de N2* (um conjunto de N2, um grupo de N2) se perde.

Para ilustrar a diferença entre os padrões construcionais *Art Indef N1 de N2* e *Num N1 de N2*, tomam-se os exemplos a seguir:

- (92) Vi uma porção de crianças brincando lá fora.
 (93) O garçom nos serviu uma porção de arroz a mais.

Com essas duas sentenças, é possível perceber que N1 (porção) em 92 refere-se a uma quantidade indeterminada e avaliada como um grande número de crianças; em 93, N1 indica uma quantidade determinada que, ainda que varie até certo ponto de acordo com o local em que é servida, tem limites determinados. Concluindo: porção em 92 é um grupo grande de crianças e em 93 é uma quantidade pré-determinada de arroz servida em uma bandeja.

Partindo agora para a análise de construções instanciadas por *bocado*, vale mencionar a mudança de sentido sofrida pelo termo ao longo do tempo. Essa mudança será tratada mais

detalhadamente no próximo capítulo, que aborda especificamente a rede construcional organizada em torno das relações entre os padrões descritos na presente tese. Por enquanto, menciona-se que *bocado* significava inicialmente *porção que cabe na boca* e, com o tempo, deixa de ser passível de interpretação composicional e passa a sofrer lexicalização e a apresentar configuração mais idiomática [*bocado*], que veicula o sentido quantitativo (quantidade/ porção indeterminada).

O exemplo a seguir ilustra um uso de *bocado* como quantidade indeterminada.

- (94) I: a separação dos meus pais... começou... porque... a colega da minha mãe... era muito amiga dela... ia na casa dela... comia... bebia lá... só... que alguns tempos ela passou andando com meu pai... meu pai toda vez que chegava bêbado... ele batia muito na minha mãe... que ela inventava **um bocado de fofoca**... ela e as cole/amigas dela... aí/ até chegar um certo/ e um dia ele já veio até/ chegou a queimar a minha (mão) eu era pequenininha... e não podia fazer nada... um certo dia... eles se separaram... aí eu fiquei na casa dos outros... (informante da quarta serie, parte oral)

Nesse exemplo, o informante fala de uma amiga de sua mãe que contava muitas fofocas. Para se referir a essa quantidade grande de fofoca, fez uso da construção binominal quantitativa *um bocado de fofoca*. Mais uma vez, trata-se de um exemplo em que o falante faz uma avaliação subjetiva da quantidade, julgando-a relativamente grande e conceptualizando a relação entre *N1* (*bocado*) e *N2* (*fofoca*) dentro dessa estrutura sintática como uma escala de quantidade atrelada ao processo de multiplexização.

Mais uma vez também, ocorre o desacordo entre o sentido uniplexo do léxico (*fofoca*) e o sentido multiplexizador da construção, fazendo com o que *fofoca*, dentro desse contexto sintático, assumo o traço [+ discreto], que permite que o referente seja multiplicado. Esse caso é, como se pode ver, análogo ao que foi comentado antes, acerca da variação *coisa/ coisas*.

Ainda sobre o vocábulo *bocado*, tem-se que, de acordo com o Dicionário Houaiss (2001), *bocado* corresponde a uma porção que cabe na boca. Esse é o sentido que o item apresenta nos primeiros séculos do português, possivelmente fruto da adição do sufixo *-ado* à base lexical *boca*, como já ocorreu com outros itens como *meninada*, *garotada*, *eleitorado*, (*-ada/-ado* indicando a ideia de conjunto), *goiabada*, *laranjada*, *limonada*, *melado* (*-ada/-ado* indicando a ideia de alimento à base de) etc. Dentre as acepções que o dicionário apresenta para sentido de *-ado* e *-ada*, essas duas são as mais próximas do que pode vir a ser a origem de *-ado* na formação composicional de *bocado*.

Continuando a tratar desse assunto, um novo argumento à defesa de que construções binominais quantitativas com artigo indefinido apresentam grau maior de integração sintática – ou de gramaticalização – pode ser tomado, quando se considera o seguinte exemplo:

- (95) Eu uma vez fui jogar bola com meus amigos e aconteceu uma confusão. tinha **um mocado de moleque** com pedaço de pau fora do campo... esperando o jogo acabar para bater de pau na gente de repente aconteceu uma confusão... eles invadiram o campo e começaram as a no bater. Eu e meus amigos saímos correndo. Ainda pegaram dois amigos e machucaram. (informante do CA supletivo, parte oral)

Nesse exemplo, o registro de *mocado* parece evidenciar a existência de maior integração da construção, já que se percebe a assimilação do traço [+ nasal]. Parece haver aí uma evidência em termos de mudança fonológica – o que é típico dos processos de gramaticalização. A manutenção da nasalidade da forma *um* corrobora a extensão da construção incluindo o artigo indefinido (ou o quantificador, no caso do numeral).

Houve, ainda, uma classe semântica das possibilidades de instanciação de N1 formada por nomes oriundos de processos metafóricos, como é o caso do exemplo 96, a seguir:

- (96) O povo votou no Collor... eh... eleição do ano passado... vo/ eh... presidente... essa última eleição... pra presidente votou no Collor... prometeu **um monte de coisas** que ia fazer acabou sendo es/ eh... punido... pelo impeachment porque... teve fraude... eleito/ teve fraude... eh... na campanha dele... roubaram o dinheiro do/ e falaram que... tudo que/ essas viagens de caça assim... que ele teve viajando de caça... viajando de navio... sei lá... (informante da 8ª série, parte oral)

No exemplo 96, o informante fala sobre o ex-presidente Fernando Collor, comentando o fato de que o povo votou nele, que, após ter sido eleito, deixou de cumprir várias promessas feitas durante a campanha. Ainda, o informante comenta que, a partir de tantas fraudes envolvendo seu governo, Collor sofreu impeachment. O exemplo apresentou a construção binominal quantitativa *um monte de coisas*, em referência às promessas de campanha feitas por Collor. Esse é mais um exemplo em que a quantificadora contém um artigo indefinido, um nome (N1) denotando uma quantidade imprecisa e não-delimitada e a preposição de, tomados como uma estrutura mais cristalizada. Também é um caso em que o falante avalia como grande o número de promessas (ou coisas) com que Collor se comprometeu.

Nesse caso, também N2 (coisas) pode ser expresso por nome contável e, em consequência, assumir a forma plural⁷². É o que se observa, nos exemplos⁷³ a seguir:

(97) Um monte de coisa

(98) Um monte de coisas

Comparando as sentenças 97 e 98, é possível perceber que N2 aparece sem grandes restrições tanto na forma plural quanto na forma singular. Na forma plural, entretanto, o processo de multiplexização dá proeminência ao valor de mais de uma *coisa* discretamente concebida, o que orienta a leitura do trecho como se referindo a um número grande de coisas diferentes, variadas – no caso, várias promessas. No singular, o sentido poderá ser explicado a partir do fenômeno do desacordo em que o sentido do item se adapta ao sentido da construção, como já foi demonstrado antes.

Dependendo do item que instancia N2, entretanto, pode surgir ambiguidade⁷⁴ em relação ao entendimento da construção como assumindo um valor quantitativo ou qualitativo. Esse caso aparece na comparação das frases que se seguem.

(99) Um monte de pedra.

(100) Um monte de pedras.

Nesses exemplos, ainda que descontextualizados, pode-se sugerir que a pluralização de N2 desfaz a ambiguidade de 99, em que N2 aparece no singular. Outros exemplos, de base nominal, parecem também poder figurar em descrições desse tipo – a saber, quando, em um processo de multiplexização, N2 vai preferencialmente para o plural e, estando no singular, pode confundir-se com a construção de modificação nominal. O adjetivo, conceptualizado como não-delimitado em sua natureza, aproxima-se de N2 no singular, também construído conceptualmente como um nome cujas fronteiras não estão claramente definidas (+ contínuo). Assim, um monte de pedras pode veicular o sentido de muitas pedras ou o de um monte (morro) feito com pedras.

⁷² Aparentemente, a forma plural é aquela que é privilegiada pela construção, uma vez que, sendo o elemento entendido como discreto, ele pode ser automaticamente multiplicado pela construção.

⁷³ Assim como ocorreu com *monte*, em pesquisa específica dessas duas instâncias no *Google*, ambas mostraram-se altamente produtivas. Da mesma forma, quando buscada a estrutura “um monte de”, exemplos de N2 no singular e no plural apresentaram alto número de ocorrências”. Busca realizada em 09/12/2009

⁷⁴ A ambiguidade aparece em vários momentos. Esses foram apenas ressaltados, por terem chamado especialmente atenção.

Continuando a desenvolver esse tópico, outro fator a ser observado é o fato de que *um monte de coisas* pode figurar tanto em uma construção com numeral quanto em uma construção com artigo indefinido. Para ilustrar esse fato, considerem-se os exemplos:

- (101) Fizeram um monte de areia na praia para atrair os turistas.
- (102) Fizeram dois montes de areia na praia para atrair os turistas.
- (103) Ficou um monte de areia na rua, depois daquela ventania.

Comparando os dois exemplos, é interessante observar que haveria a possibilidade de, em português, encontrar-se ocorrências com *um* podendo ser substituído por numeral – *um monte de areia* ou, após substituição, *dois montes de areia*. Nesses casos, entretanto, estar-se-ia tratando do padrão *Num N1 de Npl2* (o mesmo padrão de *um grupo de pessoas*). Expressões como essas parecem veicular a ideia de que há dois grupos separados de coisas, cada um formando um aglomerado independente, os quais estão sendo conceptualizados pelo falante como dois montes, retomando a ideia de monte/morro, mais concreta para ele.

Há uma relação metafórica de base que permeia tanto a construção com numeral (um monte de pedras, dois montes de pedras) quanto a construção com artigo indefinido (um monte de pedras, uma porção de pedras). No caso da construção com numeral (um monte de pedras, dois montes de pedras), toma-se de morro o formato, à luz do qual se fazem montinhos de areia; no caso da construção com artigo indefinido (um monte de pedras, uma porção de pedras), uma outra propriedade é tomada para comparação – a saber, a ideia de algo grande. Sendo assim, *um monte de areia* instanciando o padrão *Art Indef N1 de Npl2* veicula a ideia de grande quantidade, avaliada subjetivamente pelo falante; neste caso, especificamente, a da quantidade de areia na rua.

Já em *Ficou um monte de areia na rua*, *um monte de* é tomado como uma estrutura mais gramaticalizada que avalia a quantidade de areia, assumindo-a como ocupando um nível escalarmente alto. Trata-se, desse modo, de uma instância da construção *Art Indef N1 de Npl2*, (uma porção de areia) em que figuram outros casos como *um mundo de Npl2*, *um bolo de Npl2* etc.

Casos como esse serão comentados mais detalhadamente em seguida. Veja-se o exemplo que se segue:

- (104) L2: pode ser... pra mim eu não estou achando difícil...

L1: olha... eu tenho **um mundo de colegas** que trabalham fora daqui... e a despesa

deles é:... esse de Maceió por exemplo... fim de semana dele... ele vai pra Recife... são duzentos e cinquenta quilômetros só de Maceió ()

D: ele vai de carro todo fim de semana pra Recife? (informante do NURC)

Nesse exemplo, o informante avalia como grande a quantidade de colegas que trabalham fora do Rio de Janeiro, em termos comparativos ao que ele julga que seria um número normal de colegas com essas características. Assim, o falante faz uso da construção *um mundo de colegas* para expressar esse conjunto numeroso. Como *colegas* é um nome contável e [+discreto], em sua forma plural ele instancia perfeitamente uma construção de multiplexização, conforme já se comentou para os exemplos anteriores.

Já construções com a palavra *número* podem ser consideradas pertencendo a outra classe semântica, que reúne itens que se referem explicitamente à ideia de quantidade em si. Para tratar desse caso em especial, levou-se em conta a primeira definição de número registrada pelo *Houaiss (2001)*, que traz sua acepção advinda da matemática – a saber: i) o conjunto de todos os conjuntos equivalentes entre si; ii) quantidade, soma. Pois bem, a noção quantitativa parece já estar atrelada a essa palavra em sua origem.

Segue um exemplo para apreciação:

(105) L1: quer dizer... você imagina noventa por cento da população leiga aí comprando um imóvel sem noção nenhuma disso... vocês sabem que na: nessa época do surto de... de incorporações eles faziam a planta do apartamento numa escala e os móveis noutra escala... menorzinho... então... por exemplo... numa sala dessas de jantar... eles punham uma mesa muito maior... **um número de cadeiras... um número de móveis** etc... entendeu?

L2: é... ainda botavam os convidados...

L1: os convidados... aquela quantidade... pra gente subir as paredes e tal e cabia metade daqueles que estavam lá dentro... (informante do NURC)

Nesse exemplo, os informantes estão comentando sobre a diferença da quantidade de objetos e pessoas que cabem em determinado imóvel, comparando o que aparece na planta do apartamento e o que eles julgam ser a realidade quando o comprador passa a morar no local. Para falar da quantidade (por eles considerada grande) de móveis e cadeiras que a planta

permitia, foram usadas as construções *um número de cadeiras* e *um número de móveis*. Neste exemplo, *NI* está no singular, indicando um conjunto grande de *N2*, que aparece na forma plural. Mais uma vez, a análise corrobora a ideia de que o padrão *Art Indef NI de Npl2* funciona na língua associadamente ao processo de multiplexização, em que os itens que aparecem como *N2* estão preferencialmente no plural.

Tendo em vista tudo o que foi comentado anteriormente, o capítulo a seguir procurará mostrar a rede construcional em que as construções anteriormente descritas encontram-se envolvidas.

7 A REDE CONSTRUCIONAL

A presente seção tratará da relação entre as construções descritas anteriormente, entendendo que estas se encontram organizadas dentro de uma rede, a partir da qual se pode compreender melhor o funcionamento dos padrões analisados na gramática da língua portuguesa. A rede construcional, conforme foi observado antes, não se esgota nesses quatro padrões, e, assim, entende-se que a descrição aqui desenvolvida é apenas parcial.

Goldberg (1995) propõe que as construções da língua se encontram organizadas dentro de uma rede, abrindo caminho para o entendimento de que a gramática de uma língua é um todo coerente e organizado, cujas partes (construções) estão ligadas por algum laço de herança. Esses laços, como já mencionado anteriormente, podem ser de natureza diversa e, conseqüentemente, recebem classificações diversificadas.

Os princípios básicos que envolvem a relação entre construções os quatro laços interconstrucionais descritos por Goldberg (1995) são os seguintes: laço por polissemia (I_p); laço por instanciação (I_i); laço por subparte (I_s) e laço por extensão metafórica (I_m).

Seguindo o postulado goldbergiano de rede construcional, foram sugeridas algumas relações entre as construções binominais quantitativas do tipo *um N_1 de N_2* estudadas. Ainda, como é objetivo da pesquisa, a rede construcional foi entendida como etapa final (sob ótica sincrônica) de um processo gradual de mudança linguística por gramaticalização, por meio do qual construções vão se fixando em uma dada língua e disponibilizando novas frentes expressivas aos falantes que dela fazem uso.

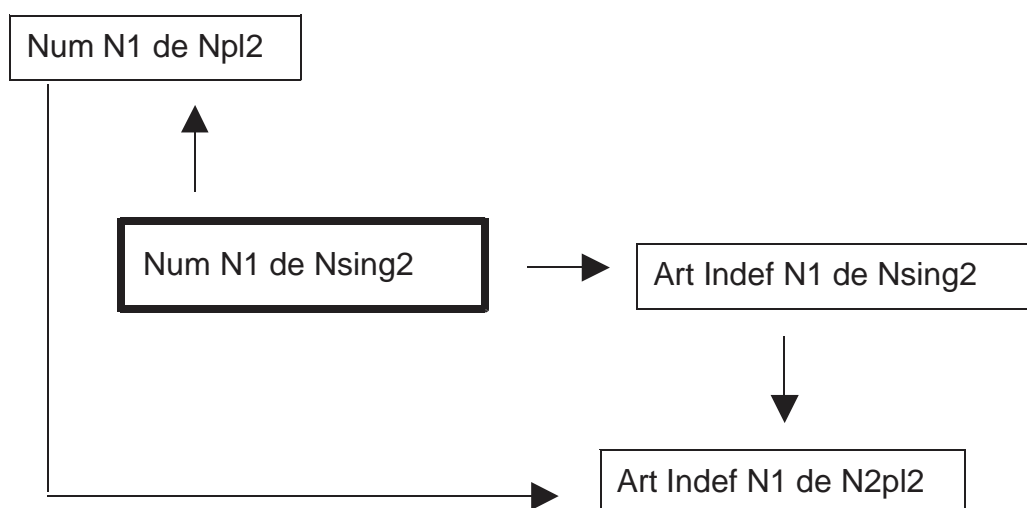
Os dados analisados parecem fornecer pistas para o estabelecimento de laços de herança entre alguns dos tipos construcionais atestados, uma vez que, com base no caráter diacrônico de sua organização, pode-se entrever relações de posterioridade/anterioridade temporal entre construções. Vale lembrar que, pela própria natureza do objeto em análise, o número de ocorrências foi aquém do esperado, especificamente quando relativo aos séculos mais remotos. Essa parece não ser uma particularidade desta pesquisa; ao contrário, incorre sobre todos aqueles que se aventuram a estudar o passado de uma língua. A respeito do assunto, já ensinava Labov (1982, p. 20, tradução nossa) que o desafio da análise diacrônica é “fazer o melhor com maus dados”.

Tendo tudo isso em vista, a presente seção será dividida da seguinte forma: primeiramente, será apresentada uma proposta de rede em que se encontram as quatro construções estudadas. Em seguida, cada relação descrita na rede será detalhada e justificada, por meio de análise diacrônica e estudos anteriores. Uma vez descritas tais relações, procura-

se demonstrar que as construções do tipo Art Indef N1 de N2 (*um pouco de comida, um bocadinho de feijão* etc.) deram origem à construção de modificação adjetival do tipo Art Indef N de Adj (como em *um pouco cansada, um bocadinho triste* etc.).

7.1 A CONFIGURAÇÃO DA REDE

Tratando especificamente da relação entre os padrões tomados como foco de análise da presente tese, tem-se o seguinte esquema, concebido como um modelo da rede a que se chegou com o detalhamento feito de cada construção, individualmente.



Esquema 8: Rede construcional

Observando a arquitetura da rede, entende-se que há uma relação de herança direta entre construções do tipo *Num N1 de Nsing2* e *Num N1 de Npl2* (via polissemia). Ao mesmo tempo, pode-se entender também que as construções *Art Indef N1 de Npl2* e *Art Indef N1 de Nsing2* (via polissemia) apresentam uma relação entre si, mas ao mesmo tempo também estão relacionadas com outras duas construções – respectivamente, *Num N1 de Npl2* e *Art Indef N1 de Npl2* (via metáfora).

Ao se considerar a rede que foi proposta anteriormente, é possível identificar um destaque em torno da construção *Num N1 de Nsing2* (ex: um quilo de farinha, uma pitada de sal). Esse destaque se deve ao fato de que se acredita que seja essa a construção primeira, à qual as demais estão vinculadas direta ou indiretamente. Postula-se, como se vê, não uma rede organizada radialmente (em que se tem uma construção prototípica, a partir da qual as demais

se colocam), mas distribuída, em termos wittgenstarianos, por semelhança de família. Em outras palavras, aposta-se em uma distribuição em que uma construção pode gerar outra e essa outra por sua vez, pode estar relacionada com uma terceira que não preserva necessariamente um traço que a vincule com aquela primeira.

De acordo com Wittgenstein (2003, p. 53),

O que uma palavra-conceito indica é, certamente, um parentesco entre objetos, mas esse parentesco não precisa ser o compartilhar uma propriedade ou um constituinte comum. Ela pode ligar os objetos como os elos de uma corrente, de modo que um pode estar ligado aos outros por meio de elos intermediários. Dois membros vizinhos podem ter características comuns e ser similares, ao passo que membros distantes pertencem à mesma família sem ter mais nada em comum. Na verdade, mesmo que uma característica seja comum a todos os membros da família, não precisa ser essa a característica que define o conceito.

A relação entre os membros de um conceito pode ser estabelecida pelo compartilhar de características que se destacam na família do conceito, cruzando-se e sobrepondo-se de maneiras muito complicadas.

O autor, para ilustrar esta relação, trata da noção de *jogo*, afirmando que

Assim, provavelmente não há nenhuma característica comum a todas as coisas que chamamos jogos. Mas tampouco pode-se dizer que 'jogo' tem apenas vários significados independentes (um tanto como a palavra 'banco'). O que chamamos "jogos" são processos inter-relacionados de muitas maneiras, com muitas transições diferentes entre um e outro. (WITTGENSTEIN, 2003, p. 53)

A definição de *semelhança de família* aplicada ao sentido de "jogo" encontra-se em mais detalhes nas suas *Investigações Filosóficas* (WITTGENSTEIN, 1984, p. 38-39). Nesse texto, Wittgenstein aproveita, inclusive, para fazer uma crítica ao pensamento clássico aristotélico a respeito do processo de categorização (este último encontrado mais especificamente em Aristóteles, 2005, p. 39-41; de fato, todo o capítulo intitulado *Categorias* aborda o tema em seus vários aspectos).

A proposta wittgensteiniana é explicitada da seguinte maneira:

Considere, por exemplo, os processos que chamamos de 'jogos'. Refiro-me a jogos de tabuleiro, de cartas, de bola, torneios esportivos, etc. O que é comum a todos eles? Não diga: 'Algo deve ser comum a eles, senão não se chamariam jogos', – Pois, se você os contempla, não verá na verdade algo que fosse comum a eles todos, mas verá semelhanças, parentescos, e até toda uma série deles. Como disse: não pense, mas veja! – Considere, por exemplo, os jogos de tabuleiro, com seus múltiplos parentescos. Agora passe para os jogos de cartas: aqui você encontra muitas correspondências com aqueles da primeira classe, mas muitos traços comuns desaparecem e outros surgem. Se passarmos agora aos jogos de bola, muita coisa comum se conserva, mas muitas se perdem. – São todos 'recreativos'? Compare o xadrez com o jogo da amarelinha. Ou há em todos um ganhar e um perder; ou uma concorrência entre os jogadores? Pense nas paciências. Nos jogos de bola há um

ganhar e um perder; mas se uma criança atira a bola na parede e a apanha outra vez, esse traço desapareceu. Veja que papéis desempenham a habilidade e a sorte. E como é diferente a habilidade no xadrez e no tênis. Pense agora nos brinquedos de roda: o elemento de divertimento está presente, mas quantos dos outros traços característicos desapareceram! E assim podemos percorrer muitos, muitos outros tipos grupos de jogos e ver semelhanças surgirem e desaparecerem.

E tal é o resultado desta consideração: vemos uma rede complicada de semelhanças, que se envolvem e se cruzam mutuamente. Semelhanças de conjunto e de pormenor.

67. Não posso caracterizar melhor essas semelhanças do que com a expressão ‘semelhança de família’; pois assim se envolvem e se cruzam as diferentes semelhanças que existem entre os membros de uma família: estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento, etc., etc. – E digo: os ‘jogos’ formam uma família. (WITTGENSTEIN, 1984, p. 39)

Entendendo o modo como a rede se configura, defende-se que a construção Num N1 de Nsing2 está diretamente vinculada com Art Indef N1 de Nsing2 por meio de um laço de polissemia, em que *um N1 de Nsing2* instanciando a construção com numeral, que tem seu sentido estendido para *um N1 de Nsing2* instanciando a construção com artigo indefinido. Continuando, entende-se que, também por polissemia, as construções com numeral e com artigo indefinido e N2 (podendo aparecer no singular ou plural e preferencialmente no plural em alguns casos) geram, em respectivo, as construções com numeral e com artigo indefinido e N2 preferencialmente no singular (Num N1 de Nsing2 ou Art Indef N1 de Nsing2). Além disso, entende-se também que a construção do tipo *Num N1 de N2* gera, via metáfora, *Art Indef N1 de N2*).

Assim, dando continuidade à análise dos dados, far-se-ão, adiante, comentários sobre cada uma das relações observadas.

7.2 A RELAÇÃO ENTRE NUM N1 DE NSING2 E NUM N1 DE NPL2

Comparando, via análise diacrônica, o padrão *Num N1 de Nsing2* (como se vê em *um litro de leite, uma colher de sopa*, etc.) com o padrão *Num N1 de Npl2* (que se verifica em *um grupo de dados, um conjunto de crianças*⁷⁵ etc.), chegou-se à conclusão de que o primeiro se apresenta como mais central na rede estabelecida. Isso porque fica entendido que o processo de extração de porção vinculado a ele é mais inerentemente vinculado a essa estrutura.

Dessa forma, defende-se que o processo cognitivo de multiplexização se comporta como um desdobramento do processo de extração de porção, quando vinculados a estruturas associadas, entre outras funções, à quantificação de nomes incontáveis. A associação da noção

⁷⁵ Embora se esteja usando esses exemplos para ilustrar o padrão com numeral, é importante observar que o uso indefinido de *um grupo de pessoas* é altamente produtivo.

de parte com estruturas formadas com SP⁷⁶ pode ser vista também em espanhol, no trecho de Gilly Gaya (1975 apud MÓDOLO, 2004, p. 4⁷⁷):

Cuando nos referimos a parte de alguna cosa o cantidad, la preposición de comunica a la expresión sentido partitivo: bebimos de aquel vino ; algunos de vosotros; diez de los reunidos votaron en contra . De aquí el uso comp arativo cuando se trata de cantidad es: más de ciento; menos de dos do cenas; más de dos horas.

Ratificando essa ideia, vale dizer que, em português, conforme mostram nossos gramáticos (CUNHA; CINTRA, 1985), o sintagma preposicional se apresenta como constituinte de uma sintaxe típica de construções partitivas⁷⁸. Tomando um exemplo que ilustre a proposta dos autores, tem-se que:

(106) *Comi do bolo (versus Comi o bolo)*

Nesse exemplo, pode-se verificar que uma das maneiras de se conceber a noção de parte em português é a utilização de uma estrutura com a preposição *de*. Além disso, essa preposição também participa de outras construções que estabelecem alguma proximidade semântica direta ou indireta com a relação parte-todo. É o que aparentemente se pode ver pelo menos em dois exemplos, a seguir:

(107) Eu sou de Portugal.

(108) Essa é a casa do Pedro.

Os exemplos anteriores apresentam respectivamente as noções de origem (de onde eu sou) e posse (de quem é a casa). Argumenta-se que, em cada um desses exemplos, há, além desse sentido, em alguma medida, uma relação com o processo cognitivo da extração de porção. Por exemplo:

Em 107, *Portugal* pode ser tomado como todo e *Eu* é entendido como membro, cidadão que faz parte ou é parte do país. Em 108, *a casa* pode ser entendida como um elemento do conjunto de pertences de *Pedro*.

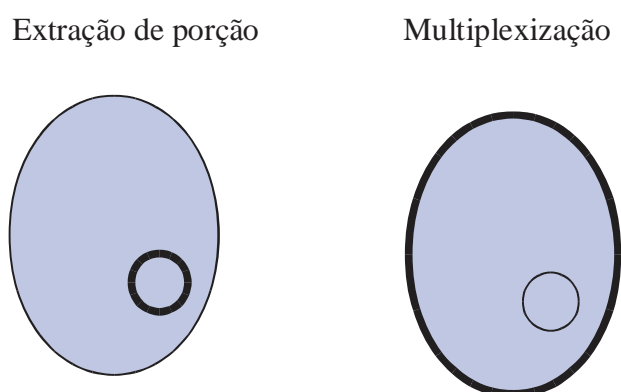
⁷⁶ SP = sintagma preposicional.

⁷⁷ Disponível em: http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2004/4publica-estudos2004-pdfs-comunicos/a_gramaticalizacao_preposicao.pdf. Último acesso em: 15/12/2009.

⁷⁸ – Acrescenta-se que a função primária das construções partitivas seria exatamente a de tornar passível de quantificação aquilo que, por natureza, não o é.

Como se pode ver, o processo de extração de porção parece ser característico de algumas estruturas que apresentam a preposição *de* em sua constituição. Mais especificamente, a proposta é a de que construções desse tipo tenham licenciado, via polissemia, as construções com numeral associadas ao processo de multiplexização (Num N1 de Npl2; um monte de coisas). A polissemia estaria exatamente na mudança de foco (inicialmente na parte⁷⁹, via extração de porção; em seguida, no *todo*, via multiplexização⁸⁰) já descrita durante análise individualizada de cada um desses padrões gramaticais.

Fazendo uso dos princípios gerais que regem a gramática das construções (GOLDBERG, 1995, p. 75), entende-se que, a despeito dos processos cognitivos a que ambas⁸¹ se associam, as construções podem ser consideradas sintaticamente semelhantes e semanticamente distintas. O elemento perfilado perante a manutenção da relação parte-todo, que causa essa diferença, é o que justifica a polissemia e o que aparentemente as torna duas construções distintas e não uma construção única, tomada mais genericamente.



Esquema 9: comparando extração de de multiplexização

7.2.1 O que dizem os dados

Não é possível afirmar, com base apenas nos dados de séculos passados observados, que a construção de extração de porção tenha surgido antes daquela que se liga ao processo cognitivo de multiplexização – ambas apresentam registro no século XIV, o qual corresponde à sincronia mais antiga disponível no *corpus do português*, em razão de fatores que baseiam a própria formação da língua portuguesa.

⁷⁹ Por exemplo, em *um quilo de farinha*, em que o foco recai sobre *quilo*.

⁸⁰ Por exemplo, *um bando de crianças*, em que *bando* é focado.

⁸¹ A construção *Num N1 de Nsin2* (um quilo de farinha; extração de porção) e a construção *Num N1 de Npl2* (um bando de pessoas; multiplexização).

Sobre isso, há de se considerar que, de acordo com Lehmann (1982), a diacronia se diferencia da história exatamente nesse ponto: é possível postular teoricamente que uma construção implica necessariamente a existência prévia da outra (ou que uma se desenvolve a partir da outra) – e isso é o que ele chama de análise diacrônica. Já a análise histórica (que é a busca dessa evidência em textos antigos) pode ou não confirmar isso.

O que se percebeu, na verdade, foi que: por um lado, a construção de extração de unidade ou porção (um quilo de farinha) apresenta, em geral, um número maior de instâncias do que a construção de multiplexização (uma porção de gente) nos primeiros séculos resultantes da pesquisa; por outro, a construção de multiplexização passa a aparecer em quantidades maiores do que a construção de extração de porção, com a passagem dos séculos, especialmente se focadas algumas instâncias determinadas.⁸² A aparente distribuição de Num um N1 de Nsing2 (um quilo de farinha) na língua pode ser tomada como um indício a favor da anterioridade diacrônica que ela pudesse vir a apresentar.

As tabelas (acompanhadas de exemplos retirados do *corpus do português*⁸³) procuram ilustrar tal afirmativa.

Num N1 de Nsin2								
Instância	s14	s15	s16	s17	s18	s19	s20	Total
Um quarto ⁸⁴ de	1	3	25	31	12	161	96	329
Um pedaço de	-	18	43	12	5	159	247	484
Um litro de	-	-	-	-	-	4	21	25
Um terço ⁸⁵ de	1	2	3	6	2	3	55	72
Um quilo de	-	-	-	-	-	1	39	40
Uma parte de	1	6	2	6	3	5	20	43
Uma unidade de	-	-	-	-	1	-	68	69
Total	3	29	73	55	23	333	546	1062

Tabela 9: Num N1 de Nsin2 no corpus do português

Observando os dados contidos na tabela, tem-se que, já no século XIV, havia registro

⁸² Foi difícil lidar com um *corpus* tão vasto, por conta da dependência de uma ferramenta de busca para a identificação de possíveis exemplares das construções – a qual pode, por uma razão qualquer de categorização no momento em que os dados foram cadastrados, ser falha no que diz respeito ao resultado pretendido.

⁸³ Disponível em: www.corpusdoportugues.org. Pesquisa realizada em 15/11/09.

⁸⁴ Itens como *quarto* e *terço* foram contabilizados nos dados. Embora sejam tradicionalmente classificados como numerais fracionários, constaram como resultado das buscas pela estrutura "um Nome de" realizada no *corpus*.

⁸⁵ Itens como *quarto* e *terço* foram contabilizados nos dados. Embora sejam tradicionalmente classificados como numerais fracionários, constaram como resultado das buscas pela estrutura "um Nome de" realizada no *corpus*.

do espalhamento dessa construção na língua, com registros de três instâncias. A partir do século XV, entretanto, o número de instâncias, bem como o de ocorrência da construção aumenta consideravelmente. Em outras palavras, aumenta o número de construtos, ou seja, de ocorrências empiricamente atestadas da construção (TRAUGOTT; DASHER, 2005).

Os exemplos a seguir representam cada um dos séculos observados, com o intuito de ilustrar o tipo de ocorrência catalogada na tabela anterior.

- (109) E, cõ esta coita, os que podyã sayr da villa hyamsse meter em poder dos cristããos. E elles vedyãnos e davãnos por **hũu terço de vinho** ou por hũu pã. E estes, logo que os fartavã, logo morriam. E, os mais ryjos, vendyãnos aos mercadores que viinham hy per mar de muytas partes. E erã os da vylla assy desconfortados e desacorridos que nõ sabyã de si nem hũu consselho. (Sec XIV)
- (110) E mais vimte ouos E de çemteo huũa teiga polla velha em que monta polla noua huum alqueire e meo E mais **huum quarto de carneiro** pera o mordomo E hũa cabaça de dous dozãos de vinho E huum soldo de pam trigo tudo pera o mordomo § Titollo do campo de pedregal paga o dicto campo de pam segumdo huũa teiga polla velha que se monta polla noua huum alqueire e meo § Titollo da quebrada da pedra de bouça que se mede de quarto e soia a dar cimquo e seis alqueires de pam (XV)
- (111) Alem da Serra Lyoa contra ho ryo das Palmas amtre a geeraçam do temjnis esta hũa terra chamada Hatschinch Em a qual terra ha hũu ydolo vniuersal de todas estas terras / ao qual ydolo chamam Tschyntschnyn E esta fora da pouoraçam em hũa mata **hũu terço de legoa** de hũa aldea chamada Catell / a qual aldea he de 60 vezinhos E este ydolo esta no meo da mata / e onde esta ho aruoredo todo esta cortado em derrador e em cima das aruores altas coberto assi que sempre o dito idolo esta em sombra (sec XVI)
- (112) Não queira Deus (disse o Santo, afastando o prato) que o meu ventre me custe tão caro: andai depressa, levai-o a meu Senhor Jesus Cristo (assim chamava a qualquer pobre), que a mim, estando são e robusto, **um pedaço de pão** me basta. (Sec XVII)
- (113) e que finalmente não podendo o cavalo entrar pelas portas da Cidade, se havia aberto **um pedaço de muralha** por onde ele passasse. Porém Pausânias diz o contrário; e

segura que o cavalo de Tróia não fora mais do que uma máquina de bronze, que ele vira em a Cidadela de Atenas (sec XVIII)

- (114) Não teria ainda lido **um quarto de página**, quando ouviu a voz da tia Doroteia, que lhe dizia de fora da porta: - Ó menino, tu já te deitaste? - Já, sim, tia Doroteia. - Olha se tens cautela com a luz. (sec XIX)
- (115) Na semana anterior, Leo tinha ligado e dissera com a voz pastosa " você é maravilhosa ". Ele era capaz de dizer as coisas mais gentis às três da manhã, depois de consumir **um litro de vodka**. " Não sou não, Leo. Muitas vezes eu pergunto em que espelho ficou perdida a minha face. (Sec XX)

Os exemplos de 109 a 115 formam um conjunto de ocorrências da construção Num N1 de Nsing2, em que se tem N1 representando a parte, que funciona como foco, e N2 representando o todo (interpretado com sentido de massa, não delimitado) do qual se extrai uma parte.

Já a tabela 10, a seguir, refere-se aos exemplos de Num N1 de Npl2 encontrados nos dados.

Num N1 de Npl2								
Instância	s14	s15	s16	s17	s18	s19	s20	Total
Um par de	3	45	57	11	11	158	235	520
Um conjunto de	-	-	-	-	-	16	943	959
Um grupo de	-	-	-	-	-	116	973	1089
Uma porção de	-	-	-	-	1	5	10	16
Total	3	45	57	11	12	295	2161	2584

Tabela 10: Num N1 de Npl2 no corpus do português

Com relação à tabela 10, observa-se que a primeira ocorrência observada dessa construção data do século XIV e que, até o século XVIII, sua produtividade parece não ser muito alta na escrita, uma vez que a única instância que apresentou ocorrências foi a de *um par de N2* e *uma porção de N2*, que apresentou uma ocorrência no século XVIII. Nos séculos XIX e XX, ao contrário, a frequência de uso se apresenta mais solidificada.

Alguns exemplos que foram encontrados na análise de dados estão reproduzidos a

seguir, cumprindo o objetivo de ilustrar os tipos de ocorrências utilizadas para confecção da tabela.

- (116) Outrossy prometeo que os desfruytarya aa bõã fe & sê maaõ engano ãnas sazões que sse deuë colher os fruitos de dar & por todo o dano a el. ou a sseus herdeyros ena festa de sam miguel.C. maravedis & **hûu par de capões**. Eno acabamëto do prazo sobredito desentregar & de o desenparar. a vinha. ou a Orta. assy laurada. ou assazõãda assy como sobredito he (sec XIV)
- (117) E quatro homëes a cauar as vjnhas do dicto moesteiro E hûu dia a vjndimar a vj´nha do dicto Mosteiro e mais **hûu par de galjnhas**, per dia de samjguel de setembro. E por lujtosa ao saymëto de cada hua pessoa Cem rreaes; com a qual penssam serem bem mandados e obedientes ao dito moesteiro e por ella e por todos seus derreitos o dito prior e sseus socessores possam penhorar e mandar penhorar em quaeesquer bëes dos ditos enprazadores honde quer que forem achados (sec XV)
- (118) Espedido del-Rei de Pacém, però que ele muito desejou de o ter ali **um par de dias** com festas e refrescos por causa do que logo veremos, como já começava entrar na paragem dos baixos, segundo lhe deziãam os mouros pilotos que levava, mandou ir diante todolos navios pequenos, uns ao longo da costa da ilha, e outros mais ao mar por resguardo das outras naus de maior porte. (secXVI)
- (119) Porque: Vereis vilao de uma barba sôfrega, em que todo anda cozido, que parece que barboa à cinta; e é tal a fertilidade do sítio que, se a inçarem de dois casais de coelhos de Almourol e **um par de corças**, em dois dias farao uma coutada tao populosa, que lhe nao dê pelos artelhos a de Almeirim, e ande a rojoes. (Sec XVII)
- (120) Por um lado, o sr. Paulino de Sousa diz à Regência: conte comigo; só eu posso reorganizar a Monarquia desmantelada pelo Gabinete João Alfredo; por outro lado, S. Ex.^a diz aos seus eleitores: ameçai por mim a Regência, tornai-me necessário, ou para a Monarquia, ou para a República. É **um conjunto de contradições** tão extraordinário que é difícil saber por onde começar a desfiá-las. (Sec XIX)
- (121) E tentamos fazer uma proposta a brasileira, discutida pelos grupos homossexuais. Nós

tivemos a 16ª conferência internacional de gays e lésbicas no Rio, em 1995, e eu levei a proposta. Eles formaram **um grupo de juristas e advogados** e analisaram o projeto. (Sec XX)

Os exemplos de 116 até 121 representam alguns dos casos de Num N1 de Npl2 coletados nos dados do *corpus* do português e são representativos do período que vai do século XIV ao XX, respectivamente. Em todos os exemplos, o foco recai sobre N1 e a relação parte-todo é mantida.

Na comparação das duas tabelas anteriores, demonstra-se que, fazendo uso da mesma base de dados, foram encontradas mais ocorrências de determinadas instâncias de Num N1 de Npl2 (uma porção de gente) nos séculos mais próximos do atual. Por outro lado, a construção Num N1 de Nsing2 (um quilo de farinha) parece ser mais produtiva, em termos da variedade de instâncias e ocorrências que apresenta, de modo geral.

Novamente, propõe-se que maior frequência de tipo em relação a Num N1 de Nsing2 (um quilo de farinha) nos séculos iniciais e a produtividade alta de Num N1 de Npl2 concentrada nos séculos mais recentes fornecem outro argumento a favor da tese de que a construção com N2 no singular é anterior a Num N1 de Npl2.

Por outro lado, embora se considere a construção com N2 no singular como central, por estar relacionada a um processo de extração de porção, os dados, por suas limitações, não são capazes de provar anterioridade temporal entre essa e a de multiplexização (Num N1 de N2). A posição assumida na pesquisa, entretanto, parece ser coerente com os argumentos apresentados e com os resultados sugeridos pela análise de dados.

Ao tratar de relação entre essas construções, esta seção, como já foi dito antes, procura dar conta do fato de que a polissemia relativa à mudança de foco pode ser também descrita em termos dos pressupostos goldbergiano expostos no:

princípio da motivação maximizada, em que se coloca que se uma construção A está sintaticamente relacionada a uma outra, B, então A é motivada na medida em que se relaciona semanticamente com B. Assim, A (Num N1 de N2) apresenta semelhança sintática com B (Num N1 de Nsing2) e é motivada semanticamente, uma vez que expressa a relação parte-todo encontrada em B. Por outro lado, a não restrição ao singular se alia à mudança de foco que é encontrada quando comparadas ambas as construções. (GOLDBERG, 1995, p. 67)

Ressalta-se que a plena aplicabilidade dos princípios gerais da gramática das

construções, como descritos por Goldberg (1995) se apresenta uma missão árdua para este estudo, uma vez que a autora não trata especificamente da estrutura do sintagma nominal, focando sua análise à sintaxe em nível de sentença (na análise da estrutura argumental). Mediante esse fato, há de se pensar que o *SN* poderia vir a requerer princípios estritamente pensados para a sua descrição e que, com isso, o que está apresentado em *i* e *ii*, anteriormente, é uma proposta de exposição da afinidade dos resultados obtidos na análise do *SN* com os princípios descritos pela autora, quando tomou por objeto de estudo o verbo e seus argumentos. De qualquer forma, vale dizer que a extensão dos princípios goldbergianos se justifica, porque a autora propõe um continuum léxico-sintaxe no que se refere ao pareamento forma-significado nas construções.

7.3 A RELAÇÃO ENTRE *NUM N1 DE NSING2* E *ART INDEF N1 DE NSING2*

Em comparação com a construção *Art Indef N1 de Nsing2* (um pouco de leite), defende-se que o padrão *Num N1 de Nsing2* (um quilo de farinha) é anterior, uma vez que é passível de verificação empírica (é possível pesar a farinha até chegar um quilo, por exemplo) e representa um sentido construído de modo mais objetivo (LANGACKER, 1987) – o qual é concebido anteriormente ao sentido mais subjetificado a que se associa a construção com artigo indefinido. Além disso, a gramaticalização que dá base à passagem de numeral para artigo indefinido é um processo regular translinguisticamente, como mostraram Heine e Kuteva (2007).

Os autores, que fizeram uma varredura na literatura da gramaticalização (e em estudos gerais sobre diferentes línguas do mundo), observaram que a passagem do numeral “um” para sentido indefinido ocorreu em, pelo menos, 6 línguas diferentes. Dentre esses relatos, chama atenção, especialmente para os propósitos argumentativos deste trabalho, o fato de que Haspelmath (apud HEINE E KUTEVA, 2007, p. 222), descreveu um processo de gramaticalização em Lezgian, que se caracteriza pela passagem de um (numeral) para quantificador de escalaridade⁸⁶, modificando, inclusive, adjetivos.

A gramaticalização de *um* é de extrema relevância para análise dos dados da tese, porque não se está colocando que é a construção *Num N1 de Nsing2* (um quilo de farinha) que licencia o surgimento de *Art Indef N1 de Nsing2* (um pouco de farinha), mas a instância *um N1 de Nsing 2* (em que *um* é numeral), e *um N1 de Nsing 2* (em que *um* é um artigo indefinido).

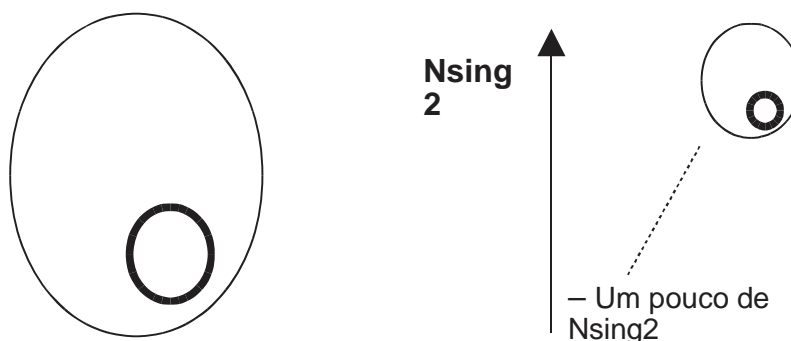
⁸⁶ No original, scalar quantifier.

Outros autores que trataram da história da Língua Portuguesa – como, por exemplo, Matos e Silva (2008) e Nunes (1975 apud GONÇALVES, 2007) –, embora não tenham pesquisado especificamente da relação de herança entre construções, mostraram que o numeral *um* deu origem, por gramaticalização, ao artigo indefinido masculino singular *um*. Entretanto, o processo de gramaticalização ocorreu no romance e, portanto, não foi possível verificá-los nos dados coletados no *corpus do português*. Muitos desses autores, por conta desse fato, colocam o artigo indefinido na classe dos quantificadores em vez de deixá-lo junto ao artigo definido (que é formado também por gramaticalização, mas oriundo de pronome demonstrativo).

Vários pesquisadores mostram que há, de fato, uma relação histórica entre o artigo indefinido e o numeral *um*. Nunes (1975 apud GONÇALVES, 2007), por exemplo, afirma que, assim como ocorreu no grego, o artigo indefinido foi herdado do numeral *um*. Matos e Silva (2008, p. 113) também tratou do assunto, ao inserir o artigo indefinido no rol dos quantificadores. Tratando do assunto, a autora observa o seguinte:

Huu, hua (lat. unu, una) e seus compostos ocorrem sempre, no período arcaico, com a grafia que não indica a crase ou fusão das vogais idênticas para o masculino, nem a epêntese da consoante nasal /m/ na forma feminina; numeral cardinal no latim, continuou no português com esse valor, mas também se especializou como artigo indefinido, opositivo ao artigo definido.

Acredita-se que há uma relação entre Num N_1 de Nsing₂ (um quilo de farinha) e Art Indef N_1 de Nsing₂ (um pouco de farinha), em que a construção quantitativa que estabelecia uma relação parte-todo passou a funcionar com um operador escalar, no sentido de que organiza em uma escala a quantidade de N2. A análise dos dados dá a dimensão dessa passagem, na medida em que percentualmente instâncias como um bocado de N, um punhado de N são, em um primeiro momento, registros de *Num N1 de Nsing2* e, com o tempo, passam a funcionar como registros de *Art Indef N1 de Nsing2*. Os esquemas que se seguem representam, respectivamente, a construção Num N_1 de Nsing₂ e Art Indef N_1 de Nsing₂.



Esquema 10: relação entre Num N1 de Nsing2 e Art Indef N1 de Nsing2

As construções, segundo os princípios de Goldberg (1995), seriam sintaticamente semelhantes e semanticamente diferentes. A mudança semântica aparentemente se fundamenta no entendimento de que *Num N1 de Nsing2* (um quilo de farinha) é a expressão do processo cognitivo de extração de porção, ao passo que *Art Indef N1 de Nsing2* (um pouco de farinha) funciona como um quantificador escalar.

Assim, entende-se que teria ocorrido a passagem da relação parte-todo em que a parte é objetivamente determinada, para a relação parte-todo em que a parte é definida por referência a uma escala – o daria status de construção independente a ambos os padrões e ilumina a polissemia existente. A noção de indeterminação própria dos artigos indefinidos também deve ser considerada, uma vez que contribui para o entendimento de que a construção com *um* passa a escalarizar para mais ou para menos uma quantidade indeterminada referente a N2.

Além disso, como já foi mencionado antes, as duas construções (com numeral e com artigo indefinido) envolvem, direta ou indiretamente, o processo cognitivo de extração de unidade ou porção. Assim a primeira construção, com numeral, implicaria uma extração de unidade ou porção determinada e a segunda, de extração de unidade ou porção indeterminada – aliada à avaliação subjetiva do falante sobre a quantidade.

Ainda, tem-se que, de acordo com Silva (2008), poder-se-ia verificar a metáfora quantidade-intensidade translinguisticamente, a partir da análise da codificação da intensidade via léxico claramente relacionado a um valor quantitativo. Uma evidência disso seria, por exemplo, o que se verifica no caso de *mucho* = muito, indicando quantidade, e *muy* = muito, significando intensidade (em espanhol), que possuem a mesma origem etimológica. Esse mesmo radical (*much*) poderia ser também observado em inglês com as mesmas acepções de quantidade e intensidade, respectivamente, tal como em "He has too much money" ("Ele tem dinheiro demais") e "It's much better" ("[Isto] é bem melhor"). O autor enumera, ainda, exemplos do italiano, como *plus* = mais (de valor numérico-quantitativo) e *piu* = mais (designativo de intensidade), e em francês, em que esse mesmo lexema serve como atribuidor de intensidade em francês,

Segundo o autor (SILVA, 2008, p. 82):

A intensidade, que se encontra no nível das avaliações qualitativas apresenta, portanto, um caráter mais subjetivo, abstrato, do que a quantificação, que se concretiza em um nível menos subjetivo, na medida em que é passível de verificação empírica. Teoricamente a quantificação estaria relacionada a coisas concretas, enquanto a intensidade modificaria adjetivos e verbos, que, por si só, já veiculam sentidos mais abstratos.

Em português, além das palavras muito, bastante, mais e demais, há outras tantas como *tão, tanto, quão, (o) quanto, demasiado, demasiadamente, farto, fartamente, abundante/mente, um bocado, assaz/mente*, entre outros. O autor propõe ainda que sejam incluídos entre os exemplos os sufixos *-ada, -(a)ria* e *-eiro/a*, nos quais se manifesta a ideia de "quantidade excessiva"/"acúmulo", cujos respectivos conceitos são construídos a partir do que é quantitativamente perceptível – por exemplo, em *papelada, filharada; (a)ria*, em *sapataria, padaria; -eiro/a*, em *aguaceiro, buraqueira*.

Mais uma vez, o autor ressalta a relação direta entre quantidade e intensidade:

Essa noção "concreta" é, então, transferida analogicamente para significar aquilo que nos parece além do seu estado entendido como normal. Entre os diversos exemplos, pode-se apontar, para *-ada*, cipoada, paulada, risada; para *-(a)ria*, correria, gritaria, pancadaria; para *-eiro/a*, fofoqueiro, trabalhadeira, roubalheira, todos eles significando "ação enérgica/intensa" e/ou "excesso", em termos mais abstratos. (SILVA, 2008, p. 84)

De modo bastante semelhante ao que vem sendo visto nesta tese, Neves (1999), ao segmentar os capítulos de sua gramática de usos, agrupa os quantificadores e os indefinidos em uma mesma seção – a parte três de sua gramática é dedicada a essas duas categorias. Ainda sobre os indefinidos, a autora (NEVES, 1999, p. 515) afirma que “o **artigo indefinido** acompanha um **substantivo comum** destacando um ou mais indivíduos dentre todos os indivíduos da classe ou espécie”.

Avançando na análise, Neves (1999, p. 517-518) dedica uma parte à relação do artigo indefinido com o numeral cardinal *um*. Veja-se o que ela propõe:

"Em primeiro lugar tem de apontar-se a seguinte diferença: com o artigo **indefinido um**, o que se afirma é a indeterminação, não a singularidade (embora ela exista), enquanto com o **numeral um** o que se afirma é a singularidade, ou a qualidade de único (embora a indeterminação possa existir). Do ponto de vista da quantidade, isso significa que, no caso do **artigo indefinido**, fala-se de “pelo menos um”, enquanto, no caso do **numeral**, fala-se de exatamente um.”

Na *Gramática do Português Culto Falado*, Castilho (2008) coloca os artigos indefinidos na parte relativa aos quantificadores indefinidos. Assim como Neves (1999),

Castilho (2008, p. 137) agrupa os artigos indefinidos em parte distinta daquela em qual os artigos definidos se inserem, aproximando-os dos quantificadores.

Castilho (2008, p. 137), citando Matos e Silva, define que

“São quantificadores indefinidos as expressões que funcionam como 'actualizadores do nome que não estabelecem relação entre o que é designado pelo nome e as pessoas envolvidas no processo de comunicação, como os demonstrativos e possessivos, mas que acrescentam ao que é designado alguma informação sobre quantidade'. Por outras palavras eles apresentam a porção de um conjunto à qual queremos nos referir.”

Tratando da relação entre quantificadores e determinantes, Castilho (2008, p. 138) atesta que:

“Distinguem-se na literatura os quantificadores dos determinantes, que são classes de estatuto reconhecidamente incerto na teoria gramatical. Tem-se lembrado que há razões gramaticais para reunir sob a denominação de determinantes o artigo, o demonstrativo, o possessivo e os indefinidos, embora essas classes sejam diferentes do ponto de vista semântico. Todas essas classes integram os especificadores, como um dos constituintes do SN.

De acordo com a autora, são locuções prepositivas que integram a classe dos quantificadores as seguintes: *um pouco de*, *um tanto de*, *uma porção de*, *uma cacetada de* etc.

7.3.1 O que dizem os dados

Analisando dados coletados no *corpus do português*⁸⁷, observou-se que a construção Num N1 de Nsing2 (um quilo de farinha) consolida um novo sentido para *punhado*, que passa a assumir, com o tempo, um valor indeterminado. Esse novo sentido parece estar combinado com uma situação em que *um* passa a ser interpretado como artigo indefinido, licenciando o surgimento de uma outra construção – a saber, Art Indef N1 de Nsing2 (um pouco de farinha).

Há aí uma adequação entre o sentido de *punhado* e o sentido da construção binominal quantitativa, em que *punhado* se estabelece como quantidade imprecisa ao mesmo tempo em que a construção com artigo indefinido se estabiliza na língua.

⁸⁷ Disponível em: www.corpusdoportugues.org. Pesquisa realizada em 15/11/09.

Período	Instanciando ocorrência de um N1 de N2		Instanciando ocorrências de outras construções	
	Quantidade que cabe na mão	Quantidade imprecisa	Quantidade que cabe na mão	Quantidade Imprecisa
Sec. XVI	1	-	-	-
Sec. XVII	2	-	-	-
Sec. XVIII	1	0	-	-
Sec. XIX	23	49	17	-
Sec. XX	26	77	12	-

Tabela 11: o caso de punhado

Nessa tabela, pôde-se verificar que o sentido de punhado passou por uma progressiva mudança semântica, verificada comparativamente à sua ocorrência na construção *um N1 de Nsing2*. Mais especificamente, nos séculos XIX e XX o número de ocorrência da construção binominal quantitativa aumenta bastante, o que favorece o alargamento de sua função discursiva, ao ponto de licenciar uma nova construção com artigo indefinido em que *punhado* passar a ser interpretado como um quantificador indeterminado.

Os exemplos que se seguem procuram ilustrar melhor este fato.

- (122) E contos do Trancoso. 31 nunca elle permita que eu lha tire. E tomando **hum punhado de moedas de ouro**, em que aueria duzêtos mil reis lhos deu, dizendolhe. Yrmão esta pedra, ja que ma dais eu a quero, porê agora vou para fora do Reino, nam posso pagaruos tudo o que val. Tomay isto & se Deos me trou xer (Sec XVI)
- (123) **Um punhado de farinha** e um caranguejo nunca nos pode faltar no Brasil, e, enquanto lá houver algodão e tujucos, também não nos faltará de que fazer uma roupeta da Companhia: e esta é a resolução e desejos com que imos, todos, e confiamos na graça de Nosso Senhor, que nos há-de ajudar a perseverar neles. (Sec XVII)
- (124) Disse-lhe a Viuva, que não tinha mais que **hum punhado de farinha**, e uma pinga de azeite, e que isto, era muyto pouco para si, e seu filho. Instou o Profeta, e lhe disse, lhe fizesse hum paõ subciniricio dessa pouca farinha, que tinha, e tivesse a certeza, que nunca em sua casa lhe havia de faltar azeite, nem farinha. (Sec XVIII)

- (125) O mundo vai ver mais uma vez como é que um **punhado de homens** de bem atira com um pontapé um trono pelo ar ou como é que poucos homens de bem fazem dos seus cadáveres os alicerces da liberdade da sua pátria. 19 set. 1885 Está finalmente decretada a nova divisa do Império - escravidão ou morte. (Sec XIX)
- (126) Não se arrependia de nada. Os princípios eram feitos de palavras. A carreira de um homem é mais importante que **um punhado de sons ou sinais** de mera convenção. A vida de um ser humano é feita de sangue, de carne, de sentimentos profundos. Para o diabo os moralistas! (Sec XX)

Como se vê, nos séculos XVI, XVII e XVIII o sentido de *punhado* em *um punhado de N2* parece ainda manter alguma referência a uma quantidade que cabe na mão. Já nos dados do século XIX e XX, entende-se que, respectivamente, os exemplos 125 e 126 se referem a uma quantidade indeterminada de N2, sem fazer referência ao sentido inicial.

Um fator importante que parece convergir com a adoção dessa perspectiva é o fato de que, analisando o espalhamento de *um bocado de N*, ao longo das diferentes sincronias do português, desde o século XVI até o século XX, foi possível observar que, primeiramente, o sentido de *bocado* está mais frequentemente associado ao de uma porção que cabe na boca; em seguida, no caminho para o estabelecimento da construção *um N1 de Nsing2* na língua, usa-se com a ideia de uma porção qualquer, indicando uma quantidade pequena (ainda fazendo referência à quantidade que é possível comer de uma só vez). O item ainda sofrerá mudança semântica até que passa a compor, na construção *um N1 de Npl2* (a mesma de um monte de gente), o sentido de uma quantidade considerada grande. Esse sentido, entretanto, será retratado na próxima seção, em que é comentada a relação entre Art Indef N1 de Nsing2 (um pouco de coisa) e Art Indef N1 de Npl2 (um monte de coisas).

Fazendo uma varredura nos dicionários etimológicos da língua portuguesa, chegou-se a diferentes respostas sobre a origem de *bocado*. A mais recorrente dá conta de que o item significava porção que cabe na boca, conforme se pode verificar, comparando os trechos a seguir:

“Bocado: s.m. Pedaco de alimento; porção que cabe na bôca; um pouco de, etc. Part. pas. de bocar, apanhar com a bôca. Deriv. Bom-bocado, s.m., doce delicioso preparado com queijo ou côco; fazer em pequeninos, um pequenino de pão. Demorar-se um bocado: um pouco; ser um bocado bom, bonito: bastante bom, bastante belo.” (Bueno, 1968, p. 525)

“Bocado: s. de 'bocada'. 'Ato de apanhar com a boca; aquilo que se apanha com a boca” (Machado, 1967, p. 439).

“Bocado: De bôca e des. Ado; porção de comida que cabe na bôca. (Cfr o o esp. bocado, o it. bocata e, com outra metáfora, o fr. Marceau).” (Nascentes, 1955, p. 73)

“Bocado ou bocado: s.m. De bôca + ado. Porção de qualquer alimento ém que se pode meter na bôca de uma vez. 2. Porção que se tira com os dentes. 3. Pedaco ou porção de qualquer cousa. 4. Breve intervalo de tempo. 5. Parte do freio que entra na bôca do cavallo. 6. O mesmo que sustento 'Não tem quem lhe dê o bocado” (Freire, 1954, p. 1053)

“Bocado (bu-ká-): s.m. a porção de qualquer alimento que se pode meter na bôca de uma vez. Não quero comer bocado (Gil Vicente, o Velho da Horta). A porção que se tira com os dentes, dentada. Pedaco ou porção de qualquer coisa. Prato culinário, comida, petisco.” (Aulete, 1845, p. 328)

Analisando as acepções de *bocado* em diferentes dicionários etimológicos, é possível identificar que o verbete foi registrado como um pedaço ou porção relativamente pequena, a ponto de caber na boca. Também se observou a possibilidade de se entender o vocábulo como significando porção de qualquer coisa e com um sentido mais subjetivo de função adverbial – “um bocado bom”, “esperar um bocado”.

Percebe-se, assim, que *bocado* assume diferentes significados, entendendo que aquele que se refere a algo que cabe na boca é um dos mais antigos. Com esse sentido, *bocado* se configura como uma medida mais exata, passível de aparecer em construções com numeral, relacionando-se paradigmaticamente com ocorrências de outros numerais, como as que se seguem:

(127) Adivinhou (como eu lhe disse) que não tinha mais de meu que **três bocados de marmelada**; por isso me não trouxe os outros. Seu pai, certo, me deixou obrigadíssimo e lastimadíssimo; e isto será sempre que eu, como agora, veja que lhe faço lá alguma falta. (sec XVII)

(128) Mais. Mais val duro, que nenhum. Mais quer a cea, que toalha secca. Mais dias ha lingoiças. Mais quero para meus dentes, que para meus parentes. Mais val **dous bocados de vacca**, que sete de pata. Mais quero o velho, que me honre, que moço, que me assombre. Mais val ruim cavallo, que ter asno. Mais quero asno, que me leve, que

cavallo que me derrube. Mais val hum passaro na maõ, que dous que vaõ voando. Mais magro no mato, que gordo no papo do gato. Mais val hum bom amio, que parente, nem primo. Mais valem amigos na Praça, que dinheiro na arca. (sec XVIII)

(129) Depois levava umas tábuas a atravessar, umas duma maneira, outras doutras, assim cruzadas. E ao depois levava (..) dois barrotes - lhe chamavam eles; são **dois bocados de pau** - com uma diferença (..), vá, suponhamos de quinze centímetros, para cada lado, por um metro de comprido, conforme fosse (..) a largura (..) que aquele tabuleiro tem. (sec XX)

Ainda tratando do assunto, a mudança de sentido do vocábulo está aparentemente relacionada à sua inserção na construção binominal quantitativa. Isso pode ser mostrado com A tabela 12⁸⁸ a seguir, que traz as ocorrências de bocado com referência ao sentido de porção que cabe na boca em relação à quantidade de itens *bocado* que apareceram nos dados.⁸⁹

Corpus de Referencia	Ocorrências de bocado	Com referência ao sentido "porção que cabe na boca"
1500	31	24
1600	21	11
1700	38	20
1800	192	36
Total	282	91

Tabela 12: ocorrência de bocado com referencia ao sentido: porção que cabe na boca

Nessa tabela, é possível verificar que, nos primeiros séculos de uso do item *bocado*, ele ainda apresentava relação com a base (entendendo-o, conforme visto em sua etimologia, como resultado de um processo derivacional do tipo base + -ado ou, mais especificamente, boca + ado) e que, com o tempo, essa relação vai se perdendo e o sentido de bocado como quantidade inespecífica passa a prevalecer perante seu significado original.

⁸⁸ A foi feito a partir de dados do corpus disponível em www.corpusdoportugues.org.br.

⁸⁹ Ocorrências de bocado foram verificadas desde o século XIV, entretanto optou-se por registrar na tabela apenas as sincronias em que *um bocado de Nsing2* já figurava na língua.

A seguir, toma-se de modo ilustrativo um exemplo de *bocado* relacionado à base *boca*, em que o item não instancia uma construção binominal quantitativa:

- (130) E o bispo deue sse de chegar ao altar & quebrãtar o pan que foy ofereçudo a que chamã obradas & comûgar o poboo dellas dando a cada hûu seu **bocado** vïdo ordinhadamët hûu depos outro. (sec XIV)

Nesse mesmo raciocínio, a TABELA 13 (ocorrência da construção *um bocado de N* em relação a outras construções instanciadas por *bocado*), a seguir, aponta para o fato de que a construção *um bocado de Nsing2* só foi gerada com o decorrer do tempo.

Corpus de Referencia	Ocorrências de bocado	Ocorrência da construção "um bocado de SN"
1500	31	3
1600	21	2
1700	35	7
1800	151	64
Total	238	76

Tabela 13: ocorrência da construção *um bocado de N*.

Tendo em vista os resultados mostrados nesta tabela, entende-se que o sentido de *bocado* como quantidade pequena de algo foi se estabelecendo na língua à medida que a estrutura *um NI de Nsing2* passa a se consolidar como um pareamento de forma e sentido reconhecido pelos falantes do português. Em seguida, encontram-se os exemplos de *bocado* instanciando a construção *um NI de Nsing2*, retirados no corpus.

- (131) O Cubosama, vendo que era chegado o termino de sua vida, estando para jantar, mandou trazer o comer e a todos os senhores que estavam diante delle deo na palma da mão com os faxis **hum bocado de arroz** como sacana, e a cada hum por sy o sacazzuqui dizendo-lhes palavras de muito amor com que os fez prorromper em muitas lagrimas e soluços. (sec XVI)
- (132) Em todos estes trinta anos nao pôs pé em chao e tao pouco em muitos deles nao comeu

cois*a alguma tirando **um bocado de pao molhado** ou parte de uma maça assada ou tamara. (Sec XVII)

(133) Por fim (tenha Vossa Mercê mais **um bocado de paciência**) quero fazer uma comparação, ou para melhor dizer, um cotejo da habilidade dos italianos com a nossa para instrumentos. eles dizem que os portugueses em matéria de tocar instrumentos (como em tudo o mais) lhes falta absolutamente o génio, e são incapazes de tomarem doutrina, e o bom-gôsto da música, por mais que ouçam e aprendam. (sec XVIII)

(134) Sòmente falando em Portugal de um livro português, acha que lhe fica bem um laivo de patriotismo. **Um bocado de patriotismo** fica bem, ça pose: dá seriedade, agrada aos homens graves e a certos jornais; dá garantias de zelo pela coisa pública, atrai a simpatia do professorado e torna-se assim um instrumento de vida. (Sec XIX)

(135) Tem que dormir lá, fazia uma cama debaixo do chaparro com **um bocado de mato**. INQ2 Uma cama, chamava-se isso? INF Pois. Sim, isso faziam ali a cama debaixo com uma mão-cheia de mato, estendiam a manta e dormiam. INQ2 Mas, por cima, não punham nada? INF Não, por cima nada. Era só a manta deles, a cobertura. (Sec XX)

Tomando a tabela anterior, percebe-se que a construção binominal quantitativa está associada ao entendimento de *bocado* como uma quantidade indeterminada, o que o torna impossibilitado de ser quantificado por um numeral. De fato, as mudanças por que passam os itens e os padrões construcionais funcionam como mais um argumento para o estabelecimento de laços de herança entre construções.

Neste caso, especificamente, a relação entre Num N1 de Nsing2 (um quilo de farinha) e Art Indef N1 de Nsing2 (um pouco de pão) foi motivada por conta da polissemia de *um*, que se estendeu aos diferentes usos desse elemento, inclusive a respeito de sua presença em construções binominais quantitativas. Em outras palavras, acredita-se que a polissemia desse item funciona como um gatilho para a reinterpretação da construção como um todo e para o licenciamento de novos usos, que passam a preencher intenções comunicativas que a construção Num N1 de Nsing2 já não dá conta.

A mudança da construção com numeral para a de artigo indefinido é uma mudança, como se viu, de caráter metafórico (em que o domínio da qualidade é mapeado no domínio da

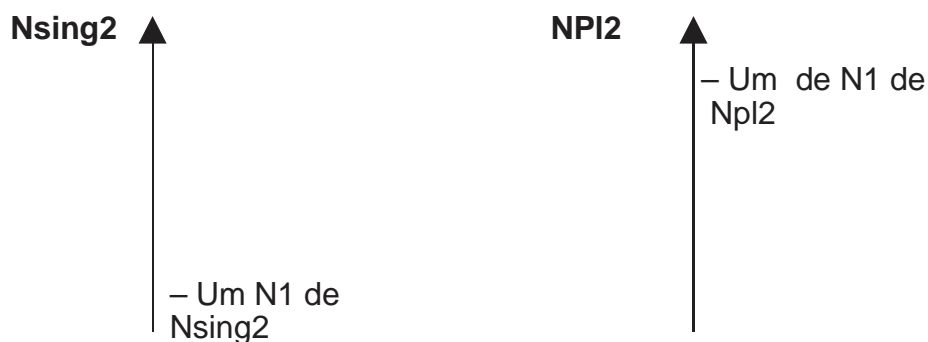
quantidade), que dá base à polissemia que permite um padrão licenciar outro – no caso, que permite que da construção Art Indef N1 de Nsing2 possa ser inferida a função associada a Num N1 de Nsing2.

Mais uma vez, acredita-se estar tratando de uma relação metafórica entre construções sintaticamente semelhantes, mas que apresentam diferenças semântico-pragmáticas. Entende-se que a descrição pode ser compreendida a partir de um dos pressupostos básicos que envolvem a gramática das construções, como já mencionado para a relação interconstrucional descrita na seção anterior. Dessa forma, tem-se em vista que:

- Se uma nova construção é formada por propósitos comunicativos, ou seja, quando há intenção de se veicular um sentido novo, não contemplado por nenhuma construção já existente na língua, haverá a necessidade de se criar um novo padrão sintático, em que essa especificidade semântico-pragmática seja realizada. No caso, a passagem da construção com numeral para a construção com artigo indefinida é tomada dentro dessa perspectiva, uma vez que a avaliação subjetiva começa a formar-se dentro de uma nova configuração sintática.

7.4 A RELAÇÃO ENTRE *ART INDEF N1 DE NSING2* E *ART INDEF N1 DE NPL2*

A relação entre construções com artigo indefinido pode ser entendida como uma mudança do ponto tomado como foco na escala das avaliações subjetivas acerca da quantidade expressa em N2. Em Art Indef N1 de Nsing2, o ponto mais proeminente encontra-se em um nível baixo da escala e em Art Indef N1 de N2, o ponto se desloca para um nível mais alto da escala, conforme se pode ver a seguir:



Esquema 11 – relação entre Art Indef N1 de Nsing2 e Art Indef N1 de Npl2

Nesses esquemas (que ilustram a associação, respectivamente, dos processos de extração de porção e do de multiplexização associados à avaliação subjetiva do falante acerca de determinada quantidade), pode-se verificar que a polissemia entre essas duas construções se encontra na mudança de foco e, conseqüentemente, no grau de avaliação que é dada à quantidade de N2. Essa mudança tem relação com o processo de extração de porção envolvido em Art Indef N1 de Nsing2 (um pouco de queijo) e com o processo de multiplexização associado a Art Indef N1 de N2 (um monte de pessoas).

Novamente, trata-se de uma relação de polissemia entre construções sintaticamente semelhantes, mas com diferenças semântico-pragmáticas. Diferentemente do que ocorreu com os demais casos descritos, pode-se compreender a herança polissêmica entre as construções, especialmente a partir de dois pressupostos básicos que envolvem a gramática das construções. Sendo assim, constata-se que:

- Segundo o princípio da motivação maximizada, o surgimento de uma nova construção na língua está condicionado ao surgimento de uma motivação semântico-pragmática nova. No caso de Art Indef N1 de Nsing2 e Art Indef N1 de Npl2, isso é percebido pelo fato de que a segunda cumpre uma função (a de graduar em alto grau elementos da língua) que a primeira não é capaz de cumprir.

7.4.1. O que dizem os dados

Com relação ao que foi observado na apreciação dos dados disponíveis no corpus, entende-se que, com o passar do tempo, a proporção de Art Indef N1 de N2 em relação a Art Indef N1 de Nsig2 foi aumentando, caracterizando sua estabilização como uma construção da gramática do português.

Período	Instanciando ocorrência de um N1 de N2		Instanciando ocorrências de outras construções	
	Quantidade pequena	Quantidade grande	Quantidade pequena	Quantidade grande
Sec. XVI	1	-	-	-
Sec. XVII	2	-	-	-
Sec. XVIII	1	-	-	-
Sec. XIX	47	-	-	-
Sec. XX	6	-	-	-

Tabela 14: o caso punhado (com artigo indefinido)

- (136) E contos do Trancoso. 31 nunca elle permita que eu lha tire. E tomando **hum punhado de moedas de ouro**, em que aueria duzêtos mil reis lhos deu, dizendolhe. Yrmão esta pedra, ja que ma dais eu a quero, porë agora vou para fora do Reino, nam posso pagaruos tudo o que val. Tomay isto & se Deos me trou xer, eu vola acabarey de pagar, quanto em my for. (sec XVI)
- (137) Perguntem a El-Rei Josafat e a El-Rei Acab, com as forças de dois tão poderosos reinos unidos, porque não conquistaram a Ramoth? Perguntem a Benedad, rei de Síria, e aos trinta e dois reis que o acompanhavam, porque uma e outra vez não conquistaram Samaria, sendo tanto o número de seus soldados, que com **um punhado de terra** que cada um lançasse sobre ela (como eles diziam) a podiam sepultar? (sec XVII)
- (138) Disse-lhe a Viuva, que não tinha mais que hum **punhado de farinha**, e uma pinga de azeite, e que isto, era muyto pouco para si, e seu filho. Instou o Profeta, e lhe disse, lhe fizesse hum paõ subciniricio dessa pouca farinha, que tinha, e tivesse a certeza, que nunca em sua casa lhe havia de faltar azeite, nem farinha. (sec XVIII)
- (139) O gigante voltou furioso, fazendo vinte léguas por segundo. Avistou finalmente os fugitivos; mas, quando ia pegá-los, Clandira atirou para trás **um punhado de cinza**. Formou-se uma neblina muito densa, que Ragarrão não pôde atravessar. Voltou para casa, e desistiu da idéia de os agarrar. (sec XIX)
- (140) A paciência nada mais é do que uma estratégia, quanto mais madura, tende a desabrochar eficazmente. **Um punhado de idéias** se lhe turbam a mente. Lembra ter lido, durante quase dez noites seguidas, Maquiavel. Afinal, qual era a mensagem do Príncipe: a astúcia do poder copulando com o querer? (sec XX)

Como se pode notar, nos séculos XVI, XVII e XVIII aparece exemplo de um punhado de NpI2. Já no exemplo do século XX, percebe-se que passa a ocorrer na língua a instância um punhado de N2, em que se faz uma avaliação em alto grau acerca da quantidade referida por N2 (exemplo 140). Essa posterioridade em termos da análise diacrônica dos dados funciona

como um argumento a mais para o entendimento do laço de herança existente entre um punhado de Nsing2 e um punhado de N2.

Ratificando a proposta, tem-se, ainda, que a mesma mudança diacrônica pode ser vista para as ocorrências de um bocado de Nsing2/N2.

Período	Instanciando ocorrência de um N1 de N2		Instanciando ocorrências de outras construções	
	Quantidade pequena	Quantidade grande	Quantidade pequena	Quantidade grande
Sec. XVI	3	-	-	-
Sec. XVII	-	-	-	-
Sec. XVIII	4	-	-	-
Sec. XIX	49	-	-	-
Sec. XX	80	54	-	-

Tabela 15: caso de bocado

- (141) Tinhã também hã porcelana muito pequena dourada, que leva **hũ bocado de vinho**, e soõ pera isto ha servidor aa mesa: bebẽ tam pouco porque a cada bocado de comer ha de ir bocado de beber e por isso he tam pequena ha vasilha. (sec XVI)
- (142) Quem gosta disso, e de pinturas, e de estátuas, e de pedras preciosas, e de grandes edifícios não se pode sair de Roma. Que por mim também nunca daqui sairia se tivera com que comera **um bocado de pão**, não por gostar de grandezas, mas pelas comodidades que vejo aqui para levar vida regalada, e descansada. (sec XVIII)
- (143) não! foi unicamente o despeito! foi o delírio, o desespero de um coração repudiado! - Sim, sim! Tudo aquilo sucedera, porque ela o repelira; porque ela, a imprudente, fechara-lhe os braços, quando o desgraçado, louco de paixão, lhe suplicava por tudo **um bocado de amor**, um pouco de caridade.. Antes tivesse cedido.. (sec XIX)
- (144) Poxa, quem quisesse contratar o meu estúdio seria possível também. Aí, a gente contratou um monte de desenhistas e eu coordenava, ajeitava, mandava por fax. Foi uma loucura, mas a gente atendeu todo mundo. Rob Liefeld se aproveitou disso e começou a colocar meu nome em **um bocado de revista** em que eu não tinha feito nada. (Sec XX)

A análise de um bocado de Nsing2/N2 ratifica os resultados anteriores, relativos a *um punhado de Nsing2/ N2*, bem como se mostra como um argumento para a descrição da herança entre construções, uma vez que se percebe que a construção *um bocado de Npl2* (um

bocado de ideias, em que se considera uma quantidade grande de ideias) só aparece no corpus no século XX.

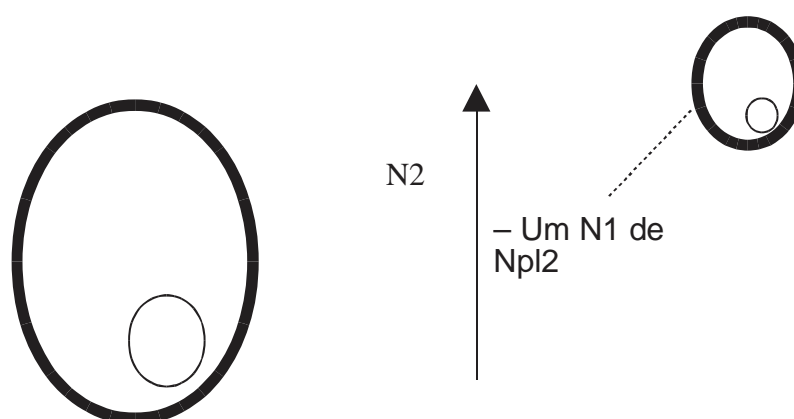
Os exemplos de 141 a 144 constituem casos de um bocado de Nsing2, e o exemplo 144, ao final, trata-se de uma ocorrência de um bocado de N2, em que a avaliação da quantidade expressa por N2 é tomada em algo grau na escala.

7.5 A RELAÇÃO ENTRE NUM N1 DE N2 E ART INDEF N1 DE N2

A última relação de herança observada entre as construções tomadas como escopo da presente pesquisa é aquela que existe entre Num N1 de Npl2 e Art Indef N1 de Npl2. Credita-se a isso o fato de que a construção com numeral funciona como multiplexizadora, entendendo a quantificação como estruturando uma relação parte-todo, com foco no todo expresso por N1. Nesse caso, N1 passa a ideia de um conjunto fechado, delimitado.

A proposta da pesquisa é a de que, uma vez entendido N1 como grupo delimitado em uma construção com numeral, passa-se a entendê-lo como uma quantidade indeterminada, porém grande, em uma construção com artigo indefinido. De fato, nomes como *porção*, *monte*, *dezena*, *milhão*, *número*, entre outros, deixam de ser entendidos como uma quantidade estabelecida e passam a funcionar como um multiplicador mais exagerado de N2.

Essa multiplicação exagerada está diretamente relacionada à passagem do domínio das avaliações quantitativas para o domínio das avaliações qualitativas, já mencionado anteriormente.



Esquema 12 : Relação entre Num N1 de Npl2 e Art Indef N1 de Npl2

O caso retratado nesta seção trata-se da polissemia entre duas construções sintaticamente semelhantes, mas semântica e pragmaticamente diferentes. Conforme já visto,

pode-se compreender essa relação interconstrucional, de modo que:

- v) A partir do princípio da motivação maximizada, entende-se que o processo de multiplexização aparece em ambas as construções, na medida em que Art Indef N1 de N2 é motivada por Num N1 de N2.

7.5.1 O que dizem os dados

De acordo com os dados coletados no corpus, foi possível encontrar exemplos interessantes que parecem convergir para o entendimento da relação interconstrucional descrita.

Período	Construção com numeral	Construção com artigo indefinido
Século XVIII	1	-
Século XIX	5	96
Século XX	10	136

Tabela 16: Dados de porção

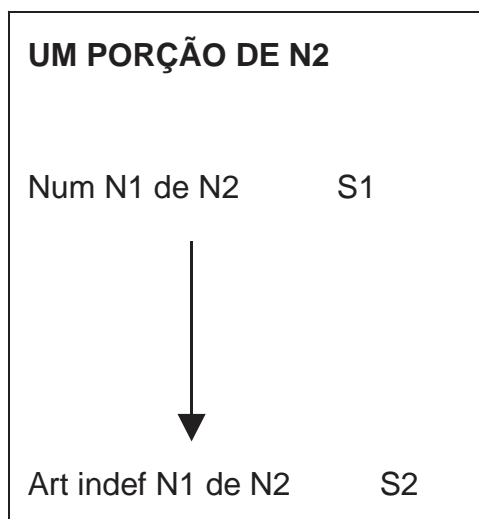
Alguns dos exemplos de *uma porção de N2* referindo-se a grande número encontrados nos dados aparece em seguida.

- (145) Assim, que era preciso tornar a escrever cada uma seu nome e idade de novo e por não lhes retardar mais o conhecimento, por que era precisa aquela circunstancia, lhes declarou que toda a operação se reduzia a que a mais velha entre todas havia de se queimar viva e tomando as outras pela boca **uma porção de suas cinzas**, todas se remoçariam. (sec XVIII)
- (146) E senão vejam-no desta vez esgotar a tigela avolumada de substancial caldo de abóbora, aviar a formidável posta de carne cozida, com presunto, acompanhando-a com o indispensável arroz, salada de alface e azeitonas; atacar, com igual denodo, **uma porção de roast-beef**, não revendo sangue sob a faca, à moda inglesa, (sec XIX)
- (147) A mesa estava posta com dois talheres, o que intrigava em excesso o príncipe, ao ponto de se julgar no inferno. A sua admiração chegou ao auge, quando, a um sinal dado, viu **uma porção de gatos**, de diversas raças e cores, entrar cada um com um instrumento e seguidos de um gato de óculos, com um rolo de papel debaixo do braço. (sec XIX)

- (148) A medida não atinge o prazo de recolhimento de o imposto de os estabelecimentos varejistas indicados em o decreto n. ° 36.483, de 3 de fevereiro de 1993, cuja atualização fará- se- a partir de os dias ali referidos. nbr-fol-4597## O cliente mal senta e pode surgir **uma porção de frios**, que se soma a a conta. (sec XX)
- (149) O Oscarito, então, comprou **uma porção de bolas de borracha**, cortou gomos das bolas até achar um determinado tamanho e pôs por dentro da boca. Assim, ele inchou a lateral do rosto e ficou tão parecido com o Dutra que ele entrava no palco no Teatro Recreio e não podia falar porque estava todo inchado com as bolas, mas o público levantava e aplaudia 10, 15 minutos. E esse era o Oscarito de quem eu tenho uma saude muito grande. (sec XX)

O caso de *porção*, por exemplo, observou-se que *uma porção de N*, por exemplo, funcionava de início analogamente a *duas porções de N* ou *três porções de N*, mas depois, deixou de significar “um conjunto determinado de N2” para passar a significar “uma quantidade indeterminada (grande) de N2” (respectivamente, os exemplos 148 e 149, referentes a dados dos séculos XIX e XX). Nesse caso, também é interessante comentar a origem do termo *porção*, que, em latim, veiculava sentido de *portione*, parte, porção, proporção, relação (Machado, 1997), o qual está aparentemente mais ligado a construções com numeral, tal como *Num N1 de Nsing2* (um quilo de farinha).

Conforme já comentado no início do trabalho, é interessante observar que a reanálise de N1 ratifica a hipótese de que as relações descritas nesta tese se dão em um contexto específico de ambiguidade envolvendo uma instância especial da construção mais geral Num N1 de N2 – aquela em que o elemento determinante está no singular (no caso, no feminino singular – uma) e em que N1 passa a receber leitura de quantidade menos determinada.

Esquema 13: trajetória de *UMA PORÇÃO DE N2*

É importante dizer que o exemplo *uma porção de N* não está sendo entendido como uma instância primeira que gerou o padrão em si, mas que, a partir de uma instância qualquer de Num N1 de N2 que preencha os pré-requisitos do tipo *determinante no singular mais N1 com possibilidades de apresentar leitura imprecisa a partir de um contexto específico*. Defende-se que a reanálise ocorra no nível micro-construcional, ou seja, a partir de generalizações em torno de determinada(s) instância(s) que levam ao surgimento de uma nova estrutura que, por sua vez, licenciaria paradigmaticamente novas instanciações.

No inglês, pode-se observar, inclusive, formas como *a lotta* que se original de quantificadores como *a lot of*, os quais, por sua vez, já se apresentaram como instâncias de uma construção mais aberta, em que *lot* podia ter ainda seu sentido de *lote* recuperado

(150) *a lot of* (no sentido de *um lote de*)

(151) *a lot of* (no sentido de *muito*, resultado de decategorização, desbotamento semântico, extensão em relação ao exemplo anterior)

(152) *a lotta* (no sentido de *muito*, em grau maior de gramaticalização, sofrendo, a mais, erosão em relação ao exemplo anterior)

7.6 SINTETIZANDO O QUE FOI VISTO

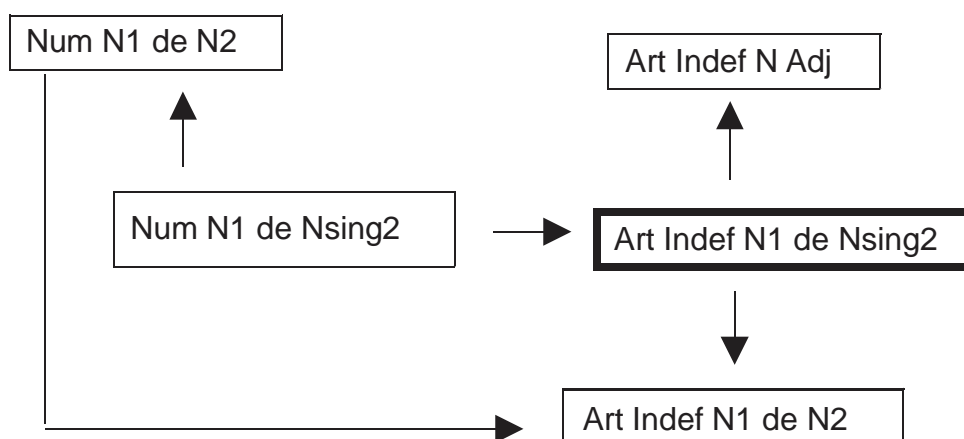
De acordo com as relações de herança descritas nas seções anteriores, é possível

entender que a polissemia e metáfora são os laços que aparecem na avaliação da herança existentes entre os pares de construções estudados, entendendo-os como sintaticamente semelhantes e semanticamente distintos. Por princípio, encontram-se então, para justificar o fato de serem construções distintas, semelhanças (referente ao grua em que uma motiva a outra) e diferenças (na medida em que preenchem funções discursivas distintas), como se vê a seguir:

- i. No que tange a relação entre Num N1 de Nsing2 e Num N1 de Npl2, entende-se que a diferença está na proeminência dada a um dos elementos da relação parte-todo. Estritamente, o foco se coloca sobre a parte em Num N1 de Nsing2 e no todo, em Num N1 de n2.
- ii. Acerca da relação entre Num N1 de Nsing2/Npl2 e Art Indef N1 de Nsing2/ Npl2, tem-se que há aí uma passagem do domínio quantitativo para o domínio das avaliações mais subjetivas, de grau.
- iii. Sobre a relação entre Art Indef N1 de Nsing2 e Art Indef N1 de N2, entende-se que há uma mudança no ponto da escala focalizado, uma vez que ambas as construções estão associadas a um processo subjetivo, em que o falante avalia a quantidade referida por N2. A construção é, assim polissêmica e prevê-se que o sentido de Art Indef N1 de Nsing2 tenha surgido anteriormente ao de Art Indef N1 de N2.

8 AMPLIAÇÃO DA REDE DE CONSTRUÇÕES

A seguir, encontra-se a figura referente à rede que se pretende postular como aquela da qual participam as estruturas binominais quantitativas do tipo um N1 de N2. O esquema procura representar as relações entre as construções, especificando o padrão que se relaciona diretamente à construção de modificação adjetival – a saber, Art Indef N1 de N2.



Esquema 14 – a rede construcional

A relação de herança entre a construção **Art Indef N1 de Nsing2** e **Art Indef N Adj** se baseia no fato de que: i) o sentido é compreendido dentro do domínio das avaliações qualitativas; ii) a construção não expressa uma relação parte-todo; iii) o ponto da escala focalizado é baixo.

Para explorar a semântica da construção de modificação adjetival, toma-se o texto de Ducrot (1972), que trata de questões análogas a essa. O texto, no original, faz afirmativas a respeito da oposição *peu* e *un peu*; suas considerações, porém, aplicam-se satisfatoriamente aos dados do português, como já se observou em estudo anterior (ALONSO, 2009). Sendo assim, optou-se por expor as opiniões do autor, considerando que *peu* teria função análoga a de *pouco*, segundo exemplos coletados, e que, por conseguinte, *un peu* funcionaria analogamente a *um pouco*, também com base dos dados de língua portuguesa analisados. Em sequência, onde se lia *peu* e *un peu* no original, lê-se *pouco* e *um pouco* no presente texto; ademais, as sentenças também foram traduzidas para exemplos em português, meramente por questões didáticas.

Prosseguindo, de acordo com o autor, *pouco* evoca uma pressuposição negativa, como se pode constatar em *Ela é pouco criativa*, no sentido de que ela quase não é criativa ou em

Ele bebeu pouco hoje, no sentido que ele quase não bebeu. Em contrapartida, em *Ela é um pouco criativa*, a expressão *um pouco* evocaria uma pressuposição positiva de que ela é criativa, assim como em *Ele bebeu um pouco hoje* haveria uma pressuposição positiva em relação a beber.

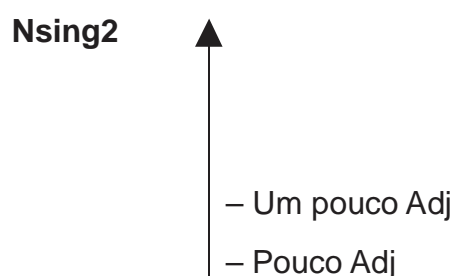
Para tratar do assunto, colocam-se os exemplos a seguir:

(153) Ele está um pouco triste.

(154) Ele está pouco triste

Comparando-se as duas construções em 153 e 154, respectivamente, é possível dizer que, em 153, ele ainda aparenta algum grau de tristezas e, em 154, ele aparenta quase não estar triste ou ainda aparenta menos tristeza do que o esperado – esse sentido parece convergir com o valor histórico de *pouco* como perda/ ausência, que aparece descrito em Ernout e Meillet (1951). Haveria então, a mais, nas construções com *pouco*, além de uma função quantificadora, uma estrutura sintática que ativa pressuposição positiva em relação a uma outra, que ativaria pressuposição negativa.

O esquema a seguir, procura estabelecer essa distinção, na escala da quantidade, do sentido de *pouco* e um *pouco*:

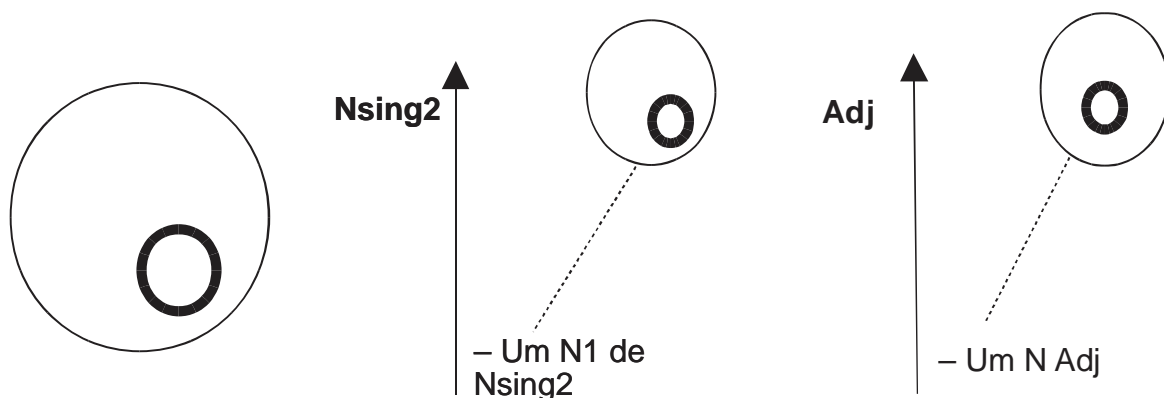


Esquema 15: pouco Adj e um pouco Adj

Nesse esquema, como se vê, *pouco* parece estar avaliado em um nível mais baixo da escala, próximo ao zero, enquanto *um pouco*, aparece logo acima. De fato, entende-se que o licenciamento da construção *um pouco adj* está diretamente relacionado ao fato de que ela herda da construção Art Indef N1 de Nsing2 a noção de escalarização em um nível baixo na sentença e, junto, a ideia de que pelo menos uma parte do todo deve ser considerada (o que mais tarde iria ativar a pressuposição positiva comentada). A relação parte-todo continua, a

substituição do SP pelo SAdj parece estar ligada ao entendimento de *quantidade* como *qualidade* e com a metáfora ESTADOS SÃO LOCAIS (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Dessa forma, um local na escala marcado por Nsing2 pode ser mapeado em um estado em outra escala marcado por Adj.

O esquema que se seguem procuram dar conta dessa mudança gradual, que foi sendo construída ao longo dos séculos, no português.



A) Num N1 de Nsing2

B) Art Indef N1 de Nsing2

C) Art Indef N1 Adj

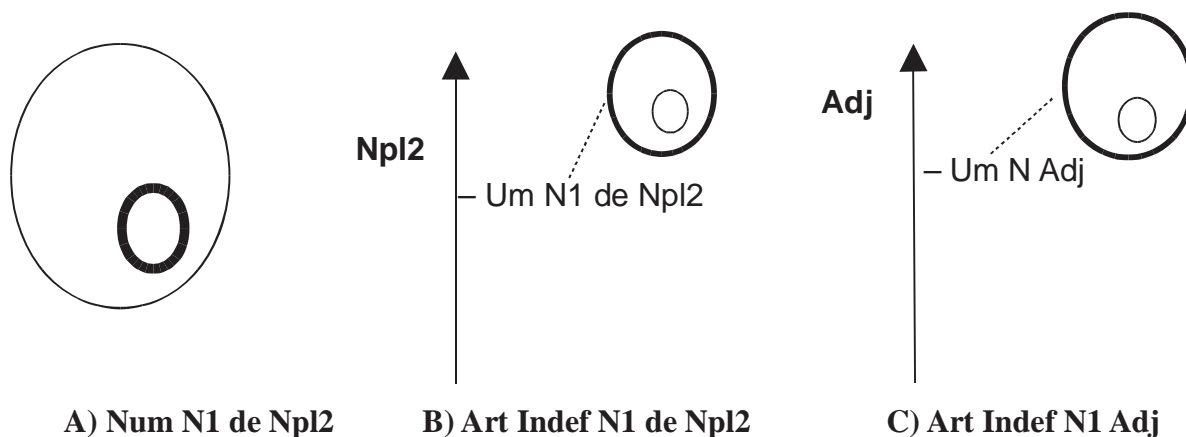
Esquema 16: construção de modificação de grau (extração de porção)

Tomando por base a análise do esquema 16, observam-se as etapas em termos de herança entre construções e o consequente licenciamento de novos padrões construcionais, entendendo A e B como construções sintaticamente semelhantes mas semântica e pragmaticamente distintas, em função de urgências expressivas.

Com isso, conclui-se que:

1. A construção B foi motivada pela construção A, herdando dela a relação parte-todo, com foco na parte e se diferenciando dela metaforicamente (um quilo de farinha e um pouco de farinha).
2. A construção C foi motivada por B, herdando dela a escalarização de uma quantidade em um nível baixo na avaliação subjetiva e a relação parte-todo. Essa relação pode ser explicada pela metáfora ESTADOS SÃO LOCAIS, em que nomes são entendidos como referentes no espaço cognitivo.

Analogamente a esse processo, também a construção de modificação adjetival pode ocorrer quando o falante considera o estado descrito por N2 em alto grau na escala avaliativa. Em casos como esse, a construção de modificação adjetival não mais é gerada a partir da construção de avaliação subjetiva associada ao processo de extração de porção. Ao contrário, são construções vinculadas à multiplexização que a licenciam. O esquema anterior, então, se modificaria para atingir a seguinte formatação.



Esquema 17 – construção de modificação de grau (multiplexização)

Com a apreciação do esquema que se segue, conclui-se que:

1. A construção B foi motivada pela construção A, herdando dela a relação parte-todo, com foco no todo e se diferenciando dela metaforicamente.
2. A construção C foi motivada por B, herdando dela a escalarização de uma quantidade em um nível alto na avaliação subjetiva e a relação parte-todo. Novamente, essa relação pode ser explicada pela metáfora ESTADOS SÃO LOCAIS, em que nomes são entendidos como referentes no espaço cognitivo

8.1. O QUE DIZEM OS DADOS

Na análise dos dados do corpus do português, observou-se que a construção um bocado Adj surge na língua a partir do século XVIII. O número de ocorrências dessa construção cresce com o passar do tempo, entendendo-se, com isso, que esse padrão se consolida mais recentemente.

O resultado da apreciação do corpus encontra-se na tabela, a seguir:

Período	Ocorrências de <i>Um bocado Adj</i>
Século XVIII	1 (0,447 %)
Século XIX	10 (0,999 %)
Século XX	73 (3,51 %)

Tabela 17: um bocado Adj⁹⁰

Com essa tabela, entende-se que a construção um bocado Nsing2/N2 vai se consolidando na língua ao longo do tempo, uma vez que o século XVIII só apresenta um único exemplo, em comparação com os séculos XIX (com 10 exemplos) e o século XX (com 73 exemplos).

Em seguida, apresentam-se os exemplos de um bocado Adj nos três séculos referidos na tabela anterior.

(155) Vai o arco a um tempo, e os dedos a outro? Importa-lhe pouco, adiante. Está a prima **um bocado baixa**, e a terceira meio ponto acima. Deixá-las estar na paz de Deus. eles mesmos fazem a acção de temperar passando o arco pelas cordas, duas ou três vezes (sec XVIII)

(156) Mandei-a vir pelo Strauss.. Benefícios da epidemia. - Como podes tu suportar isso? - É **um bocado pesada**, mas tenho andado constipado. Tornou a recostar-se no sofá, adiantando o sapato de verniz muito bicudo, e, de monóculo no olho, examinou o gabinete. - E tu que fazes? conta-me lá.. Tens isto esplêndido! (sec XIX)

(157) quando você não come em casa onde você costuma comer e o que você costuma comer? isso aí é **um bocado difícil** de responder viu? - porque eu detesto comer comidas - - de restaurante assim muito preparadas muilo cheia de molho muito cheia de coisa (Sec XX)

O mesmo resultado é obtido com instâncias de um pouco Adj, como se vê na tabela a seguir. Entretanto, vale lembrar que a construção um pouco Adj ocorre antes na língua, no século XVI com referência a uma avaliação de baixo grau na escala. A construção de modificação adjetiva consolida-se, como se vê, nos séculos XIX e XX.

⁹⁰ A percentagem foi feita, em relação ao total de palavras contidas no corpus, para cada período. Por isso, o número percentual baixo.

Período	Ocorrências de <i>Um pouco Adj</i>
Século XVI	1 (0, 22%)
Século XIX	177 (17,6%)
Século XX	259 (12,5 %)

Tabela 18: um bocado Adj (multiplexização)

A seguir, apresentam-se alguns exemplos dessa construção, para ilustrar os dados colhidos no corpus, o qual deu base para a presente análise. Também com relação a esses exemplos, a avaliação com baixo grau na escala apresenta sua primeira ocorrência no século XVI.

(158) E depois que leu a carta que lhe elle trouxe do Nautoquim, & lhe preguntar por algumas nouas particulares de sua filha, lhe disse que me chamasse, porque a este tempo estaua **hum pouco afastado** atras. (sec XVI)

(159) A virtuosa senhora, ouvindo a pergunta do marido feita à mãe de Irene e Inês, sorriu-se e disse: - Sou mãe, meu amigo; as mães vêem mais e adivinham antes dos pais tudo quanto se refere aos filhos; sou mãe que vê mais e que adivinha antes de ti o que mais tarde me escondes para poupar-me cuidados. Jerônimo ficou **um pouco confuso**. - Respondo pelas meninas, repetiu a piedosa e digna senhora; e vou mandar preparar o gabinete. (sec XVIII)

(160) Junto da porta m Pequeno armário com sólidos geométricos, vasilhas e pesos. As duas janelas davam para o norte e as duas #31 pouco mais de trinta anos, era alta, **um pouco forte** mas de uma grande simpatia, delicada e afável. (sec XX)

Assim, de acordo com o que se observou, chega-se ao objetivo final da tese, em que se mostra que há, de fato, uma relação de herança metafórica (ESTADOS SÃO LOCAIS) entre construções binominais quantitativas e construções de modificação de grau. Mais especificamente, conclui-se que as construções *Art Indef NI de Nsing2* (um pouco de farinha) e *Art Indef NI de Npl2* (um monte de gente) podem gerar o padrão *um N Adj* (um

pouco triste). No caso da primeira (*Art Indef N1 de Nsing2*), entende-se uma forte ligação entre a idéia de extração de porção e a pressuposição positiva. No caso da segunda, há a relação entre o processo de multiplexização e o grau em que o adjetivo é modificado.

9 CONCLUSÃO

Tendo em vista tudo o que foi dito anteriormente, entende-se que há quatro padrões envolvendo a estrutura *um N1 de N2*, dois em que o item *um* é numeral e outros dois em que o item *um* é artigo indefinido, a saber *Num N1 de Nsing2* (um quilo de farinha), *Num N1 de Npl2* (um grupo de pessoas), *Art Indef N1 de Nsing2* (um pouco de comida) e *Art Indef N1 de Npl2* (um monte de crianças).

A diferenciação entre esses dois tipos (com numeral e com artigo indefinido) foi importante, porque aquelas construções que se constituem com o numeral diferenciam-se das constituídas com artigo indefinido, em termos do grau de subjetividade/ objetividade que apresentam – as duas primeiras se mostram mais objetivas, no sentido de se tratarem de quantidades mais determinadas, passíveis de verificação empírica; as outras duas se mostram mais subjetivas, tendo em vista que indicam a avaliação do sujeito acerca de uma determinada quantidade.

Acompanhando os graus distintos de subjetividade das construções, parece também que as estruturas com artigo indefinido são mais entrincheiradas do que as com numeral, no sentido de que apresentam um grau maior de idiomaticidade. Esse fato foi demonstrado por conta de que é possível se ter reduções do tipo *Tomei um litro de leite/ Tomei um*, mas não é possível se ter *Tomei um pouco de leite/ *Tomei um* – entendendo que a primeira faz parte de uma estrutura com numeral e a segunda, com artigo indefinido.

A diferenciação entre os padrões, entretanto, não se restringe apenas ao grau de subjetividade/gramaticalização das construções com numeral e com artigo indefinido. Observou-se que diferentes processos cognitivos se encontram na base de cada uma das construções analisadas. Tendo isso em vista, conclui-se que:

1. a construção *Num N1 de Nsing2* (em que *um* é numeral, *N1* exprime quantidade específica e *N2*, tomado como incontável ou contínuo tende a aparecer no singular) está diretamente relacionada ao processo de extração de porção, em que a parte é perfilada, no sentido de que divide *N2* em unidades discretas;
2. a construção *Num N1 de Npl2* (em que *um* é numeral, *N1* exprime quantidade específica e *N2*, tomado como contável ou discreto, tende a aparecer no plural), se relaciona diretamente ao processo de multiplexização, em que o todo é perfilado, no sentido de que agrupa *N2* dentro de um grupo;
3. a construção *Art Indef N1 de Nsing2* (em que *um* é artigo indefinido, *N1* exprime

quantidade indeterminada e *N2*, tomado como incontável ou contínuo, tende a aparecer no singular) refere-se ao processo de extração de unidade ou porção associado à avaliação subjetiva do falante a respeito da quantidade referida por *N2*;

4. a construção *Art Indef N1 de Npl2* (em que *um* é artigo indefinido (que pode ser substituído por *uma*), *N1* exprime quantidade indeterminada e *N2*, tomado como contável ou discreto, tende a ser pluralizado) está relacionada ao processo de multiplexização associado à avaliação subjetiva do falante a respeito da quantidade referida por *N2*.

Levando em conta o que foi dito, ressalta-se ainda que o processo de extração de porção assume uma função básica na língua, que se relaciona à ideia contabilizar um referente tomado como incontável (na interseção com o processo de estado de divisão) ou discreto (na interseção com o processo de estado de delimitação). Sendo assim, entende-se que, em *um grão de areia*, por exemplo, *grão* se mostra como um modo de quantificar *areia* e, no caso de *um copo de vinho*, por exemplo, *copo* delimita uma quantidade de *vinho*.

No caso do processo de multiplexização, uma entidade pode ser multiplicada em termos da sua referência, formando um todo coeso. Assim, em *um grupo de pessoas*, por exemplo, entende-se que se forma um conjunto a partir da multiplicação da entidade – pessoa. Assim, a multiplexidade atualiza a referência, em termos de unidades discretas.

Aliado a esses processos, encontrou-se o mecanismo do desacordo, em que se observa que o sentido do item, quando não naturalmente compatível com o da construção, adapta-se a ele. Foram vistos dois tipos de adaptação (explícita e implícita) e se pôde perceber que ambos são importantes para a descrição da dimensão cognitiva que está mapeada nas construções vistas.

Ademais, associado a esses processos, há (nas construções com artigo indefinido) a avaliação subjetiva do falante, que opina em termos de grau a quantidade expressa em *N2*. Essa opinião marca a passagem das construções com numeral para as construções com artigo indefinido, entendendo-as como dispostas em uma rede.

Sobre o modo como as construções se relacionam, ficou entendido que elas estão dispostas em uma rede organizada por semelhança de familiaridade, em que não há uma construção central à qual todas as demais estão diretamente vinculadas. Sobre isso, tem-se ainda que as relações de herança por metáfora e por polissemia são aquelas que suportam a descrição da rede. Procurou-se suportar a postulação dos laços de herança por meio de análises diacrônicas do português, o que, acredita-se, tenha funcionado como um argumento a mais para tratar do assunto, considerando a estreita relação entre gramática e discurso.

Por fim, postulou-se diacronicamente e também via metáfora (ESTADOS SÃO LOCAIS) a relação entre construções binominais quantitativas e construções de modificação de grau, cumprindo, dessa maneira, o terceiro objetivo da tese.

O tema da quantificação, mesmo no se refere especialmente às construções binominais quantitativas, é vasto e há muito ainda a ser estudado nessa área. Acredita-se que a presente tese contribui para esses estudos, mas é de se considerar, sem dúvida, os seus limites, entendendo-a como uma ponte para o desenvolvimento de novas diretrizes em torno do tema.

REFERÊNCIAS:

ALONSO, K. S. B. Construções binominais partitivas e construções de modificação de grau. Trabalho apresentado para a professora Lilian Ferrari, na disciplina Tópicos avançados em Linguística Cognitiva no segundo semestre de 2008. mimeo 2009.

ARISTÓTELES. *Órganon*. Tradução de Edson Bini. Bauru: EDIPRO, 2005.

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 2 ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

BARLOW, M., KEMMER, S. (Org.). *Usage based models of language*. Stanford, California: CSLI Publications, 2000.

BOLINGER, D. *Degree words*. The Hague/Paris: Mouton, 1972.

BRINTON, L. J., TRAUGOTT, E. C. *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

BUENO, F. S. *Grande dicionário etimológico – prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1968.

BYBEE, J. Diagrammatic iconicity in stem-inflection relation. In: HAIMAN, J. (Org.). *Iconicity in syntax*. Amsterdam: Benjamins, 1985.

BYBEE, J. From usage to grammar: The mind's response to repetition. *Language*, Washington, DC: Linguistic Society of America, v. 82, n. 4, p. 711-733, 2006.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B., JANDA, R. (Org.). *A handbook of historical linguistics*. Malden, MA: Blackweel Publishing, 2003

CASTILHO, A. T., ILARI, R., MOURA NEVES, M. H. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

CHOMSKY, N. *Ideas and Ideals*. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CHOMSKY, N. *Linguística cartesiana*. Petrópolis: Vozes, 1972.

CHOMSKY, N. *Syntactic Structure*. Berlin: Mouton, 2002.

CROFT, W. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, C. F., CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, M. A. F., OLIVEIRA, M. R., MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

DAVIES, M., FERREIRA, M. J. O corpus do português (45 milhões de palavras, sécs. XIV-XX). 2006. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>. Acesso em: 03 jan. 2010.

DUCROT, O. *Dire et ne pás dire: principes de sémantique linguistique*. Paris: Hermann, 1972.

ERNOUT, A. MEILLET, A. *Dictionnaire etymologique de la langue latine*. Paris: Klincksieck, 1951.

EVANS, V. *A Glossary of Cognitive Linguistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.

FAUCONNIER, G. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FELTES, H. P. M. *Semântica Cognitiva: ilhas, pontes e teias*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FERRARI, L. V., ALONSO, K. S. B. Subjetividade e construções de futuro no português brasileiro. *Revista Alfa de estudos linguísticos*, São Paulo, v. 53, n. 1, p. 223-241, 2009.

FILLMORE, C. Innocence: a second idealization for linguistics. In: *Proceedings of the annual meeting of the Berkeley Linguistics Society*, Berkeley, CA: BLS, v. 5, 1979.

FRANCIS, E. J., MICHAELIS, L. A. (Org.). *Mismatch: form-function incongruity and the*

architecture of grammar. Stanford, CA: CSLI Publications, 2003.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1995.

GIVÓN, T. Historical syntax and synchronic morphology: an archaeologist's field trip. *Proceedings of the Annual Meeting of the Chicago Linguistics Society*, Chicago, IL: CLS, v. 7, p. 394-415, 1971.

GOLDBERG, A. E. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Argument Structure Constructions: Theoretical arguments*. Apresentação usada no curso Construction grammar, Berkeley, 2009.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, J. R. C. A evolução dos pronomes demonstrativos do latim ao português. In: SILVA, J. P. (Org.). *História da língua portuguesa. Cadernos da pós-graduação em língua portuguesa*, São Gonçalo, UERJ, n. 1, 2001.

GONÇALVES, S. C. L., LIMA-HERNANDES, M. C., CASSEB-GALVÃO, V. C. (Org.). *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HEINE, B., KUTEVA, T. *World lexicon of grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

HEINE, B., KUTEVA, T. *The genesis of grammar: a reconstruction*. Oxford: University Press, 2007.

HOPPER, P. J., TRAUGOTT, E-C. *Grammaticalization*. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HOUAISS, *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua portuguesa*. Versão eletrônica, 2.1. 2001.

LABOV, W. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W., MALKIEL, Y. (Org.)

Perspectivives on Historical Linguistics. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982.

LAKOFF, G., JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago/London: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G., JOHNSON, M. *Woman, fire and dangerous tinhgs*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. An Introduction to Cognitive Grammar. In: EVANS, V., BERGEN, B., ZINKEN, J (Org.), *The Cognitive Linguistics Reader*, London and Oakville, CT: Equinox. 2007.

LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar*. Stanford: Stanford University Press, 1987. 2v.

LEHMANN, C. Grammaticalization: synchronic variation and diachronic change. *Lingua e Stille*, v. 20, p. 303-318, 1982.

LIMA, J. P. Sobre a gênese e a evolução do futuro com “ir” em português. In: SILVA, A. S. (org.). *Linguagem e Cognição*. Braga: Associação Portuguesa de Lingüística/Universidade Católica Portuguesa, 2001.

MACHADO, J. P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2 ed. São Paulo: Lisboa / Livros Horizonte / Editorial Confluência, 1967.

MATEUS, M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. 6 ed. Lisboa: Caminho, 2003.

MATOS e SILVA, R. V. *Caminhos da linguística histórica - “ouvir o inaudível”*. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

MODOLO, M. A gramaticalização da preposição "de " na formação dos advérbios modalizadores delimitadores "mais de", "menos de" e "antes de". *Revista Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 33 (XXXIII), p. 238-243, 2004.

MÓIA, T. Aspectos da Modificação de Estruturas Nominais. *Discursos*, Estudos de Língua Portuguesa 4, p. 37-63, 1993.

NASCENTES, A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955.

NASCIMENTO, R. A. C. *Zero ou um: uso do artigo indefinido diante de nomes incontáveis*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2008.

NEVES, M. H. M. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: UNESP, 1999.

NOËL, D. *Diachronic construction grammar vs. Grammaticalization theory*. 2006. Disponível em: <<http://hub.hku.hk/handle/123456789/38694>>. Acesso em: 10 jul. 2007.

QUIRK et al. *A Comprehensive Grammar of the English Language*. New York: Oxford University Press, 1985.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

SALOMÃO, M. M. M. Gramática das Construções: a questão da integração entre sintaxe e léxico. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora: UFJF, v. 6, n.1, p. 63-74, 2002.

SALOMAO, M. M. M. *Teorias da linguagem: a perspectiva sociocognitiva*. In: MIRANDA, N. S., SALOMÃO, M. M. M. (Org.). *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2009.

SAPIR, E. *A lingüística como ciência*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SILVA, J. R. *Motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas nos processos de intensificação*. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem (PpgEL), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), 2008.

TALMY, L. *Grammatical construal: the relation of grammar to cognition*. In: GEERAERTS, D. (Org.). *Cognitive Linguistics: Basic Readings*. Berlim/Nova York: Mouton de Gruyter, 2006.

TOMASELLO, M. *Constructing a language – a used-based theory of language acquisition*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2003.

TRAUGOTT, E. C. Constructions in grammaticalization. In: JOSEPH, B. D., JANDA, R. D. (Org.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell Publishing Ltda, 2003.

TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization and construction grammar*. Handout apresentado no I Workshop on Grammaticalization of the Discourse and Grammar Research Group/ XI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática. Rio de Janeiro: UFRJ, jun. 2007a.

TRAUGOTT, E. C. The concepts of constructional mismatch and type-shifting from the perspective of grammaticalization. *Cognitive linguistics*, Berlin/New York: Mouton de Gruyter, v. 18, n. 4, p. 523-557, 2007b.

TRAUGOTT, E. C., DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAVAGLIA, L. C. Ensino da língua materna – gramática e texto: alguma diferença? *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 14, n. 1, p. 171-179, jul./dez. 1997.

UNGERER, F., SCHMID, H-J. *An introduction to cognitive linguistics*. London/New York: Longman, 1999.

WITTGENSTEIN, L. *Gramática Filosófica*. São Paulo: Loyola, 2003.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*. Coleção: Os Pensadores (inclui Vida e obra de Wittgenstein). 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)